

A Vida Além do Véu

**Mensagens de Espíritos
recebidas e ordenadas por
Reverendo George Vale Owen**

**LIVRO 4
Os Batalhões do Céu**



Turner – A Floresta de Bere



Conteúdo resumido

O presente volume faz parte de uma série de obras intitulada “A Vida Além do Véu”, cujos títulos individuais são relacionados logo em seguida a este resumo.

No todo elas constituem uma descrição da vida no mundo espiritual, além de mensagens e conselhos, ditados por diferentes Espíritos ao Rev. George Vale Owen. Seus principais colaboradores do plano espiritual são sua mãe e o seu guia espiritual.

O autor narra as condições da vida no além, as diversas atividades dos seres libertos do corpo material, a evolução do Espírito no plano espiritual, a assistência aos Espíritos que vivem nos planos inferiores, as diferentes esferas espirituais, os trabalhos dos abnegados missionários dos planos superiores, entre outros.

O objetivo da obra é demonstrar a realidade da vida após a extinção do corpo material, a imortalidade da alma e a comunicabilidade dos Espíritos com o nosso plano de existência física.

* * *

Os Escritos de George Vale Owen foram publicados em cinco volumes, sob o título geral de “A Vida Além do Véu”.

Os livros que compõem esta série se denominam:

- 1 – “Os Planos Inferiores do Céu”
- 2 – “Os Altos Planos do Céu”
- 3 – “O Ministério do Céu”
- 4 – “Os Batalhões do Céu”
- 5 – “As Crianças do Céu” e
”Os Planos Exteriores do Céu”

O quinto volume, *As Crianças do Céu e Os Planos Exteriores do Céu*, publicado posteriormente e assumido por uma editora diferente da dos outros quatro, foi omitido nas reedições subsequentes dos Escritos, permanecendo, assim, destacado da série.

Notas Preliminares

(Texto comum aos cinco livros da série)

A Associação Mundo Maior empreendeu a reedição dos quatro volumes que compreendem os iluminados escritos recebidos através da mediunidade do Rev G. Vale Owen. Foi uma grande perda para o Movimento que estes escritos tenham estado sem reimpressão por tanto tempo, pois é de concordância geral que nenhuma outra comunicação da Esfera Espiritual teve tão amplo interesse no mundo em geral. Isto é devido em parte, sabemos, à extensiva publicidade que lhes foi dada pelo grande jornalista Lord Northcliffe que, ignorando o preconceito geral e o cinismo, olhando para as possibilidades de tais comunicações, publicou-as em série no “The Weekly Dispatch” em 1920-21, e gastou muito dinheiro para sua divulgação.

É natural a pergunta: “*Como essas mensagens espirituais foram recebidas?*” A resposta é dada pelo próprio Vale Owen adiante, no tópico “Como vieram as mensagens”.

Aí vem a próxima pergunta: “*Como era esse clérigo?*” Aqueles que não conheceram Vale Owen podem bem achá-lo um sonhador, um homem apartado das coisas comuns da vida diária – um santo ou um asceta. Mas embora todos os que conheceram Vale Owen pessoalmente não tivessem dúvida de sua espiritualidade, não concordariam com que alguém dissesse que “vivia nas nuvens”; ao contrário, ele foi alguém que precisava de amor humano e da alegria da vida física.

Estamos muito gratos, portanto, ao Reverendo G. Eustace Owen por dar-nos os poucos detalhes sobre seu pai, os quais mostram que ele foi um homem prático, com senso de humor e uma grande tolerância pelas fraquezas dos outros, o que significa que ele foi tanto um bom companheiro quanto um bom cristão.

O Reverendo Eustace Owen escreve:

“Em seu livro *Com Northcliffe na Rua Fleet*, J. A. Hammerton alude ao Reverendo Vale Owen como “aquele visionário típico

do tipo meio cristão, meio espiritualista”. Essa visão é comum a muitos dos que o conheceram através de seus escritos; mas não é um retrato verdadeiro. Meu pai foi um visionário sem ser excêntrico. Embora tivesse uma visão clara da base espiritual da vida, ele foi em geral prático e metódico em todo seu modo de ser.

“Eu me lembro de quão gentilmente ele se relacionava com outros, de quão franco era em argumentar, de sua tolerância com os oponentes, e de como suportava as perseguições com imensa paciência. Muitas vezes a espada de um oponente era neutralizada por sua compreensão a respeito daquele que a manjava! Entretanto ele podia ser severo quando necessário. Qualquer forma de crueldade despertava sua indignação. Aos fanfarrões e intrigantes, ele transformou-se em um verdadeiro Elias!

“Jamais conheci alguém mais direto em seus pensamentos e palavras, ou alguém que detestasse impostores mais que ele. Sob sua suavidade repousava a dureza de um bom soldado da Cruz. Ele agüentou sem vacilar o desprezo e as perseguições. A quietude às vezes encobre uma rara coragem.

“No livro *Ele riu na Rua Fleet*, Bernard Falk descreve um encontro entre Lord Northcliffe e meu pai, no escritório do “The Times”, quando aquele lhe ofereceu para que aceitasse mil libras pela publicação de extrato dos Escritos no “Weekly Dispatch.”

Ele continua:

“Vale Owen balançou sua cabeça. Por esta parte de seus escritos, dizia ele, não poderia aceitar nenhum dinheiro. Ele foi bem pago pela publicidade que lhe foi dirigida, e por ser capaz de cumprir a sagrada tarefa de expor suas revelações diante do mundo. Conhecendo bem a pobreza de Vale Owen, fiquei genuinamente triste ao vê-lo recusar pagamento, mas nada o dissuadiu...”

Reverendo G. Eustace Owen acrescenta:

“Toda nossa família está satisfeita por não terem deixado os Escritos permanecerem em esquecimento. A nova geração precisa, particularmente, do conforto e da luz de sua mensagem. Estamos muito felizes por *O Mundo Maior* ter empreendido esta

reedição tão compreensiva e corajosamente. Possa tal confiança ser justificada e seu trabalho abençoado!”

Uma apreciação de Lord Northcliffe

(Texto comum aos cinco livros da série)

Não tive oportunidade de ler *A Vida além do Véu* por inteiro, mas dentre as passagens em que percorri os olhos, muitas são de grande beleza.

Parece-me que a personalidade do Reverendo G. Vale Owen é assunto de profunda importância e deve ser considerada em conexão com estes documentos tão marcantes. Durante o breve encontro que tivemos, senti que estava na presença de um homem com sinceridade e convicção. Não clamava por nenhuma retribuição material. Expressou o desejo de que a publicidade fosse a menor possível, e declinou qualquer emolumento que pudesse receber como resultado do enorme interesse alcançado pelo público por estes Escritos, no mundo inteiro.

Northcliffe

Prefácio

(Texto comum aos cinco livros da série)

Estes Escritos – transmitidos por escrita automática ou, mais corretamente, por escrita inspirada – apresenta quatro partes distintas, todas, entretanto, formando um todo progressivo. Foi, bem evidentemente, tudo planejado anteriormente por aqueles que se incumbiram de sua transmissão.

O elo entre mãe e filho foi, sem dúvida, considerado como a via mais desejada pela qual se abririam as comunicações em primeira instância. Foram, portanto, minha mãe e um grupo de amigos que me transmitiram a primeira parte.

Em se provando que o experimento foi um sucesso, apresentou-se outro professor, chamado Astriel, um dos de maior graduação, de pensamento mais filosófico e melhor dicção. As mensagens transmitidas pelo grupo de minha mãe e Astriel formam o primeiro livro dos Escritos, *Os Planos Inferiores do Céu*.

Tendo passado por esse teste, fui guiado por Zabdiel, cujas mensagens estão num nível superior àquelas narrativas simples de minha mãe. Estas formam *Os Altos Planos do Céu*.

A fase seguinte foi *O Ministério do Céu*, transmitido por aquele que identificou a si próprio como Líder, e seu grupo. Subseqüentemente, ele parece ter assumido, mais ou menos, o controle exclusivo da comunicação. Aí, ele fala de si mesmo como sendo “Arnel”. Sob este nome, sua narrativa, a qual forma o quarto livro, *Os Batalhões do Céu*, é o clímax do todo. Suas mensagens são de uma natureza mais intensa que qualquer outra precedente, as quais foram, evidentemente, preparatórias.

Será óbvio que, para se obter a verdadeira perspectiva, os livros devam ser lidos na seqüência dada acima. De outro modo, algumas das referências nos volumes posteriores aos incidentes narrados anteriormente podem não ficar bem claros.

No que concerne aos personagens na transmissão das mensagens: minha mãe passou para a vida maior em 1909, com 63

anos de idade. Astriel foi Diretor de uma escola em Warwick nos meados do século XVIII. Da vida terrestre de Zabdiel, sei pouco e nada certo. Arnel dá alguma explicação dele mesmo nos textos. Kathleen, que atuou como amanuense no lado espiritual, viveu em Anfield, Liverpool. Ela foi costureira e morreu com a idade de 28 anos, aproximadamente 3 anos antes de minha filha Ruby, a qual é mencionada no texto e que passou para o outro lado em 1896, com a idade de 15 meses.

Outubro, 1925
G. Vale Owen

Como vieram as mensagens

(Texto comum aos cinco livros da série)

Há uma opinião generalizada de que os clérigos sejam pessoas muito crédulas. Mas nosso treino no exercício das faculdades críticas coloca-nos entre os mais difíceis de se convencer quando alguma nova verdade está em questão. Levou um quarto de século para que me convencessem: dez anos de que as comunicações espirituais eram um fato, e quinze de que o fato era legítimo e bom.

Desde o momento em que tomei esta decisão, a resposta começou a aparecer. Primeiro, minha esposa desenvolveu a capacidade da escrita automática. Aí, através dela, recebi ordens de que deveria sentar silenciosamente, lápis na mão, e externar quaisquer pensamentos que parecessem vir à minha mente, projetados ali por alguma personalidade exterior, e não conseqüentes do exercício de minha própria mente. A relutância retardou tudo por um longo tempo, mas finalmente senti que amigos estavam perto, e que queriam, muito seriamente, falar comigo. De nenhuma forma sobreuseram ou compeliram minha vontade – isto teria resolvido o assunto rapidamente, tanto quanto posso compreender –, mas suas vontades eram mais claras ainda.

Senti finalmente que deveria dar-lhes uma oportunidade, porque estava tomado pelo sentimento de que a influência era boa, portanto, enfim, muito cheio de dúvida, decidi me sentar em minha batina, na sacristia, depois das vésperas.

As primeiras quatro ou cinco mensagens vagaram, sem rumo certo, de um assunto a outro. Mas gradualmente as sentenças começaram a tomar forma consecutiva, e finalmente obtive algumas que eram compreensíveis. Daquele tempo em diante, a desenvoltura melhorou com a prática. O leitor encontrará o resultado nas páginas seguintes.

Outono, 1925
G. Vale Owen

* * *

Antes de começar a escrever, o senhor Vale Owen numerava uma quantidade de folhas de papel, que colocava diante de si, na mesa da sacristia. Então, usando uma pálida luz de vela para iluminar a primeira folha de papel, ele esperava, com o lápis em sua mão, até sentir as influências que o faziam escrever. Uma vez começada, a influência mantinha-se ininterrupta até que a mensagem daquela noite fosse concluída pelo comunicador. As palavras da mensagem vinham numa corrente que fluía e eram postas juntas como se o escritor estivesse tentando acompanhar o ritmo da comunicação que estava sendo impressa em sua mente. Uma reprodução de uma página dos escritos foi dada no volume I de “A Vida Além do Véu”, que é *Os Planos Inferiores do Céu*.

H.W.E.

Introdução

por Sir Arthur Conan Doyle

(Texto comum aos cinco livros da série)

A longa batalha está próxima do fim. O futuro pode ser sondado. Pode ser retardado a muitos, e a muitos ser um desapontamento, mas o fim é certo.

Sempre pareceu certo àqueles que estão em contato com a verdade que, se os documentos inspirados das novas revelações realmente chegassem às mãos do público em massa, todos teriam ainda mais certeza, por sua beleza inata e pela racionalidade que varre para longe todas as dúvidas e todos os preconceitos.

Agora a publicidade mundial já os está levando a todos, tendo sido selecionados dentre eles os mais puros, os mais elevados, os mais completos, os mais dignos provindos da fonte. Verdadeiramente, a mão de Deus está aqui!

A narrativa está à sua frente, e pronta para falar por si própria. Não a julgue meramente pelo folhear das páginas, arrogantemente como isso poderia ser, mas note cada beleza que flui da narrativa e firmemente vai tomando volume até alcançar um nível de grandeza substancial.

Não censure por detalhes ínfimos, mas julgue-a pela impressão geral. Evite encarar algo indevidamente por ser tudo novo ou estranho.

Lembre-se de que não há narrativa na Terra, nem mesmo a mais sagrada de todas, que não deixaria de tornar-se ridícula pela extração de passagens de seu contexto e por se adensar o que é imaterial. O efeito total em sua mente e em sua alma é o único parâmetro para se julgar o alcance e poder desta revelação.

Por que Deus teria selado as fontes de inspiração de dois mil anos atrás? Que garantia temos nós, em qualquer lugar, para uma convicção tão sobrenatural?

Não é infinitamente mais razoável que um Deus vivo continuasse mostrando uma força atuante, e aquele saudável socorro e a sabedoria que emanam d'Ele para fomentar a evolução e o poder, aumentados em compreensão por uma natureza humana mais receptiva, agora purificada pelo sofrimento?

Todas essas maravilhas e prodígios, esses acontecimentos sobrenaturais dos últimos 70 anos, tão óbvios e notórios que somente olhos fechados não os veriam, são triviais por si próprios, mas são sinais que chamaram à atenção nossas mentes materialistas e direcionaram-nas a estas mensagens, das quais estes escritos em particular podem ser tidos como sendo o mais completo exemplo.

Há muitas outras, variando em detalhes, de acordo com a esfera descrita ou a opacidade de seu transmissor, pois cada um dá toques de luz para maior ou menor intensidade, conforme vai passando a mensagem. Somente com espírito puro será possível que os ensinamentos sejam recebidos absolutamente puros, e então esta história de Céu deverá estar, podemos pensar, tão próxima a isto quanto a nossa condição de mortais permite.

E são subversivos às velhas crenças? Milhares de vezes, não! Ampliam-nas definindo-as, embelezando-as, completando os vazios que sempre nos desnortearam, mas também, exceto aos pedantes de mente estreita para palavras esclarecedoras e que perderam o contato com o espiritual, são infinitamente renovadores e iluminados.

Quantas frases efêmeras das Velhas Escrituras têm agora sentido e formato palpável? Não começamos a entender aquela “Casa com muitas moradas” e perceber de Paulo “a Casa que não é feita por mãos”, mesmo quando captamos algumas fugazes percepções daquela glória que a mente humana não concebeu nem sua boca pronunciou?

Tudo isso cessa de ser uma visão longínqua e torna-se real, sólida, garantida, uma luz à frente enquanto singramos as águas escuras do tempo, acrescentando uma alegria profunda a nossas horas de tristeza e secando a lágrima do pranto de dor ao assegurar-nos de que não há palavras que expressam a alegria que nos

espera se formos apenas verdadeiros perante a Lei de Deus e nossos maiores instintos.

Aqueles que interpretam mal as palavras usadas dirão que Mr. Vale Owen obteve tudo de seu subconsciente. Podem tais pessoas explicar por que tantos outros tiveram a mesma experiência, num grau menos elevado?

Eu mesmo sintetizei em dois pequenos volumes a descrição geral do outro mundo, delineada por um grande número de fontes. Foi feita tão independentemente da narrativa de Mr. Vale Owen quanto sua narrativa foi independente da minha. Nenhum teve acesso possível ao outro. E ainda agora, enquanto leio esta, de concepção maior e mais detalhada, não encontro nem um simples ponto relevante no qual eu tenha cometido alguma incorreção.

Como, então, essa concordância é possível se o esquema geral não estiver baseado numa verdade inspirada?

O mundo precisa de uma força condutora mais poderosa. Tem sido regido por velhas inspirações da mesma forma que um trem anda quando a sua máquina é removida. É necessário um novo impulso. Se a religião tem sido um fator impulsor, então ela própria deveria ter se imposto no maior assunto de todos – os relacionamentos entre as nações – e a recente guerra teria sido impossível. Qual igreja há que se saia bem neste supremo teste? Não está manifesto que as coisas do espírito precisam ser restabelecidas e religadas aos fatos da vida?

Uma nova era está começando. Aqueles que estejam trabalhando por isto podem ser desculpados se sentirem alguma sensação de satisfação reverente à medida que vêm as verdades pelas quais trabalharam e testificaram ganhando atenção mais ampla no mundo. Não é ocasião para uma autodeclaração, pois cada homem ou mulher que foi honrado por ter sido permitido a eles trabalharem por tal causa é bem consciente de que ele ou ela é nada mais que um agente nas mãos das invisíveis – mas muito reais –, amplas e dominadoras forças. E ainda, não seríamos humanos se não ficássemos aliviados ao vermos novas fontes de poder, e ao percebermos que a toda-preciosa embarcação está segura, mais firme do que nunca, em seu curso.

Arthur Conan Doyle

Os Batalhões do Céu

Capítulo I O templo do Monte Sagrado

Terça, 5 de fevereiro de 1918.

Você gostaria que lhe déssemos a descrição da forma e do aspecto do templo do Monte Sagrado.

Fica entre as esferas dez e onze, e quando dizemos isto queremos dizer que é visível a partir destas esferas, ainda assim não estando em nenhuma.

Sua origem deu-se desta forma. Épocas atrás, havia muitos que passavam de uma esfera para outra que eram qualificados por treinamento. Mas a esfera dez, de certa forma, é o lugar onde são acolhidos e ordenados todos os atributos de poder e caráter que foram ganhos em suas jornadas por aqueles que passaram através das esferas inferiores. Aqui termina um grande estágio de suas jornadas, e o estágio seguinte é aquele onde o progresso é feito de uma forma de evolução de certo modo diferente do que o desenvolvimento alcançado até aqui.

Até aqui, os deveres cumpridos pelos espíritos em sua evolução foram, como um todo, de qualidade protetora e fortalecedora. Você poderia chamá-los de anjos guardiães, talvez. Esta ajuda verdadeiramente evolui e torna-se de um tom mais espiritual conforme eles sobem mais alto. Mas essencialmente é de mesma ordem, apesar do aspecto ser diferente em sua aplicação sobre aqueles que são tutorados e ajudados, ambos na esfera da Terra e em todas aquelas esferas intermediárias até a décima.

Mas aqueles que entram na esfera onze assumem agora outra série de deveres. Seu serviço agora volta-se ao que é criativo. Começam a aprender os grandes mistérios do universo da vida, agora não mais quanto ao poder operativo como manifestações mais exteriores, mas quanto à sua potência íntima, como é encontrado mais junto aos mais santos que já quase habitam a Casa do Pai. Portanto eles acrescentam as maiores às menores qualidades já assimiladas por suas personalidades e, tornando-se sintonizados por degraus à esfera acima, preparam-se para o avanço ao reino onde a criação descortina-se a eles em toda sua imensa panóplia de poderes e beleza majestática.

Este é um dos usos daquele templo e sem dúvida o principal, e os outros não temos necessidade de mencionar por agora. Porque você preferiria que tentássemos descrever-lhe sua planta e elevação. Tentaremos fazê-lo, mas tenha em sua mente que, tanto nesta descrição de seu uso quanto nesta nossa descrição de seu aspecto, falaremos muito imperfeitamente, porque o templo não está ali para coroar uma esfera material, mas uma de substância espiritual, como também a atmosfera espiritual e o ambiente intensificados dez vezes mais pela sublimação. O que isto significa em termos de dinâmica e potencialidade de forças não paramos para avaliar, porque falharíamos ao fazer qualquer explanação a você em seu vocabulário terrestre.

Esse templo foi levantado com o propósito de mesclar as duas esferas, com seus vários aspectos de serviço, juntas. Aqui, então, aqueles que estão quase saindo de uma para a outra são postos juntos e habitam aqui usualmente por um período prolongado, indo, de vez em quando, para a esfera dez e as inferiores, no seu serviço de assegurar ajuda, ou proteger, ou instruir, ou desenvolver aqueles que habitam ali.

Mas também começam a acompanhar os da esfera superior em suas missões na esfera onze. No princípio não vão muito longe, nem por longo tempo. Mas conforme vão se fortalecendo e sintonizando-se com as pulsações mais sutis daquela esfera, então seguem mais adiante para o interior, e ficam ali mais e mais tempo. Retornando, descansam no templo, e, talvez, no ínterim, vão às esferas inferiores para cumprir deveres de traba-

lho ali. Você já recebeu a descrição de uma destas missões enviadas numa jornada através dos reinos mais baixos e nas trevas mais profundas. Aquela nossa missão, amigo, foi um teste severo, porque englobava em sua totalidade, não uma ou duas, mas toda a gama de esferas entre a Terra e esta, e também invadia aqueles locais mais distantes. Esse foi um extenuante teste de resistência, adaptabilidade de condições e de sintonia de nossas mentes, tanto quanto de nossos corpos, para lidarmos com problemas há tanto tempo afastados de nossa condição normal e do temperamento de vida e de serviço; este foi o intento. Meu teste final foi no templo e estava pronto para avançar em direção à esfera onze, e para meus bons amigos que foram para mim uma companhia, também foi um teste para seu avanço da esfera nove para a esfera dez, e para dois deles da esfera dez nesta direção, para serem habitantes do templo.

Também você notará uma certa significação no fato de que fui encarregado de ir e agrupar aquela multidão de pessoas na escuridão completa,¹ e trazê-los em direção à luz, como um teste final de trabalho antes de minha chamada para a série de esferas onde a faculdade criativa é acelerada e treinada. Não havia entendido então, nem agora ainda, porque minha iluminação apenas iniciou, e parece que já vejo um pouquinho das glórias que estão adiante para aqueles que uma vez estiveram em tão doloroso transe, e que agora estão quase chegando ao alívio, e finalmente sendo capazes de saber o que é a felicidade para aqueles que vão em direção do caminho apontado.

*Então você passou da décima para a décima primeira esfera?*²

Não em permanência ainda. Ainda sou um habitante do templo, mas mais e mais sintonizo-me com as condições da esfera onze. Tantos são os itens que perfazem a soma de nossa vida aqui, e que contudo são de muita importância ainda, que enquanto hesito ao superar um deles, você não teria nem tempo nem material para escrever uma milésima parte deles. Aqui está um:

O período de residência naquele templo é quase sempre um longo período. No meu caso será mais longo que o da maioria. Por esta razão: eu tenho tutelados (quero dizer o povo de Barna-

bás) para observar, auxiliar, e conservar no caminho do progresso. Devo, de vez em quando, visitá-los pessoal e visivelmente; devo portanto manter-me em boas condições para condicionarme rapidamente não para alguma esfera uma ou duas vezes afastada de meu atual reino, mas para uma bem distante, nos escuros confins do espaço, para dizermos assim.

A minha tarefa é, portanto, dobrada. Fico aqui no plano intermediário, e devo manter uma mão estendida para cima para captar, e a outra estendida para baixo para doar. Bem, bem, eis aí, amigo, não é necessário que eu me alongue. Você entenderá o que quero dizer.

Zabdiel passou para a esfera onze, não foi? ³

Sim, no que diz respeito a seu principal trabalho. Mas ainda ele vem ao templo em ocasiões e, sintonizando-se uma vez mais ao seu antigo estado, passa adiante em direção à Terra em alguma missão naqueles planos inferiores da vida. Retornando, passará pelo templo a caminho de seu próprio local de servir.

E agora é suficiente, para esta ocasião, de falarmos de condicionamento e do ambiente. Deixe-me contar-lhe do templo em si. Mas paremos por agora; você está desgastado em suas forças.

Mas antes de eu ir, Líder,⁴ gostaria que dissesse seu nome. “Líder” é o único pelo qual o conheço, e para mim ele não é muito recomendado.

Bem, bem, meu filho, pode ser que há algo em um nome, ademais, para tudo o que você tem de sabedoria, o seu dito. Sou conhecido por outro nome nestas esferas superiores ao templo. Mas nestas abaixo, sou chamado pelo nome “Arnel”. Por isso pode chamar-me assim também, se lhe agrada mais, meu amigo.

Minha mãe havia me dito de alguém chamado “Arnol.” ⁵

Não há no abecedário terrestre letras que transcrevam os nomes celestiais, para colocá-los em forma terrestre. Eu sou aquele de quem sua mãe falou – escreva com uma ou outra letra, como queira; será suficiente que você me conheça por este nome daqui em diante. Isto lhe satisfaz – devo dizer que é “recomendado” agora, meu filho?

Isto é uma crítica a mim, senhor. Bem, posso admiti-la.

Sim, deve admiti-la, porque agora aqui esteve mais duro, não esteve com um sentimento mais gentil. Então, boa noite – tão estranho está este som nestes meus lábios que nunca exalam o ar noturno, quanto meu nome está nos seus.

Arnel †⁶

Sexta, 8 de fevereiro de 1918.

Eu havia lhe dito do uso do templo do Monte Sagrado. Agora darei uma descrição da estrutura em si, mas não em detalhes, porque não seria possível. Um precipício escarpado eleva-se sobre o campo, e no platô superior está o templo. Aquela porção dele é vista da planície embaixo, mas uma pequena ala, e não o prédio principal. A multidão ali reunida, e olhando para cima, vê o pórtico e as arcadas das laterais da ala que está de frente para aquela parte. De sua posição mais alta, seu tamanho e os elementos proporcionais de arquitetura são, assim são vistos, tanto majestáticos quanto belos. Entrando pelo portal e passando através dele, viramos à direita e contornamos uma colunata a Céu aberto, coberta porém sem paredes laterais, que contorna o prédio principal ficando a alguma distância dele, interrompida em intervalos quando então é atravessada por corredores formando cruzamentos, à esquerda, levando em direção ao templo central, e à nossa direita levando a outras alas separadas, com seus portais. Todas estas, entretanto, defrontam-se com distritos na esfera onze, e somente aquela que você já conhece dá para a esfera dez. Estas alas, cada uma é devotada a um uso especial, e são em número de dez. Este número não se refere às dez esferas inferiores, mas às que estão à frente.

Este número inclui o portal em frente à décima esfera?

Não, este é como se fosse único, e refere-se somente às esferas abaixo. Esses dez referem-se à décima primeira esfera e às esferas que se sucedem. Em cada ala há um grande saguão; e as alas não são idênticas em tamanho, não há duas parecidas. De uma forma que você não entenderia, cada um destes saguões está imbuído dos elementos da esfera ao qual se referem, e está também em comunhão com aquelas esferas. É aqui que as men-

sagens são recebidas daquelas esferas, transcritas para a linguagem da esfera onze, e ali discutidas, ou são mandadas para o distrito ao qual são concernentes.

Também, quando grupos dos habitantes do templo vão em direção a estas esferas superiores, o contato com eles é sempre mantido nestas alas e, conforme vão passando de uma esfera à outra, assim a ligação é mantida pelas alas em contato com a esfera para a qual foram enviados em sua jornada.

Viramos à esquerda por um destes corredores que cortam a colunata circular. Ele passa através de pátios e jardins e bosques, todos maravilhosamente mantidos, contendo fontes, estátuas, lagos, caminhos de variadas cores de mármore, árvores, templos – alguns em réplica dos templos de esferas distantes, mas não em tão grande escala. E finalmente chegamos ao conjunto principal de prédios.

Este também têm dez portais, porém não dão para corredores, mas são, cada um, equidistantes entre dois corredores, enquanto esses terminam na parede do conjunto principal. Esses portais ficam nestas seções de espaço que ficam entre dois dos corredores, e que se estendem para longe. Na Terra você chamaria cada uma destas seções de parque, porque o templo é muito vasto em área, e também a colônia dos moradores do templo – eles são em número de muitos milhares e cada um tem suas acomodações, casa e jardins.

Pararemos diante do portal que está entre as alas das esferas doze e treze – elas não são numeradas assim aqui, mas vou chamá-las assim para não haver confusão. Há um amplo terraço aqui, saindo de cada lado do portal, passando alto sobre magníficas terras que se estendem em torno das montanhas que fazem sentinela no horizonte distante e que marcam a própria fronteira da esfera onze – pois o templo está construído meramente nos planos exteriores daquela esfera. O Portal dá para o terraço e projeta-se para além dele, para a praça, aonde o acesso é possível por degraus deslumbrantes de âmbar, emanando de si uma luz que encontra a luz de fora numa mescla que muda de acordo com a personalidade daqueles que estão ascendendo os degraus naquela hora. Aqui, você deve lembrar, tudo o que vocês chama-

riam de morto ou inanimado responde a tudo o mais. A pedra é afetada, e também afeta, pelo verde e as árvores; as árvores são afetadas pela presença das pessoas de acordo com a natureza de ambos, pessoas e árvores. Assim é com as casas e todos os prédios.

O portal em si é de muita beleza. Não é arredondado nem quadrado, mas de um formato que não lhe é possível imaginar. Se eu dissesse que não é tanto uma forma, mas um sentimento, você pensaria que estou falando em alegoria. Ainda assim é permanente com a permanência mais perfeita que a de qualquer prédio da Terra. Chame de madrepérola, ou vidro líquido, em substância, e será suficiente.

Passando por ele, chegamos a um espaço amplo e oblongo, coberto com um teto trabalhado em treliça, entrelaçado com plantas e flores, algumas das quais não têm suas raízes no solo, e outras são plantadas nele. Mas devo apressar-me. Adentramos finalmente no grande saguão do templo.

É aquele no qual você viu o Cristo no final de sua jornada?

O mesmo. Não tem teto, tal como você conceberia como teto. Mesmo assim não é aberto ao espaço. As torres em arco, altas e majestosas, elevam-se até o lugar onde estaria o teto, e são suportadas por pilares de cristal multicolorido. Mas seus arcos terminam numa fila sobre a qual está o que tem a aparência de uma nuvem de luz, mas uma luz de qualidade tal que é impenetrável àqueles que, na maioria, reúnem-se ali. A nuvem-teto não está sempre de uma cor só, mas muda de acordo com a maneira pela qual a cerimônia prossegue no saguão abaixo.

Eu já lhe contei sobre o altar e a sala do trono atrás dele. Em torno dos lados do saguão há outras salas como aquela. Uma é a sala de vestir. Agora pode parecer muito semelhante à Terra. Mas fá-lo-ei saber que vestir como aqui se denomina não é meramente a mudança de um casaco ou capote, mas uma cerimônia de espécie muito especial, momentosa. Deixe-me contar-lhe.

Há ocasiões em que as transações realizadas no grande saguão são carregadas do poder elétrico das esferas mais avança-

das. Nestas horas é necessário que os da esfera onze, ou qualquer esfera inferior àquela de onde vem a influência, estejam cada um de tal forma condicionado que a corrente vital recebida sobre seu corpo venha em seu benefício e não acabe por feri-lo. Portanto a cerimônia de vestir diligentemente toma lugar na sala de vestir, onde todos são cuidadosamente tratados por aqueles que são especialistas em santidade e poderes, assim sua vestimenta muda para o matiz, textura e tipo requisitados. Isto apenas é alcançado pela personalidade daquele que usa. As qualidades mais íntimas dele são denotadas pelo aspecto de sua roupa. Somente assim alguém pode entrar a salvo naquele saguão e tomar parte na cerimônia em curso.

Pode ser que esteja acontecendo um evento de um grupo a serviço de outras esferas – uma cerimônia de despedida. Nesta hora a congregação combina dar influências misturadas em matéria de força para aqueles que para ali foram enviados. Isto é portanto requerido para que tudo seja feito de forma que a harmonia da combinação seja perfeita. Estes de grau menor, ou recém chegados, têm que manter, para esse fim, uma sintonia muito cuidadosa na sala de vestir, e então poderão doar uma parte de seu ganho aos missionários.

Ou talvez uma manifestação esteja em curso. Pode ser uma manifestação de alguma forma da Mente Divina, ou de alguém muito elevado, ou do próprio Cristo. Então tal roupagem é cuidadosamente vista: se fere, ou se não é adequada; então se decide. Mas jamais escutei de terem cometido um erro nesse campo. Apesar de que na teoria certamente isto é possível.

Freqüentemente, entretanto, os chegados mais recentes ficam enfraquecidos à medida que se aproximam do saguão, quando a presença de uma personalidade muito poderosa ou de alguma influência intensa está espargida por lá. Então retornam por um tempo. É um teste, e através dele encaminham-se ao que é requerido em seus treinamentos. Desta forma não ficam sem a bênção também.

Se você for em direção às montanhas e vir o templo de alguma colina, ele aparecerá como uma cidade, com as muitas torres e arcos e cúpulas e árvores e parques. E a vista é muito bela por

causa das pedras preciosas que emanam sua cintilação e brilham à distância. Porque cada cúpula ou pico tem a estrutura de uma pedra preciosa brilhando e piscando com a luz e a linguagem celestiais – pois cada item dos prédios e cada cor e grupo de cores ou das gemas têm uma significação que pode ser lida por aqueles que habitam ali. Eles próprios não são menos encantadores conforme movimentam-se para lá e para cá através dos pórticos, ou nos balcões ou nas coberturas dos prédios ou nos parques. Eles se mesclam com as outras belezas e glórias do lugar, somando em paz tanto quanto em esplendor. Porque eles e o templo são parte um do outro, ou, como já disse antes, suscetíveis entre si, por isso não há desarmonia ali, mas tudo em perfeito porte de agrupamento e coloração. Se me tivessem pedido para dar à cidade do templo um nome em apenas uma palavra, eu a chamaria Reino da Harmonia. Porque ali está a união perfeita de som e cor e forma e temperamento dos que habitam por lá.

Arnel †

Capítulo II

Anjos gêmeos. Crianças natimortas

Segunda, 11 de fevereiro de 1918.

E agora, meu filho, gostaria que me cedesse sua mente enquanto tento descrever-lhe um daqueles eventos do templo, os quais chamo pelo nome de Serviço de Despedida e Manifestação, já que ocorrem ambos.

Estavam convergindo para o saguão central correntes de pessoas felizes que vieram de todas as partes da esfera para o chamado do mestre do templo. Eles estavam felizes, apesar de pensativos, porque estavam atentos a esta impressionante cerimônia que aconteceria, e por isso atingiram a mentalização que lhes seria possível fazer para um adiantamento em seu progresso. Pois essas manifestações são de natureza mística e sacramental, e estamos muito treinados em elevar-nos para atingir as altas influências que vêm da esfera superior, e podemos interpretar o motivo da cerimônia e assim sabermos que benção se pretende compartilhar.

Quando todos estavam reunidos lá dentro, olhei para a nuvem-teto e vi que a cor estava mudando. Quando eu havia entrado era dourada com raias azuis. Agora estava absorvendo e mesclando os matizes que a multidão trouxera com ela, e, à medida que outros mais chegavam, então o vapor vivo e mutante trocava de cor; até que, quando todos estavam ali, ficou de um tom profundo de vermelho aveludado. Isto é o mais perto que posso chegar das suas cores na Terra. Mas seu aspecto me dizia que também era influenciado por poderes de grau mais alto vindos de cima e que alguma presença já estava ali.

Então desceu ali desta nuvem-teto uma garoa destilada de sua própria essência e, caindo sobre nós com uma sensação de doces odores e suaves músicas, penetrou em nós com um brilho de exaltação e paz que elevou a todos numa combinação tal que nos tornamos não tanto uma multidão de individualizados, como num conjunto de células que formam o corpo de um homem,

mas mais unidos na simpatia do amor e no propósito pelo qual estávamos ali.

Então vimos que diante do caminho à frente da sala do trono uma nuvem estava se condensando por cima e tomando forma. Agora, tanto quanto possa, contarei deste fato, mas tenha em sua mente que se você o descrevesse novamente a um de meus companheiros desta esfera, apesar de que ele reconheceria este evento que você teria em mente para contar a ele, mas ainda assim ele diria que tal descrição não era verdadeira, por razões como omissão e também pelos nomes inadequados que você daria às coisas que teria que dizer a ele que foram vistas e ouvidas ali.

A nuvem estava tinta de verde estriada com espirais de âmbar em si, e coberta com um dossel azul. Esta nuvem estava constantemente em movimento, e finalmente tomou a forma de um pavilhão imponente cujo teto era do mais profundo violeta azulado e os pilares de verde e âmbar semitransparentes. Havia sete pilares ao todo em torno das laterais e atrás, em formato semicircular, e também dois em cada lado da principal abertura na frente. Estes últimos dois eram de violeta profundo, com faixas espiraladas avermelhadas e brancas no topo. Todos estavam pulsando com a vida daqueles que estavam desejando que esta gema de beleza existisse, e de sua estrutura procedia um murmúrio de melodia muito encantador de se sentir – já que não tanto era ouvido quanto sentido. Frequentemente aqui é mais real sentir o som que, como entre vocês, ouvi-lo.

Então, abaixo do dossel e no meio dos pilares, apareceu uma carruagem com a parte de trás voltada em nossa direção. Podíamos ver as cabeças e os quartos daqueles cinco maravilhosos cavalos na dianteira conforme agitavam suas cabeças e exultavam por sua presença no elevado drama do qual faziam parte. Eles eram de cor mais clara que a dourada, e suas caudas e crinas eram de um dourado mais profundo. Eram muito bonitos, e suas roupagens de cetim brilhavam quase refletindo as cores do pavilhão.

Então, de dentro da carruagem surgiu às nossas vistas uma linda jovem mulher. Ela estava nos olhando, e percebi toda sua

amabilidade e, enquanto a observava, nada mais via a não ser sua grande beleza. Seu corpo era de uma coloração que você não conhece. Chamarei de âmbar, mas não era da mesma tonalidade do âmbar dos pilares, mas mais radiante e transparente, mesmo assim com a aparência de realidade e permanência que eles queriam. Usava um manto de azul suave, mas onde ele recobria seu corpo, as duas tonalidades fundiam-se e tornavam-se um verde delicado. Em seus braços havia duas faixas de metal de coloração púrpura, e em seus pulsos faixas de metal da cor do rubi. Ela usava sobre seus cabelos um pequeno chapeuzinho vermelho profundo com uma estreita faixa branca e dourada, e seus cabelos eram castanho com uma nuance alaranjada, como se fossem tocados por um raio de sol do crepúsculo. E seus olhos eram de azul e violeta profundos.

Agora, enquanto olhávamos para aquele quadro, nós, cada um e todos, sentimos que esta rainha dos altos planos dos reinos celestes era uma senhora de – estou agora em falta, meu filho. Estou desejoso de contar-lhe o que ela significava para nós, o que ela era na realidade em sua casa, e não consigo encontrar as palavras que traduzam tal conteúdo para que eu use. Espere um momento, amigo, e eu continuarei...

Agora tome estas palavras e transcreva-as: rainha das mães, maternidade, um espírito gerando uma raça de pessoas e trazendo-a à sua própria realização como uma força para o progresso e para o que é bom; alguém que, pela eloquência de discurso, inspira vergonha naqueles que estejam dormentes e não progredem e, com risco de tumulto e arrebatamento, incita-os à atividade, enquanto verte sobre todos um sentimento das eternidades distantes concretas e presentes, quando todos se harmonizarem e forem absorvidos, uma majestade de paz; intrepidez e pureza, onde nenhuma vergonha pode advir do desamparo, e a fascinação da beleza está toda na santidade e na piedade e no amor. Resuma tudo na única palavra “Rainha”, e você terá tudo o que posso transmitir do que foi aquela visão para nós em sua mensagem.

Aí ela se virou e tocou levemente com sua mão cada um dos dois cavalos mais próximos dela, e eles, num giro, encararam a

multidão. Então, desceu da galeria, no extremo oposto do saguão, um jovem que andou pelo meio das pessoas e ficou diante do pavilhão. Ela sorriu para ele, e ele foi para a parte de trás da carruagem e subiu, ficando ao lado dela, e eles dois observaram a beleza de cada um deles, e em retorno, um para o outro, inclinaram-se numa mesura de ternura, enquanto ficavam ali, sensíveis, coração a coração, num chamado de amor e aspirações santas.

Poderia descrever este jovem, senhor?

Ele era uma mulher em cópia masculina. Um era o complemento e a contraparte do outro. Em somente uma parte ele parecia não ser semelhante. Sua roupa era de um matiz ligeiramente mais acentuado. Não notei de momento nada mais marcante que diferenciasse um do outro. Até mesmo o sexo estava expresso mais no espírito que corporalmente. Apesar disso, na forma ela era enfaticamente mulher, e ele, homem. Apenas para seu propósito.

Eles vieram para encabeçar um grupo daqueles que haviam sido preparados naquele templo e seus arredores, para liderá-los num empreendimento de ampla concepção, requerendo muita habilidade e poder para apoio. Era para que tomassem seu caminho para um planeta que estava justamente num estágio de evolução no qual o intelecto estava começando a desabrochar por si, e progredindo para uma ordem diferente, do bruto em direção ao homem – mas não seria em direção ao homem como o tipo da Terra, mas não muito diferente, e idêntico no essencial. Este grupo estava assumindo a tarefa de guia no progresso desta raça justamente neste estágio. Não terminariam sua tarefa em sua totalidade, nem em um só lance. Esta era a sua primeira visita aos príncipes criadores que conduziram o planeta ao seu atual momento decisivo. Eles retornariam, de vez em quando, para cá, para descanso e aconselhamento. Eles retornariam em grupos, deixando alguns deles para levarem adiante o trabalho, para serem substituídos por outros depois do descanso, e assim gradualmente os afazeres daquele planeta estariam totalmente em suas mãos, enquanto isso, nesta esfera e em algumas outras esferas, outros grupos suplementares estão sendo treinados para junta-

rem-se a eles quando chegar o tempo da expansão da raça e quando evoluírem ao estágio que requeira mais numerosos guardiães e reitores na administração daquela embarcação, à medida que ela navega os amplos espaços dos céus em seu caminho de névoa para substância, e para as criaturas vivas, e para a inteligência, e, como eu diria a você da Terra, da animalidade, através da espécie humana, em direção à Mente de Deus.

Este grupo, que ia receber agora nossos desejos de prosperidade, estava quase completando seu primeiro teste, não no empreendimento criativo – isto seguiria por uma eternidade adiante – mas na fase que, ao contrário, deveria levar eles mesmos às fronteiras do serviço criador – o desenvolvimento da vida já criada para novas formas de ser – que em si é criativo em princípio, e na realidade é um departamento das criações menores, mas não de criações novas e radicais.

Perceba, meu filho, que nesta manifestação daqueles dois espíritos, a mulher veio primeiro na carruagem, na ordem de seqüência, e o homem veio depois. Porque a maternidade é prioridade neste domínio deles, e ainda assim estão juntos e começam juntos, lado a lado e iguais. Isto é mistério: como dois podem ser um, um principal, o outro em segundo, e ambos iguais em unidade. É assim, mas deixarei assim, e você pode pensar nisto; apesar de que sinta que é verdade mais que raciocine sobre isto ser assim, penso eu.

Então adiantaram-se aqueles escolhidos para esta solene dignidade de conquista no infinito dos reinos espaciais tão distantes e tão aprofundados na escuridão, longe dali onde a matéria está no lugar da substância e do ambiente espirituais. Ah, você pouco sabe daquilo que isto significa para nós, correr da luz dos céus para a densa e cada vez mais densa escuridão, em direção ao abismo distante de estar onde os mundos são materiais, e onde os corpos, emanando faíscas de vida da mesma fonte da qual vivemos, são materiais também. Contudo uma vez já fomos assim. Estranho, mais que estranho, isto, entretanto aqui estou eu e meus amigos para falar com você, você mesmo imerso num corpo material. Mas nós apenas vemos seu corpo espiritual, e com ele nos comunicamos. A senhorita Kathleen,⁷ por algum

estranho dom dela, vai adiante e toca seu cérebro físico. Ela é o nosso hífen, e uma ligação charmosa entre nós.

Bem, não tenho agora, neste momento, nada mais a dizer-lhe. Você tem perguntas, posso ver. Escreva-as e, no nosso próximo encontro, daremos as respostas.

Arnel †

Sexta, 15 de fevereiro de 1918.

Você tem mais a me contar sobre a cerimônia da qual falou na nossa última sessão, Arnel? Se tem, minhas perguntas podem esperar, se assim lhe aprouver.

Como queira, meu filho. Mesmo assim, há uma pergunta que você escreveu que faríamos melhor responder aqui.

Refere-se a esta: De qual raça eram aqueles dois líderes em sua vida terrestre?

Esta mesmo. Agora você deve saber que esses dois jovens anjos são realmente velhos de origem. Há poucos que alcançam seu poder e autoridade para usá-los num serviço como este que não tenham passado por um longo período de treinamento e evolução. Esses dois são almas gêmeas. Ambos viveram naqueles tempos quando a Terra não havia atingido esta atual condição de vida, mas quando o homem estava naquele estágio de evolução que atingiu a raça primeira naquele planeta para o qual eles foram incumbidos. Esse período para a Terra foi bem longo. Durante esse período eles dois passaram pelo estágio do desabrochar da inteligência e chegaram às esferas espirituais. Seu treinamento foi feito aqui, e eles, sendo dois dos pioneiros e mais progressivos de sua raça, foram transferidos de planeta em planeta, cada um mais avançado que o outro, até que retornaram para a esfera terrestre e continuaram seu progresso ali. Nesse tempo a Terra já atingira seu estágio racional, a fase do desenvolvimento quando o homem atingiu como ser humano o que ele é hoje, mas com menor capacidade de inteligência.

Idade do Bronze ou da Pedra, ou qual?

Foi na Idade do Bronze, como vocês a chamam, para algumas porções da raça, e Idade do Ferro para outros, e a Idade da Pedra

para outros. O homem não evoluiu numa igualdade universal. Você sabe disso, e sua pergunta foi precipitada, meu filho.

Foi quando a Terra estava progredindo em intelecto, e isto é tão exato quanto queira que seja. Foi bem antes de Atlântida, ou daquela civilização que os homens chamam de Lemúria. Eles vieram para as esferas sobre a Terra; e agora, tendo acumulado mais poder, e também mais conhecimento, e sendo também de um alto grau de santidade, fizeram rápido avanço por estas esferas, e passaram além, para as esferas interplanetárias; e, como creio, para aquelas esferas que são interestelares. Pois tenho em mente arriscar que para alguém como eles não é confiado um trabalho como este ao qual foram enviados, a não ser que sejam familiarizados com aquelas altas forças que unificam as constelações em suas órbitas, sensíveis umas às outras. Eles não encontraram sua afinidade até que vieram até aqui, e então foram puxados juntos pela gravitação natural da simpatia espiritual, e desde então seguiram seu caminho juntos, subindo juntos as escadarias dos Céus de Deus.

Como eles tiveram contato com os outros planetas? Pela reencarnação?

Reencarnação implicaria numa re-entrada à carne de mesma natureza e substância que eles previamente já teriam usado. Se fosse assim, e isso tem sua aceitação, então o termo “reencarnação” não seria compatível para expressar o fato de eles tornarem-se condicionados à matéria e a manifestações exteriores de outros planetas que não sejam a Terra. Porque apesar de em alguns planetas a carne ser muito semelhante à de seus corpos terrestres, ainda assim não há dois planetas que produzam precisamente o mesmo material para a habitação sobre a sua superfície, e em alguns mundos isto é muito diferente.

Não é somente isto, entretanto, que faria de uma operação como a que você tem em mente não ser uma reencarnação verdadeira, mas seria, talvez não exatamente contrária às leis que governam a cosmogonia interplanetária, certamente seria de natureza tão irregular que poderia ser rejeitada como improduti-va por aqueles que mantêm esses fatores sob sua autoridade, para controlarem a ânsia por avanço das esferas. Não, eles visitaram

esses mundos distantes, ambos neste grupo solar e de outros grupos que visitaram esta Terra, e como eu faço agora. Eu voltei para a Terra para reforçar meus poderes aqui, e vou para outros planetas, agora e novamente, de certa maneira buscando um maior conhecimento de Deus, Sua sabedoria na criação e na condução dos mundos. Mas não tomo para mim a condição material deles. Isto apenas seria empecilho. Atinjo sua vida íntima e o real estágio deles, o melhor do íntimo, que é o lado espiritual. De onde estou em espírito, posso aprender mais sobre o que se passa naquele mundo do que poderia se estivesse encarnado em sua superfície, e com meus sentidos monopolizados pela obrigação de operar através de uma máquina muito mais pesada e mais densa que este corpo de substância etérea o qual, comparativamente, veste o espírito mais levemente. Isto já é suficiente para responder a você a respeito da experiência deles pela analogia à minha, meu filho?

Obrigado, senhor, sim. Vejo o que quer dizer, penso eu.

Sim; você ponderará que, enquanto toda a criação é única, também a diversidade percorre um caminho muito longo para os elevados lugares do progresso celeste, e somente na unificação torna-se operacional, bem além de nosso conhecimento, o qual, quando olhamos para a frente, percebemos o quão curta foi a estrada que percorremos desde o tempo em que numeramos nosso progresso por dia a dia, em direção àquelas alturas sublimes, expandindo-se pelo infinito, onde o pêndulo da peça do tempo de Deus balança de eternidade em eternidade, e o ritmo da sintonia funde-se no compasso único de harmonia da grande orquestra da dinâmica criação.

Esta é a escola na qual tenho meu lugar numa forma mais inferior, acabado de sair do estágio de provas que deixei quando entrei nesta atual esfera e no templo. Esses dois progrediram por esta escola na qual aprendo, e agora adentraram a uma superior. Eles retornam para cá agora, como viram, como professores e líderes de outros que estão no caminho que uma vez eles já percorreram.

Eu estive querendo perguntar-lhe os nomes deles, senhor.

Mas hesitou porque não os daria, como antes já não dei. Bem, eles não têm nomes que você poderia transcrever. Dê-lhes o nome que queira, meu amigo, e estes servirão para identificá-los.

Nem havia pensado nisto.

Bem, pense e diga-me. Seria melhor que você os nomeasse, ao invés de eu fazê-lo, porque sei seus nomes mas não posso transcrevê-los para você. Não poderiam ser transpostos em suas letras. Como os chamaremos, meu amigo?

Poderíamos dizer “Maria e José”?

Meu filho, você fez o que penso não entender plenamente em seu mistério mais íntimo. Não, não desaprovo. Não. Pois estes são os dois únicos nomes em sua significação dada pela história da Terra que servem para chamá-los em qualquer grau. Não seguirei acima disto. Deixe que tenham ouvidos de ouvir. Por estes nomes, portanto, nós os chamaremos, neste caso; Maria e José. Nesta ordem você os disse; nesta ordem ficarão. Seja curioso para observar isto, meu filho; porque tem sua significação.

Parece haver uma grande dificuldade na transmissão de nomes, e também de datas nos períodos da Terra. Todos que recebem mensagens de suas esferas parecem achar isso. Por que isso acontece, por favor?

Penso que você confundiu um pouco este ponto, não é, meu filho; não está você agora falando de nomes terrestres uma vez usados, e de períodos terrestres uma vez vividos?

Sim.

Sim. Agora, quanto aos nomes terrestres. Estes são lembrados por um tempo depois da transição pela morte; mas novos nomes são dados aqui e são usados constantemente, para a exclusão dos nomes terrestres. Isto tem o efeito de atenuar o nome da Terra, tornando-o obscuro, e finalmente quase, ou totalmente, desaparecido da memória. Não tanto enquanto os parentes ainda estão na Terra, mas depois de um certo tempo que tenham vindo todos para cá. Então, enquanto as gerações passam, a fila torna-se intermesclada com outro sangue, e a conexão é diminuída em seu raio, até finalmente se perder completamente. Há exceções, mas

poucas. Aí, também, no curso do tempo, os nomes ficam diferentes, tanto ao serem soletrados, quanto à pronúncia. Tornam-se nomes diferentes. Mas a maioria deles some da memória conforme diminui o interesse pelo período da Terra, e desaparece com a imediata proximidade do mais atual estágio evolutivo de um espírito, e nesta infinita variedade de experiência aqui é esquecido. Pode ser sempre obtido pela pesquisa dos dados, mas raramente vale a pena.

A dificuldade em se lembrar os períodos terrestres é similar e tão desnecessário ao que nos concerne atualmente, quanto ao nosso curso futuro, onde nosso interesse principalmente está. Há também o fato de que retroceder continuamente na nossa periodização da Terra e intervir de evento após evento em uma linha tão longa de ligações, isto é difícil, num momento apenas, separar da distante finalização uma ligação em particular e etiquetá-la com a contagem de tempo da Terra. É fácil para alguém de vocês lançar uma pergunta para algum de nós que estamos voltados em dar-lhes alguma mensagem, e cuja vontade está toda tensa no esforço e focada na mensagem que quer dar. Não é tão fácil para nós, que temos outras tarefas a cumprir, e que vivemos tanto no presente, fazer de nós subitamente uma nave e navegar para uma pequena parte na nossa esteira onde uma particular marola cobriu nossa proa e que há muito já se tornou plana no fundo do oceano, o tempo em que a embarcação ainda acelerava em seu caminho, enfrentando ondas após ondas do oceano. Conte cada onda como um século, e terá uma idéia do que quero dizer.

E agora, amigo, nossa narrativa deve esperar nossa próxima vinda para ser resumida e para contarmos a você um pouco mais de Maria e José, anjos comissários de Deus. Até logo.

Arnel †

Nota: As mensagens dos encontros entre os dias 15 e 22 de fevereiro foram infelizmente perdidas com outras mensagens relacionadas às do dia 18 de janeiro e seguintes. Ver *O Ministério do Céu*, Livro 3 desta série.

Sexta, 22 de fevereiro de 1918.

O que temos para contar-lhe esta noite parecerá talvez um pouco afastado do eixo de nossa narrativa. Mas é necessário reajustar sua visão a respeito de um tema de alguma importância para aqueles que tentarão entender as diferenças que aparecem na vida destas esferas, comparando-se com a sua vida normal da Terra.

Falamos do nascimento de crianças nestes reinos, daqueles que vieram da esfera da Terra mas não foram dotados de uma personalidade separada individualmente lá. Estas crianças chegam aqui acordadas, e você perceberá que seu primeiro despertar aqui é o que corresponde a nascimento na Terra. Jamais respiraram o ar da atmosfera, nem viram a luz, nem jamais ouviram som algum da Terra. Em resumo, nenhum de seus sentidos corporais foi exercitado da maneira para a qual foram preparados por sua formação natural. Os órgãos destes sentidos estão, entretanto, quase, mas não muito, perfeitos em sua estrutura. Ainda mais, o cérebro nunca foi estimulado para interpretar suas mensagens. E desta forma a criança da Terra tem empiricamente falta das qualidades terrenas, apesar de que as possui em potencial. Estas condições não se aplicam a uma criança que realmente nasceu para a vida da Terra, mesmo que tenha sido por alguns momentos, ou até menos, antes que passasse para este lado de cá.

O problema entretanto que devem resolver os que tem estas crianças a seu cuidado não é pequeno; porque é necessário que os órgãos sejam trabalhados num progresso natural que possa atender à criança e também para que o cérebro receba sua lição. No caso de um infante com alguns momentos de vida, esta conexão entre o cérebro e os órgãos dos sentidos foi estabelecida e pode ser usada na maturação daquelas faculdades dependentes para o exercitar daqueles órgãos. Mas uma criança natimorta não traz esta conexão, que deve ser feita deste lado. Uma vez feita, o progresso é meramente uma questão de desenvolvimento ordenado, nas mesmas linhas das crianças em geral.

Para esse fim, vários meios urgem ser usados. Há o relacionamento entre a criança e seus pais, e especialmente entre ela e sua mãe. Ele é trazido ao contato com ela em tais condições que

ele experimenta o que é tão próximo quanto possível a sensação equivalente ao nascimento. Por esse processo, é feito sentir nele sua separação dela corporalmente, e sua individualização como uma entidade separada e completa. Isto é alcançado não por ele obter um corpo de carne, mas por seu ser poder ser trazido a uma associação íntima em seu corpo espiritual com o corpo espiritual de sua mãe. Isto não efetua um primeiro contato tão perfeito entre o cérebro e as faculdades orgânicas como o nascimento natural, mas estabelece numa maneira definitiva o relacionamento do parentesco terrestre, e dali em diante a criança é mantida em contato com sua mãe para que possa, conforme cresce até a maturidade, ser como as outras, tanto quanto seja possível alcançar. Ainda, sempre há uma pequena diferença entre tais crianças e aquelas outras que nasceram na Terra. Elas têm lacunas em algumas das virtudes mais duras e, por outro lado, são mais espirituais em sua personalidade e aparência. Mas à medida que as crianças nascidas na Terra progredem em seu desenvolvimento espiritual, as crianças natimortas desenvolvem seu conhecimento da Terra pelo contato com suas mães, e mais tarde com seus parentes, então a diferença é minimizada até que sejam capazes de associar-se em termos quase iguais de amizade amorosa, e de ajudar na mútua doação do que cada um precisa.

Assim os nascidos na Terra são amadurecidos na doçura, e os outros são fortalecidos no caráter, e, sendo ambos incluídos numa comunidade, infusam um elemento de variedade que é tão agradável quanto é proveitoso.

E muito freqüentemente esse desenvolvimento não é suficientemente avançado que seja seguro expor a criança às influências da Terra antes da experiência terrestre acabar e um dos pais é chamado para estes reinos do espírito. Nestes casos a única ajuda que a criança pode dar é a da oração.

Tal parente chega aqui também sem afeição pela criança que havia amamentado em seu peito, ou sem conhecimento de que a criança exista afinal. Assim a ligação entre eles, fraca no melhor sentido, torna-se mais fraca ainda conforme a criança vai progredindo, e a mãe desce para seu próprio lugar de purgação. E quando chegar o tempo de subir novamente para a esfera onde a

criança esperava sua chegada por toda a sua vida na Terra, ele terá ido para os reinos superiores e estará fora do alcance dela.

Ele pode ser ciente dela, e mandar sua ajuda que vai ser desconhecida por ela. Mas a ligação do amor caloroso que deveria haver entre a mãe e a criança para uni-los coração a coração não está lá, e nunca poderá estar, no progresso geral da vida celestial.

Contei-lhe isto, meu filho, porque aqui temos notado muita desconsideração entre vocês pela responsabilidade da maternidade no tema de que falei. E ainda estas suaves flores, arrancadas antes que o botão esteja completamente aberto para a luz do sol da vida, são tão lindas, e sua ansiedade pela falta de seus próprios pais é tão marcante, que faz com que fiquemos muito tristes ao ver tudo isso. Não que eles sejam de forma alguma infelizes. Não permitiríamos que assim fosse. Mas há uma falta, como disse, e isto só é parcialmente suprido por aquelas queridas mães que não alcançaram a maternidade na Terra, e a encontram aqui. Portanto cada uma, note bem, faz presente para a outra daquilo que falta à outra, e recebe o que está esperando em retorno. E isto é muito gratificante de se ver.

Mas, Arnel, por que você inseriu este ensaio neste lugar? Parece não ter conexão com sua narrativa.

Mas claro, meu filho.

Notei aquela questão formando-se em sua cabeça como você a escreveu, e soube que perguntaria em tempo hábil. E não foi sem intenção que escolhi meu tema esta noite. Porque sem tal conhecimento não seria possível entender a rainha e seu consorte, a quem nomeamos Maria e José. É do relacionamento deles no longínquo, longínquo passado que lhe falei esta noite. Pois primeiramente vieram juntos. O frutificar de seu laço de amor você viu.

Arnel †

Note esta assinatura da Cruz. Ela tem muitos fatos de significação; entre eles aquele de Dois em Um. É neste sentido que a anexo aqui.

Capítulo III

A universidade das cinco torres

Sexta, 1 de março de 1918.

Há na esfera dez uma vasta clareira no meio da floresta. É circundada pela mata, de onde chegam para o espaço aberto muitas estradas que levam para diferentes regiões da esfera. Delas ramificam trilhas em todas as direções, que são muito procuradas por aqueles que se apartam das companhias de seus amigos para meditem e comungarem com os de outras esferas. Linda é a paz que aqui prevalece. As árvores e as flores e os regatos, um lago aqui e ali, com os pássaros e os animais da floresta como única companhia, atraem para cá o aluno para pensar e beber desta atmosfera de paz.

Mas nosso atual tema está na clareira. É tão grande em área que você talvez a chamaria de planície. É cheia de jardins e fontes e templos e prédios colocados ao uso do estudo e da pesquisa. É uma universidade, mas com tal planejamento que poderia ser uma cidade linda. Pois em motivação, aqui a beleza parece igualar-se com o conhecimento.

Não é de formato circular, mas quase oval. Numa ponta do oval projeta-se da margem da floresta um amplo e alto pórtico, flanqueado em ambos os lados por árvores, e sobre as árvores aparece uma ala do prédio, com balcões no alto da parede, e dando uma visão bem ampla da floresta. O restante do prédio está encaixado na floresta, exceto as torres e a cúpula, que você vê pairando sobre o pórtico e além dele. Se não fosse por eles, não se saberia que lá há um conjunto de prédios, tão densas são as árvores em torno dele.

Há cinco torres – quatro de tamanho igual, mas não de mesmo modelo – e no meio delas a cúpula. A grande torre eleva-se mais adiante, e é continuada até uma grande altura, terminando em um lindo modelo. Este é da forma de uma palmeira celeste terminal, cujas folhas são entrelaçadas numa filigrana que forma

uma coroa enfeitada com jóias e sobreposta à semelhança de uma constelação de sóis, também ricamente trabalhada.

Tudo isto – as quatro torres, a cúpula e a grande torre – tem um significado místico que somente aqueles que passaram pelo templo do Monte Sagrado realmente entendem completamente. Eles explicam aos estudantes da universidade tanto quanto eles são capazes de assimilar das ocasiões do grande festival; e alguns dos mistérios daquele lugar são explicados por manifestações. Sobre uma de tais ocasiões eu pensei em contar-lhe, mas primeiro serei mais completo sobre o prédio em si.

Além do pórtico está um lago e andando nos aproximamos daquilo para o qual o pórtico se abre, e que se estende a alguma distância para a esquerda e para a direita. O prédio principal eleva-se do lago, e todos os seus jardins e agrupamentos de prédios menores são unidos a ele por pontes, a maioria cobertas. A cúpula cobre um saguão que é usado para a observação. Este trabalho não é como o que se faz nas alas do templo do Monte Sagrado para o envio de ajuda e para a manutenção da comunicação, mas é para simples estudo das esferas. Esse estudo é elaborado pela classificação numa ciência que é continuamente progressiva, porque as esferas estão sempre se reajustando em seu relacionamento de cada uma com as outras. Portanto não há término na busca do conhecimento nestes reinos celestes.

As quatro torres têm cada uma um conjunto de prédios próprio. Não posso dar-lhe os nomes, mas você pode transcrevê-los como a Torre da Vida Dormente, a qual você chamaria de mineral; a Torre da Vida Sonhadora, que você chamaria vegetal; a Torre da Vida Despertando, a qual você chamaria de animal; e a Torre da Consciência, a qual você chamaria de humana.

A grande torre é a Torre da Vida Angélica, que observa todas as formas de vida abaixo dela em grau de progresso, e também coroa todas elas. Pois em direção à ordem angélica está se movendo toda a criação inferior.

Essas torres são servidas pela casa da cúpula, e para ela eles se voltam por algum item especial de conhecimento que necessitam em seu trabalho de pesquisa e classificação. Eles contam

com os poderes gerados na casa da cúpula para ajudá-los naquelas matérias.

As quatro torres são de estilos diferentes, e você saberia rapidamente, quando olhasse para elas da planície, qual ordem da criação querem descrever. Elas foram desenhadas para esse fim. O trabalho realizado dentro delas infusa cada um em sua característica peculiar, e daquela infusão o desenho emerge e torna-se o padrão disposto externamente.

A grande torre é muito agradável de se ver. É de uma cor que não há na Terra; mas chame-a de alabastro dourado recoberto de pérolas, e terá uma idéia dela.

É quase como uma fonte ampla e esplêndida de gemas líquidas em perpétuo movimento. Mas ao invés da água caindo, ali se dá a harmonia de uma música sussurrada, de tal forma que ninguém pode se aproximar do prédio sem que se modifique, quase para um encantamento em êxtase, pela influência que ela emana sobre tudo.

As águas também são lindas, já que dão voltas em torno dos canteiros em flor; e aqui há um córrego, e ali há um lago no qual as torres, ou a cúpula, ou alguma preciosidade da arquitetura, é refletida, e permanece em plácida e repousante beleza, como uma criança angelical em seu berço, por assim dizer a você. Vou levá-lo para a grande torre, e perceba um pouco de suas qualidades.

Ela não tem um prédio amplo em sua base, mas lança-se por igual desde suas fundações. Ficamos em seu interior e olhamos para cima, e você paralisa pela admiração. Não há chão ou teto entre você e o Céu acima. As paredes sobem e sobem e sobem – é quadrada – como um precipício; até o topo parece colocado nos céus entre as estrelas. Bem distante aparece a beira da torre, quase que além da torre em si, de tão alta que é.

Mas as paredes não são vazias. A torre é construída de paredes duplas, e nos quatro lados há salas e saguões e habitações dos anjos. Assim que se olha para cima, pode-se ver uma porta, e então um balcão ou janela suspensa, ou uma ponte ligando uma habitação a outra, numa curva para fora no espaço, ou para dentro novamente para sua destinação. Ou uma linha diagonal na

parede mostrará onde um lance de escadas vai de uma casa, ou local de lazer, a outro local. Até mesmo jardins há ali, plantados em amplos canteiros saídos das paredes laterais da torre. E tão alta e tão larga é essa grande construção que estes itens, que são de proporção espaçosa quando se aproxima deles, mesmo assim não impedem a visão do Céu acima, nem alteram o contorno da abertura no topo.

E quando se olha em torno, vê-se como a luz altera e se mistura, e intensifica ou desaparece nas diferentes partes da ascensão. Desta forma, em uma casa, conforme o que ela forneça para o bem da torre, lá parece que brilha o sol do crepúsculo. Em outra, o sol da manhã parece estar surgindo e iluminando o jardim no terraço, com suas belas árvores verdes e arbustos, com o lampejo do pôr do sol. Em outra parte da estrutura há um aspecto, um sentimento mesmo, de aurora numa fresca manhã de primavera, com os passarinhos cantando e a ondulação dos córregos na montanha para os prados abaixo – já que a água corrente não está ausente aqui neste lindo lugar.

Música também vem de uma ou outra habitação, às vezes de várias ao mesmo tempo, e mesmo porque o interior do prédio é tão vasto, um tema melódico não invade outro.

Agora, do que lhe disse – e é apenas um pouquinho do todo – você pode deduzir que se estava em algum lugar onde a inatividade era o principal residente, e a tranqüilidade o principal motivo de sua fundação. Mas retome em sua mente ao nome que dei a estas cinco torres e verá que não é o caso. Esta grande torre supervisiona o trabalho das outras quatro, e a cúpula puxa daqui o poder requerido para a tarefa. Aqui residem anjos de elevado grau, num vai-vem de reinos muito altos para darem de sua força poderosa e de sua experiência ampla, para auxiliarem aqueles que agora buscam acertar o passo no caminho que eles trilharam antes, eras atrás. Estes que habitam nas quatro torres e na casa da cúpula estão fazendo, na presente eternidade, o que eles mesmos fizeram nas eternidades já passadas, cujos cidadãos passaram pelo ciclo de progresso e deixaram seu lugar para ser ocupado pela raça atual.

Você perceberá também que mesmo que seja mais avançado seu trabalho, ainda é o de amparar, e não o de criação de coisas, estando ainda na esfera dez. Mas conduz para adiante, e este é um dos lugares mais altos em graduação da esfera dez.

Você passou por esta universidade, Arnel?

Sim, passei pelos cursos de todas as quatro torres; este é o caminho usual.

E a casa da cúpula?

Ali não entrei como estudante, fiz este trabalho em outro lugar. Passei pela quarta torre a serviço de um dos príncipes da Torre dos Anjos. Foi ele que me treinou para atuar no templo, e ele também, como descobri desde o meu retorno, mandou de seus poderes para ajudar quando estive nos locais mais escuros dos infernos. Ele prestou este auxílio somando ao dos outros cujo trabalho próprio era este.

As bênçãos de Deus, meu filho.

Arnel †

Segunda, 4 de março de 1918.

Dentro do distrito da universidade das cinco torres há muito movimento, mas nenhuma pressa. Ao longo dos canais, barcos surgem das alamedas que levam às águas centrais, e levam seus viajantes para as regiões dos vários prédios. Nos terraços e escadarias que descem para o plano das águas há milhares reunindo-se, cada grupo que chega acrescenta em alegria porque trazem com eles a expectativa de alguma grande manifestação. Estes foram convidados para virem até aqui pessoalmente. Pois não são todos os habitantes da esfera que podem vir a estes confins, mas somente aqueles que estão já evoluídos o bastante.

Estando aqueles milhares já reunidos, aí chega uma linha melódica da Torre dos Anjos, e todos prestam atenção para verem o que se seguirá. Eu vou descrever esta manifestação na ordem.

Conforme a música aumentou de volume, a atmosfera acima da torre formou uma certa névoa, mas não escureceu tanto que a transformasse. Tornou-se mais transparente e parecia fluir para

cima e para baixo, e para fora e para dentro sobre si mesma, como vidro líquido de muitas cores.

Nesse instante ouvimos vozes que acompanhavam a orquestra de anjos. Eles estavam cantando um *Te Deum* ao Um Único, e para Seu Cristo, que estava por se manifestar a nós em alguma fase de Seu Ser.

Poderia me dar o tema da música deles?

Não, isto não seria possível; vou dar-lhe uma versão dela, tão boa quanto posso. Aqui está:

“Nós, que ouvimos a Vossa Voz distante, conhecemos Vossa arte por Ele, de quem vem a melodia, porque, em Vosso mundo, as eternidades levam em direção à beleza.

“Nós que vimos Vossa face em Seus olhos, Que sozinho nos mostrou o Senhor, sabemos que Vossa arte é sem forma, e ainda que de Vossa mente tomou forma, aquela beleza não deveria seguir nua, mas vestida em roupagens cujo tecido é a luz e sua costura a sombra.

“Nós, que sentimos que Vosso coração está batendo, sabemos que a beleza é assim concebida para nós porque Vossa arte é a todos amor; e nenhum amor é, que não seja Vosso.

“E de toda a Vossa beleza apenas podemos conhecer através da beleza de Vosso Cristo, que se manifestará a nós, Vossa emanção, na forma que Vós nos destes a ter.

“Inclinamos nossa cabeça em adoração a Vós, pois de Vós somos, e sempre olhamos a Vós, centro de vida e ser. Atrás desta vida exterior Vossa esconde-se Vosso brilho que jamais nos ferirá.

“Assim, o que Vós podeis mostrar-nos de Vós, dá-nos agora a nós, que estamos esperando Sua chegada – e – Sua – paz.”

As últimas palavras foram cantadas muito lentamente, de forma cadenciada, e então todos fizeram silêncio e, inclinando a cabeça, esperaram.

Então ouvimos Sua voz dizendo, “Paz”, e elevamos nossas cabeças e vimos que Ele estava em pé diante da entrada da Torre dos Anjos. Diante d’Ele estendia-se uma longa escadaria, muito ampla, para baixo até o nível da água, e, ajoelhados nos degraus,

havia uma grande número de anjos. Estes residiam na torre. Eram muitos milhares no total. Só Ele estava em pé, bem distante do grande arco redondo que dava para a torre, e atrás d'Ele estava outra multidão de anjos de mais alto grau ainda, que esperavam por Ele em Sua chegada.

A torre agora cintilava como uma chama viva, e lançava chispas de seu fogo para a atmosfera, até que as águas tremeluziram, luzindo como a torre, parecendo ser iluminada com seu calor.

Então Ele elevou primeiro um pé, e depois o outro, e ficou suspenso. E olhamos para o topo da torre e vimos que a coroa havia mudado, já que agora parecia uma coisa viva. O trabalho em filigrana estava todo em movimento e, ao olharmos, vimos que a coroa de folhas de palmeiras estava rodeada por grupos de anjos. Eles sentaram em filas ao longo das folhas e ficaram em curvas sobre o círculo da base, reclinaram sobre os relevos de pedras preciosas. Cada fio da coroa tinha um grupo de anjos, e cada jóia seu grupo de serafins, brilhando e flamejando como labaredas de fogo.

Lentamente, todo o topo da torre destacou-se e moveu-se em direção ao espaço acima do ponto onde Ele e Sua companhia estava. E aí flutuou devagar para baixo, até que permaneceu sobre o pavimento do terraço. Dentro havia milhares de anjos já, e também fomos convidados a atravessar o córrego de água e entrar.

Quando cheguei à ponta da escada encontrei uma corrente de pessoas, elevadas num êxtase de alegria, entrando no palácio recém-disposto. Agreguei-me a eles e entrei nada temendo, tudo era calma e tão pleno de paz e alegria.

Dentro, a coroa era como um grande hall, muito alto e adornado com pedras preciosas e jóias da base ao teto. O espaço aberto estava agora coberto com uma névoa iluminada, a qual fez o ambiente sustentar-se. As paredes subiram verticalmente para um espaço, e então arquearam sobre si formando arestas entre as abóbadas, e encontraram-se no centro em seu ponto mais alto numa jóia grande da cor da safira. Ela era de cristal transparente e tinha a formidável qualidade de refletir os céus de fora, mos-

trando quem vinha vindo para a esfera e quem saía. A coroa foi assim remodelada à proporção que descia, porque das outras vezes era quase aberta ao Céu acima.

Quantos estavam presentes?

Não sei dizer. Mas os que vieram com Ele devem ter sido pelo menos um milhar e meio, e nós, convidados, não éramos menos que seis vezes este número. Lá estavam os moradores da torre, que eram em número de uns três mil, geralmente. Era uma grande assistência.

O objetivo dessa manifestação foi a instrução como a ciência daquela universidade. Eu havia dito a você o que era. Havíamos procurado nosso trabalho de pesquisa, e acumulamos muito material, e agora Ele viera para mostrar-nos como tudo era coordenado com a sabedoria de Deus, conforme se progride para as esferas acima.

Poderia ser mais explícito, Arnel? Isto é muito genérico.

Sim, é, meu filho, e sinto muito; mas temo que não possa tornar isto mais simples a você. Tentarei.

Para não cansá-lo demais, direi de uma vez, Ele veio daquela vez como Verbo Divino manifestado. Você sabe que Verbo foi quem, quando os mundos estavam sendo criados, foi constituído como o meio por quem a energia da vida de Deus tornou-se modificada e condensada naquela Via Láctea afora, na qual a matéria foi trabalhada e estes mundos foram modelados. O Verbo foi o Agente de Criação. O Pai pensou através do Verbo, e Seu pensamento, em sua passagem através do Verbo, tomou forma de matéria.

Este foi o nosso estudo por um longo tempo atrás, e era para que nos ligássemos inicialmente ao estudo do parentesco, mas mais profundo, nos reinos sobre nós, que o Cristo veio agora para nos explicar um pouco mais do que aprendêramos do Verbo em Sua relação como o trabalho do Pai na criação do Universo. Mas mais que isto não posso transmitir a você.

Poderia dar-me a descrição d'Ele, como Ele veio desta vez?

Ficou suspenso no meio do hall da coroa da palmeira, e assim ficou. A princípio não entendi porque teria de ser assim. Mas

conforme a manifestação continuou, vi que qualquer outra posição não poderia estar harmonizada com Seu tema. Não foi meramente uma pose para ensinar pela visão. Foi por causa do Seu tema que Ele ficou levitado no espaço e, enquanto continuava, Ele se elevou mais até que ficou ali, no meio entre o chão e o teto. É da dinâmica destes reinos, não um caso de escolha, mas de ordem científica.

Mais ainda, os anjos que preenchiam a coroa do lado de fora eram agora vistos sobre tudo, paredes e cúpula, dentro, jóias vivas que cobriam as paredes como uma tapeçaria viva.

Você quer que eu o descreva a você. Sua roupa era uma túnica até os joelhos, de verde líquido, Seus braços nus, sem roupa nem jóias. Uma jóia somente Ele usava. Seu cinto sobre Sua cintura era fechado com uma fivela, e a fivela era uma pedra vermelho-sangue brilhante. Ficava no meio de Seu quadril, e nisto há uma poderosa significação, se pensar nisto. Pois, apesar de jamais apartado do Um de onde Ele veio, mesmo assim, em Seu trabalho nestas esferas distantes da presença do Pai, é uma verdadeira separação. Ele sai adiante, como se de Seu próprio poder, para a batalha com mundos, e deve forçosamente virar Sua face para fazê-lo. Pois Sua vontade deve ser projetada para fora do espírito para a matéria. Isto é o mistério da colocação do rubi. Eu não teria dito isto, mas vi a pergunta em sua mente.

Não tinha manto. Suas pernas estavam nuas abaixo da túnica, e Seus membros e face eram os de um jovem príncipe no pleno poder da masculinidade juvenil. Seu cabelo era solto, partido ao meio, e caíam sobre Seu pescoço em madeixas castanhas onduladas. Não; não posso dizer a cor de Seus olhos – nenhuma que conheçam. Sua mente está cheia de perguntas sobre Ele, meu filho. Estou tentando me manter emparelhado com você nisto.

Bem, quando fala d'Ele sempre sinto que quero saber mais de Sua aparência, como se pudesse ajudar a mim e a outros a conhecê-lo melhor – Ele em si.

Entendo bem. Mas, acredite-me, meu filho, chegará a saber apenas pouco do todo que Ele é enquanto você estiver na esfera da carne, e um pouco mais quando estiver onde estou agora, tão grande Ele é, tão distante de qualquer fórmula que sua limitada

teologia do Cristianismo ensina. Eles tentaram aprisioná-Lo e confiná-Lo em palavras e frases, porém Ele não pode ser assim contido. Ele é livre nos Céus de Deus, e todo o mundo é apenas um grão de areia no chão de Seu palácio. Contudo há alguns de vocês que não dariam a Ele a liberdade, nem mesmo a de um pequeno átomo. Não seguirei adiante com isto.

Mas, Arnel, em que acreditava quando esteve aqui na Terra? No que acabou de escrever eu acredito. Mas acreditava nisto quando esteve aqui, senhor?

Não, para minha vergonha; pois os homens não tinham então libertado a si mesmos das correntes das palavras, nem mesmo o tanto que agora fizeram. Entretanto, meu filho, acredite-me, fui além do âmbito de minha igreja, e preguei o amor numa extensão mais ampla da que eles permitiriam. E por isto sofri. Eles não me mataram, mas insultaram-me e fizeram com que me sentisse muito só, mais só do que às vezes você se sente, meu filho. Pois há agora mais o que o mantenha acompanhado do que havia para mim. E embora eu não tenha alcançado tão longe quanto você agora, ainda assim era muito o que alcancei naqueles dias obscuros. O sol começa a aquecer o horizonte hoje. Era inverno então.

Quando foi isso, e onde?

Foi na Itália, meu filho, na linda Florença. E não me lembro quando, mas foi no tempo quando Deus estava fazendo as coisas serem conhecidas, e os homens estavam começando a pensar pensamentos estranhos e audaciosos, e a Igreja fazia carrancas com uma sobancelha, e o Estado fazia com a outra, e – bem, morri na meia idade e assim escapei de sua inimizade futura.

O que você era? Um pastor?

Não, meu filho, não fui nenhum pastor. Ensinei música e pintura – eram freqüentemente ensinadas juntas naqueles primeiros dias.

Os primeiros dias da Renascença, você quer dizer?

Não chamamos assim entre nós. Mas foi o que foi, sim! Deus começou a fazer as coisas conhecidas como Ele está fazendo hoje; e quando Ele estende Sua mão para fazer isto, significa que o homem terá que ajudar, com muito trabalho. Mas eles, no

trabalho de renovação, não estão sozinhos – pense na pedra de rubi em Seu cinto, meu filho, e ponha no coração para Sua companhia.

Arnel †

Sexta, 8 de março de 1918.

Quando estávamos todos reunidos, os anjos que eram seus servidores elevaram suas vozes e cantaram um hino de louvor, e nos juntamos a eles em sua adoração. Vejo que você quer que eu lhe dê o motivo do tema. Foi como agora escrevo:

“Ser era, e do coração do Ser veio em direção a Deus.

“Pensamento de Deus, e de Sua mente Verbo se tornou.

“O Verbo veio de longe, mas com Ele veio Deus. Pois Deus era a vida do Verbo, e através do Verbo de Deus a vida passou para a forma.

“Assim o homem tornou-se em essência e emergiu de sua primeira eternidade uma criatura do coração e da mente de Deus, e o Verbo deu-lhe o coração dos anjos e a forma de homem.

“Merecedor total é o Cristo manifesto, pois é Ele quem, através do Verbo, vem em direção a Deus, e assim declara o propósito de Deus, e Sua vida através d’Ele é colocada sobre a família de anjos e sobre mim.

“Isto é Deus manifesto, através do Verbo, pelo Cristo, nos anjos e nos homens. Isto é o corpo de Deus.

“Quando o Verbo expôs o desejo e o propósito de Deus, o espaço exterior tomou o semblante de matéria, da qual a matéria foi feita, e refletiu de volta os raios de luz que vieram de Deus, através do Verbo.

“Este é o manto de Deus, e de Seu Verbo e do Cristo.

“E os planetas dançaram com a música do Verbo, porque ficaram felizes quando ouviram Sua voz, porque somente por Sua voz poderiam eles ouvir do amor de Seu Criador, que fala a eles através de Seu Verbo.

“Estas são as jóias que enfeitam o manto de Deus.

“Então do Ser veio em direção a Deus, e de Deus veio o Verbo, e do Verbo era o Cristo de Deus ordenado para a Realeza dos mundos para a salvação deles.

“E nas eternidades o homem vai segui-Lo, depois de jornadas em lugares estranhos, alguns muito desolados, para casa, para Deus, na noite do dia cujas horas são eternidades, e cuja tarde é agora.

“Este será o Reino de Deus, e de Seu Cristo.”

E, enquanto cantávamos, todo o prédio começou primeiramente a vibrar, e então a dissolver, e sumir. E os anjos, que estiveram sobre suas paredes e arcos, agora formaram grupos que ficaram, cada um ordenado, na frente de sua grande companhia que se estendia atrás dele pelo espaço. Porque todos os céus estiveram repletos de inumeráveis companhias de homens de diferentes raças; e toda a criação estava em torno de nós.

Vimos os espíritos de homens que estavam no estágio animal, em todos os graus de progresso até o estado atualmente alcançado ao máximo na maioria os planetas. Vimos todas as formas de vida animal, da terra e do ar, e criaturas marítimas em todos os graus de desenvolvimento também, da forma simples à complexa de organismo.

E vimos aqueles seres angélicos, também em seus graus de esplendor, que eram encarregados de povos e nações, e dos animais e plantas em toda sua variedade de ordens. Estas hierarquias eram mais sublimes, pois os vimos em plena grandeza, e aqueles que estiveram sobre a coroa eram agora observados por terem tomado seus lugares como membros desses grupos aos quais cada um deles pertencia.

Era um espetáculo preencher a alma com adoração e reverência diante da majestade da criação, e d’Ele que ali estava, bem no centro de tudo, sobre quem tudo retomava como uma roda em seu eixo.

Entendi então, como nunca antes, que o Cristo manifesto, tanto no Céu como na Terra, era apenas uma sombra do Cristo em si em toda Sua profundidade, somente uma sombra projetada pela luz de Sua mente divina sobre as paredes do espaço, e estas

paredes foram feitas de grãos de areia espalhados pelo imenso infinito, cada grão um sol com seus planetas.

E ainda, mesmo assim, quão belo e cheio de simples majestade era Ele quando o vimos assim manifesto nesta hora. Todo o movimento de todas essas criações estavam refletidas sobre Sua túnica, ou em Seus olhos, ou sobre Seu corpo – cada poro, cada célula e cada fio de cabelo d’Ele parecia sensível a alguma ordem daquela maravilhosa criação disposta em torno de nós.

Vocês viram, entre as várias espécies, aquelas que foram ex-traviadas, ou eram viciosas ou selvagens, ou repugnantes – tigres, aranhas, cobras, e assim por diante? Estavam lá também?

Meu filho, não chame nada de sujo até que tenha olhado no íntimo. Quando um botão de rosa cresce torto, como alguns homens dizem, torna-se então um espinho naquele lugar, mesmo assim Deus permite os espinhos, e coloca-os a serviço, protegendo a flor, como um guarda-costas zelando pela segurança de sua linda rainha.

Sim, estavam lá, não somente rosas e espinhos, mas todas as formas de criaturas não amadas pelos homens, como os espinhos não são amados por eles, apesar de Deus não tirá-los fora, mas usá-los.

Mas vimos todas essas criaturas que você chama de viciosas e repugnantes, não como as vimos quando vivemos na Terra, mas como fomos ensinados a vê-las aqui. Nós as vimos pelo íntimo das coisas, e elas não pareceram assim aos nossos olhos, mas como brotos de uma enorme árvore do progresso natural e ordenado; não más, mas menos perfeitas: cada classe um empenho de algum espírito elevado, e sua hierarquia de trabalhadores para expressar uma idéia de algum minucioso elemento no caráter de Deus.

Alguns desses experimentos atingiram maior perfeição que outros, mas até que o Grande Experimento esteja consumado, nenhum anjo, e com certeza nenhum homem, pode pronunciar que um deles seja criação do bem e outro procedente da vileza. Nós, que assistimos do íntimo, ficamos sem respiração diante da

beleza daquele imaculado mas extenso manto do Cristo, que, enquanto ficou lá no meio, parecia estar revestido e envolto pela essência destilada de tudo, que o incensava em adoração e reverência profunda.

Naquela hora não éramos mais cidadãos da décima esfera, mas de todo o Universo, e pensávamos sobre seus continentes e as visões de suas eras, e falamos com os que planejaram e os que forjaram naquela grandiosa oficina de Deus. E muitas coisas novas aprendemos, e cada nova coisa era uma alegria tal que somente podem saber os que por si mesmos aproximam-se tão perto da criação como nós, que estávamos agora recebendo uma lição mais avançada em nossa escola, para que possamos nós mesmos, como estes poderosos, caminhar para fazermos como eles fizeram, tão maravilhosamente, sim, mesmo os que fizeram um verme ou um espinho. Meu filho, você que fala levianamente destes, acharia muito difícil ter que fazer tanto um como outro. Não é assim? Bem, sabedoria vem com o tempo, e a sabedoria maior com a eternidade.

Então nós, que assim fomos mandados para a escola, fomos convidados para nos agruparmos novamente para nossa rodada de inquirição, e à medida que viemos a um centro, o todo dissolveu-se até a invisibilidade, e permanecemos na plataforma diante do pórtico do templo da Vida Angélica.

Olhei para cima e notei que a coroa estava de volta em seu devido lugar, e tudo estava como tinha estado antes da cerimônia haver começado. Tudo menos uma coisa – porque parece ser uma regra que toda visitação deva deixar algum presente permanente para trás. Assim, vimos sobre as águas do grande lago diante da torre um pequeno novo prédio, com o formato de domo, não muito elevado acima da superfície. Era de cristal, e atr vés dele brilhava uma luz de l  de dentro, a qual ca a sobre as águas e ali flutuava, não em reflexão, mas em substância. E as águas do lago agora tinham um elemento de poder a mais do que tinham antes.

Pode explicar, por favor?

Não, meu filho, aqui fico; porque não   concebível pela mente do homem na Terra. Foi uma ajuda a mais para o nosso pro-

gresso no entendimento dos poderes que permeiam os espaços sobre os planetas e seus sóis, e que se tornam aquilo que vocês chamam de luz pela fricção com a atmosfera mais densa, envolvendo-os. Nós trataríamos disto nos nossos próximos estudos na esfera onze, e isto era para nos auxiliar naquela matéria.

Arnel †

Você quer dizer alguma coisa, Kathleen?

Sim, quero dizer-lhe o quanto gosto de vir e auxiliá-lo a captar os pensamentos de Arnel e seu grupo. Eles são tão belos e tão bondosos para mim que é um prazer estar aqui e receber seus pensamentos e entregá-los a você.

Como é isso de Arnel ter vivido em Florença e contudo não fala no antigo florentino, mas no inglês antigo?

Ele viveu lá, creio eu, mas não era italiano de nascimento. Imagino que tenha sido inglês, ou pelo menos um nativo dessas ilhas, mas emigrado, ou teve que fugir – não sei qual – quando era jovem. Ele então foi para Florença, e lá ficou. Eu não sei se ele alguma vez retornou para a Inglaterra novamente. Não havia colônia inglesa em seu tempo.

Você sabe no reinado de quem ele viveu?

Não, mas penso que foi antes do tempo que você tinha em mente quando falou em Renascença. Não estou certa de qualquer forma.

Obrigado, Kathleen. É tudo?

Sim, e obrigada por vir escrever para nós.

Quanto falta para terminar?

Não muito, imagino. Por quê? Quer que termine?

Não, eu gosto muito disto; e gosto de sua companhia, e da deles também. Mas estou pensando se serei capaz de levar a termo; manter a necessária sensibilidade, quero dizer. Há muitas distrações por agora.

Sim; mas será ajudado, verá – como viu com as interrupções. Você não foi mais interrompido desde que Arnel disse que trataria disto.

É certo. De uma maneira notável aquelas interrupções cessaram por completo. Bem, eu quero dizer é seguir adiante até que digam que terminaram. Deus a abençoe, Kathleen. Por agora, adeus.

Boa noite, meu querido amigo.

Kathleen

Capítulo IV

Alguns princípios da ciência criadora

Segunda, 11 de março de 1918.

Você vai falar de sua experiência e do que aprendeu quando fez seu tour dentre as hierarquias criadoras, pela ocasião da manifestação no hall da coroa?

Em companhia de companheiros estudantes, ensaiei nos cenários em torno de nós, e logo percebi que tudo havia sido arranjado para nossa conveniência para crescermos em conhecimento tanto quanto nos fosse útil. Tudo fora planejado ordenadamente. Amplas avenidas largas, sumindo na distância, foram colocadas entre as grandes ordens da Criação. Mas, já que nenhuma delas estava inteiramente separada das outras, estas avenidas não eram meramente divisões, nem estradas para se atravessar, mas eram por si departamentos misturando-se em ambos lados.

Conforme andávamos nelas, fomos abalados pelo fato de certos princípios serem evidentes, à medida que sejam observados por todos os príncipes criadores lealmente. E estes princípios eram essencialmente os mesmos, tanto se fossem aplicados aos minerais ou vegetais ou na vida animal. Este é apenas um raciocínio, quando lembramos que toda a maravilhosa diversidade, tão rica em sabedoria e ingenuidade, conforme disposta nesses departamentos mais evoluídos, desabrochou da primeira agregação simples de elementos, através de longas eras de progresso, primeiro em poucas partidas triviais do simples ao complexo, até finalmente termos a riqueza do flamboyant disposta como vemos hoje em dia.

Deixe-me dar um exemplo para ilustrar o que quero dizer.

Nós vimos, enquanto descíamos uma avenida, como os mundos foram feitos. No lado esquerdo, conforme andávamos, vimos como o pensamento de Deus, vibrando e pulsando para o exterior, transformou-se gradativamente desde o mais denso elemento até emitir o que chama éter. Aqui pudemos perceber a natureza do movimento, e vimos que era em espiral, pois nenhuma onda

reta alcança o topo da espiral, e elas fazem seu curso também numa descendente de forma espiral, mas agora por dentro do átomo do éter. Assim, naquela espiral mais interna, tendo um espaço mais restrito para trabalhar, a descendente fica mais veloz que a de fora. Emergindo da base mais baixa do átomo numa velocidade grandemente aumentada, as vibrações podem, por seu próprio momento, continuar novamente seu curso externo para cima, mas numa contagem de movimento sempre cada vez um pouco mais lenta, até que o topo fosse alcançado e a descensão começada interiormente de novo, e sempre com a velocidade aumentando.

Esses átomos não eram redondos, nem eram verdadeiramente ovais, mas, pela razão do movimento incessante dentro deles mesmos, elíptica. O poder motor de seu movimento auto-sustentado era a pressão gravitacional exercida do nada, e, se pudéssemos buscá-la em sua fonte, penso que teríamos encontrado que o dínamo do qual procede era a Mente Divina. Você perceberá que eu usei as palavras *topo* e *base* e *para cima* e *para baixo* apenas por conveniência. Não há base ou topo num átomo de éter.

Agora, eu descrevi isto a você para que possa formar um modelo para quando procurar o átomo do éter em outras substâncias de tipo mais denso. Quando nós chegamos a estes átomos que formam os gases de sua atmosfera terrestre, achamos que também têm um movimento semelhante. Cada um roda em torno de si mesmo de forma precisamente igual à do átomo do éter. Havia diferenças mínimas: a espiral era, em alguns casos, alongada, em outros comprimida; o movimento tinha velocidade maior ou menor. Mas todos esses movimentos eram em espiral, ambos para fora e para dentro do átomos.

Quando chegamos ao átomo do mineral encontramos o mesmo princípio sustentando.

E o que é verdadeiro no átomo sozinho, também é no átomo em estado de agregação. O movimento dos átomos de um planeta é em espiral. Mas aqui está mais retardado pela condição de densidade da matéria que forma um planeta.

O mesmo também é verdadeiro no movimento dos satélites em torno dos sóis, e dos sóis em torno de seu Centro.

Mas tanto a massa como também a densidade de uma unidade afetam o valor da velocidade. A velocidade do movimento de seus átomos é menor naqueles planetas que atingiram maior densidade que os outros. Mas mesmo nestes a regra se mantém, tanto que o movimento interior é mais rápido que na superfície mais exterior, o qual se arrasta nele muito lentamente, como se estivesse relutante em se mover, afinal de contas. Mas faz o movimento, e aquele movimento é da forma de uma espiral em torno de seu eixo.

Sua lua ainda esforça-se para manter a regra em torno de sua órbita. Ela por si eleva-se, e afunda novamente, como se num esforço vão de percorrer seu curso uma vez em espiral sobre a Terra. Assim faz a Terra em seu caminho em torno do sol. Sua órbita não é um círculo verdadeiro, nem um círculo disposto num plano verdadeiro. É errático e elíptico, ambos para a rotação e também para nivelar-se.

E o que é verdadeiro no átomo do éter, e nos gases da Terra, e mesmo na Terra, é também verdadeiro para o sol e as constelações. Seus movimentos são da forma de uma espiral gigantesca numa formação elíptica constituída de sóis e seus planetas.

Isto nós vimos em um lado da ampla avenida. Do outro lado a contraposição espiritual destas criações: os céus complementares. E as ruas entre os dois estavam na fronteira que une os dois. Você atravessa uma fronteira dessa quando passa da vida terrena para os reinos espirituais, meu filho. E portanto vamos deixar aquele departamento e vir para outro, porque a rua que se atravessa é a entre o homem da Terra e o homem dos céus.

Havia outro princípio que você observou – outro que não o da espiral?

Sim. Eu lhe contei deste porque pareceu simples de explicar, e também porque é fundamental – simples, talvez, por esta razão.

Tentarei falar-lhe de outro. Conforme o estágio básico é deixado para trás, a matéria torna-se mais complexa e mais difícil de descrever; mas tentarei.

Nós vimos que os grandes senhores da criação começaram seu trabalho há muito tempo antes do átomo etéreo, e próximo da origem de tudo. Ainda, aqueles que tratam da evolução etérea, e para adiante disso, são senhores muito velhos e grandes. Nós entretanto seguimos o direcionamento de estudar estas vibrações do poder mental onde eles estavam mais retardados pela densidade do material no qual se moviam. E achamos que uma das tarefas mais difíceis que nós estudantes tínhamos pela frente era pensar e querer na maneira apropriada. Porque para tratar da matéria criativamente, a primeira coisa a dominar é pensar em espirais. Não posso tornar isto mais explícito a você. Mas é o hábito mais difícil de adquirir: pensar espiraladamente.

Mas você pediu outro princípio. Vamos à criação sensitiva – a da vida da planta.

Seguimos uma grande avenida, no único lado em que estava disposta a vida vegetal da Terra e de outros planetas, e no outro lado, aquela de seus céus complementares. Vimos que cada espécie de vida vegetal tem uma análoga no mundo animal. Há uma razão para que seja assim, e tem a ver com a alma da planta mais que com sua manifestação exterior em córtex, galho e folha. Mas não somente isso, mas mesmo ali você pode vislumbrar, se examinar mais de perto, a relação entre os dois: o animal e o vegetal.

Temo não estar acompanhando-o, senhor. Poderia ajudar-me mais um pouco?

Vamos retomar daqueles dois reinos, e trabalhar neles; é a melhor maneira.

Aqui nos céus, nós temos ordens diferentes de seres, diferindo em autoridade, diferindo em poder, e em caráter, e também em habilidade para uma ramificação de trabalho que outra.

Isso também ocorre na Terra.

Portanto você encontrará isso no reino animal. Os animais têm poderes diferentes, e alguns têm habilidades em uma direção, alguns em outras. Eles também diferem em caráter. O cavalo tem mais aptidão para a amizade que a serpente; o papagaio, mais que o urubu.

Agora, este princípio de analogia, do qual eu havia falado, pode ser visto, apesar de que veladamente para a maior parte, predominando entre o mundo vegetal e o animal. Nós tomaremos o carvalho para representar o mundo vegetal, e o pássaro para o animal. O carvalho produz sua semente e deixa-a cair sobre o solo, para que possa ser recoberta e pelo calor da Terra romper sua casca, e sua vida interior romper em direção à manifestação exterior. A semente e o ovo são idênticos em tudo essencial, tanto quanto à estrutura e também em sua forma de incubar. Essa movimentação de vida – do mais interno para o mais externo – é uma lei universal, e jamais é derogada. Ela também tem sua origem profunda na matéria primordial, de onde o atual universo saiu. Lembre-se de minhas palavras sobre o átomo etéreo. Pois o movimento inicial do átomo é interior, onde sua velocidade é acelerada, onde acumula seu *momentum*. Exteriormente ambos são retardados.

Desta forma encontramos a regra a respeito de outros departamentos. Eram princípios unificadores estabelecidos para que trabalhadores celestiais tivessem limites. Entre estes princípios estava o da cobertura protetora, e de sua beleza conforme seja apresentada exteriormente, para que disponibilizasse tanto prazer ao seu portador quanto devesse ser compatível com sua utilidade intrínseca; sexo, nas duas divisões, ativa e receptiva; sistema circulatório, da seiva e do sangue; sistema respiratório por poros e também outros sistemas.

Você não pode seguir adiante, meu filho. Pare agora.

Arnel. †

Sexta, 15 de março de 1918.

Agora os princípios que governam as coisas materiais – que é a vida manifesta externamente em forma de matéria – e são aplicáveis também ao reino espiritual.

Primeiro o da espiral, que é em si análogo na matéria aos princípios que são vistos operantes nestes reinos espirituais. Deve ser assim, pois todo o movimento dos átomos materiais é o efeito da vontade operativa. A Vontade Central é a de Deus, cuja

emanação ativa passa através das esferas em seqüência ordenada, e encontra sua expressão última na matéria. O que é visto na matéria, entretanto, é o efeito da energia destas esferas passando adiante. Neste caso que nomeamos, a energia é vista a emitir, no átomo, a atividade espiral. Não poderia ser assim, a menos que o princípio fosse também encontrado ativo nestas esferas através das quais a energia vital flui. Como ela é vista manifestada aqui, eu me proponho a mostrar-lhe agora.

A coroa de folhas de palmeira era um símbolo desse princípio espiral, pois dessa forma foram dispostas, e na manifestação que lhe relatei os anjos que sentaram-se sobre a coroa estavam, necessariamente, dispostos em espiral. Foi uma lembrança de como é realizado seu trabalho, e foi para nos dar uma lição visual que eles assumiram seus postos desta forma.

Agora, como é aplicado à vida animal na criação:

O primeiro impulso sensitivo é visto na planta, e ali você vê claramente ilustrado o princípio da espiral. O feijão sobe em espiral, assim como fazem outras plantas trepadeiras, algumas mais explicitamente, outras menos perfeitamente. As veias das árvores também tendem a declinar da perpendicular à medida que atravessam o tronco ao longo de seu comprimento. As plantas que sobem sustentadas por gavinhas suportam a si mesmas por um gancho em espiral. Sementes flutuam sobre o campo, ou caem no solo, numa curva similar. Tudo isto é consequência do princípio, ativo como as vibrações procedentes do sol que atingem a vida vegetal na Terra. Estas reproduzem em miniatura seu impulso ao longo dos céus do espaço, e nelas mesmas imitam as órbitas das constelações.

Quando chegamos na vida animal, encontramos o mesmo princípio trabalhando, já que os pássaros não voam nem nadam em linha reta, mas inclinados fora do prumo, e, dado um percurso de extensão suficiente a mesma formação apareceria. Aos animais, tanto do mar como da Terra, a mesma regra é aplicada, mas nem sempre ela é vista tão amplamente como nas ordens mais baixas de vida, porque aqui é aplicado o exercício do livre arbítrio, o qual produz impulsos excêntricos da regra central. No sentido inverso, a lei é mais aparentemente percebida sendo

cumprida quanto menor for o livre arbítrio entrando na composição. Preciso apenas mencionar, para exemplificar, a concha do caracol e muitas das conchas dos animais marinhos, onde o instinto está no lugar do livre arbítrio.

Por outro lado, no que concerne ao homem, o princípio é visto operante na maioria dos temas onde a sua individualidade é menos aparente do que o direcionamento geral da mente de sua raça. Assim: a civilização procede do leste ao oeste, de tempos em tempos circundando a Terra. Obedece a liderança do Sol central da Terra. Mas o meridiano do Sol não viaja em linha reta ao longo do equador, mas inclina-se, ora para o norte, ora para o sul, conforme a Terra inclina-se de uma forma ou outra. Esse impulso da Terra é reminiscência da antiga regra e mostra a origem da Terra do estado nebular, de onde obteve o mesmo movimento espiral. Mesmo assim, o caminho da civilização, circundando a Terra, nunca atravessa a mesma região duas vezes em seguida. Através do tempo, a onda civilizadora alcança o ponto de longitude que marca sua revolução formadora quando a Terra inclinou-se em seus pólos, o norte em direção ao sul, e o sul em direção ao norte, em alguns graus. Como o caminho do impacto das radiações solares sobre a Terra é variado, também é assim o caminho da marcha para frente da civilização, que, por sua vez, nada mais é que outro modo de se dizer “revelação”. Se você pensar na localização da Lemúria ou da Atlântida e seus sucessores no progresso da experiência humana, verá o que quero dizer.

Mais adiante, não somente a respeito do caminho que toma localmente, mas para a realização também, o princípio se mantém. Isto é mais difícil de lhe explicar. Aqui é claramente visto por nós, porque vemos o trabalho mental íntimo da raça, não apenas mais vividamente, mas também numa extensão mais ampla de tempo. Desta forma sou capaz de dizer-lhe que o progresso da raça humana sempre segue para adiante, mas numa gigantesca espiral, apesar de tudo. Faria melhor sugerir-lhe o que lhe digo lembrando-o do ditado “Não há nada de novo sob o sol.” Não é verdade, mas traduz uma verdade. Você ouve de vez em quando que foram feitas novas descobertas, mas logo é

descoberto que foram antecipadas alguns milhares de anos atrás. Bem, eu não colocaria desta forma. Diria, em vez disso, que esta nova descoberta apareceu durante o período em que a ciência atravessa a rampa exatamente em cima da secção de caminho inclinado abaixo na espiral quando então sua descoberta foi feita. Porque a espiral é sempre ascendente, e sempre retorna sobre as voltas de seu curso. E estas novas invenções são novas apenas no sentido de serem adaptações das descobertas científicas no ciclo prévio da espiral da civilização.

Poderia, por favor, dar-me alguma ilustração?

A utilização das moléculas do éter a serviço da humanidade ilustra isso. Você notará que o atual estágio avançado deste ramo da ciência foi trabalhado muito gradualmente. Começaremos com o processo de combustão pelo qual o gás era liberado; o calor era gerado, e com o calor o vapor foi produzido. Isto foi seguido pela aplicação desse mesmo gás, mas descartando o intermediário vapor. Então um sistema mais fino de vibrações etéreas foram comprimidas a trabalho, e agora a eletricidade está rapidamente suplantando o vapor. Mas outro passo avante vem sendo dado, e o que chamam de ondas de telegrafia sem fios estão começando ser descobertas como sendo mais potenciais ainda.

Agora, tudo isto já foi feito antes, em variados graus de perfeição, pelos cientistas das antigas civilizações, o que para vocês se tornou quase de memória mítica. O próximo passo adiante também é previsto. É a substituição das ondas mentais pelas ondas etéreas. Isto também alguns poucos dos de maior e de mais alta evolução entre aqueles precursores compreenderam em sua ciência. Não lhes foi permitido que transmitissem adiante seu conhecimento aos seus colegas, os quais não eram moralmente evoluídos para fazerem uso correto. Nem será dado à atual raça dos homens aperfeiçoar isto como uma ciência exata até que tenham progredido mais em competências espirituais. De outra forma prejuízos proviriam à raça, e não benefícios.

Mas o atual ciclo de progresso ultrapassará, neste tema, além daquilo que está no ciclo precedente, porque, neste ponto, naqueles dias, pararam e não foram adiante. Seu declínio estabeleceu-

se, e aquilo a que chegaram gradualmente foi absorvido pelas esferas espirituais, para ser conservado até que a próxima raça tenha sido preparada e trazida a tal estado de perfeição que os qualifique para receberem tudo de volta novamente, com o acréscimo do *momentum*, pela inspiração dos que foram seus guardiães durante as eras em que permaneceu inativo a seu cargo.

Chame as esferas espirituais de interiores e a esfera terrestre de externa e você terá o mesmo princípio de movimento reproduzido ao qual nos ativemos no átomo do éter.

Há muito mais que isso na matéria, mas não é de nossa competência colocar em palavras para que você entendesse. É suficiente dizer que o princípio que esquematizamos para mostrar-lhe sustenta-se bem, não somente a respeito da dinâmica da ciência, posso assim chamar o que acabo de exemplificar agora, mas também das ciências de governo, de cultivo de espécies vegetais e de animais, e a ciência da astronomia e da química.

A astrologia e a alquimia foram as duas análogas correspondentes à astronomia e a química dos dias atuais?

Não, meu filho, com certeza não. Estivemos falando a você esta noite em eternidades, não em séculos. A astrologia e a alquimia são parentes imediatos das duas ciências modernas. Estão no mesmo ciclo dessa gigantesca espiral da qual lhe falo, mas algumas polegadas afastadas, quase que no mesmo nível de ascensão no plano inclinado.

Mas a química servirá para um tema para darmos uma palavra mais a você antes que lhe digamos boa noite.

É a forma mais externa de expressão da atividade daqueles mais elevados que guia a corrente de vibração procedente da Grande Mente Central Única para a diversidade e para a diferenciação. Da unidade todos esses elementos químicos procederam, pelo caminho da diferenciação da unidade para as partes, e então para as partículas, à medida que a corrente vital os emanou para fora vindos de Deus, através do espírito, para emergir como matéria. Então, tendo alcançado seu ponto mais baixo, aquele impulso então volta-se sobre si mesmo e está subindo interna-

mente. A química analítica está obedecendo a esse impulso conforme seu curso externo, da unidade para a diversidade. A química sintética já está tropeçando e de alguma forma tenta desajeitadamente encontrar sua tendência. Seus esforços voltam-se da diversidade em direção à união dos elementos novamente. Já virou a espiral externa do átomo cósmico, quando no curso para dentro continuará o mesmo ímpeto, para emergir mais uma vez em seu caminho mais exterior, mas sempre em espiral. Lembre nossas palavras dadas em nossa última vinda concernentes a isto e cheque nossas palavras desta noite por elas.

Arnel †

Nota: Antes desta mensagem, Mr. Vale Owen iniciou a sessão formulando a seguinte pergunta:

Qual é seu desejo esta noite, senhor?

Continuar nossa descrição da lição que aprendemos na manifestação.

Não pude compreender aquela última parte sobre os análogos. Pareceu-me quase insensato. Eu transcrevi corretamente?

Quase. O que você esqueceu é nossa aplicação. Você estava distraído demais para que continuássemos. Faremos isso agora.

Sexta, 22 de março de 1918.

Nesta noite vamos continuar nosso tema dos princípios que emergem de estudos da proveitosa ordem do universo da criação da forma que pudermos continuar sobre a manifestação que lhe descrevi.

Falei do princípio da espiral da operação das forças, e agora vou falar-lhe de outro princípio que aprendemos.

Em todo o departamento da vida criadora há um impulso latente com o qual aqueles que são encarregados de conduzir o desenvolvimento devem contar e se adaptar. Esta influência contrária tem origem antiga, devida ao efeito dos esforços daqueles que esquematizaram aperfeiçoar uma Manifestação Divina na matéria.

Havia naquele tempo, muito tempo atrás, alguns que tinham em mente tomar um atalho à perfeição e outros que escolheram o caminho mais longo. Esses dois grupos não entravam exatamente em conflito, mas a variação de seus esforços extrapolou de alguma forma, e a confusão que se seguiu causou tudo o que hoje o homem chama de mal. Todas as coisas estão seguindo em direção à perfeição, mas tão grande é o campo de atividade que o período deve ser necessariamente longo, se o contarem em dias ou anos. Do ponto de vista destes que estão na presença de Deus, nem é longo nem curto, mas um evento contínuo, como um rio – quando considerado como uma unidade – que avança da fonte ao mar.

Você verá como essa diversidade no desenvolvimento da criação surge mesmo nos reinos mais exteriores, nos quais sua atual consciência terrestre atua. Porque a própria Terra é espargida, e quase toda feita disso, com as tentativas anteriores de sabedoria que evoluíram até o presente acúmulo, por um lado de faculdades que ainda estão no processo de desenvolvimento, e por outro dos materiais que serviram para seu propósito no grande esquema do progresso, e foram postos de lado como refugo, à medida que a vida tornou-se mais refinada e necessitava de instrumentos mais delicados e intrincados para sua expressão. Mas enquanto isto é verdade sobre algumas dessas ruínas das eras passadas, outras testemunham o fato de que, em alguns casos, uma direção foi tomada e levava a um impasse onde o ímpeto para frente encontrou o veículo inadequado para sua expressão, tornou-se restrito, o pulso vital foi ficando fraco, caiu em inércia, e aquela linha de atividade evolutiva chegou ao fim.

Aqueles grandes mamíferos e répteis, dos quais vocês têm os remanescentes em forma fossilizada, eram maravilhosos produtos da energia criadora muito habilmente empregada. Mas quando vistos do mais avançado ponto de vista deste atual estágio de evolução, eles parecem rudes e fruto de trabalho artesanal desajeitado. Apesar disso, é bom lembrar que alguns deles foram grandes blocos que foram usados no assentamento das fundações sobre as quais um templo muito enfeitado de energia viva e progressiva está ainda hoje sendo construído; e, ao se contemplar

essas fundações, pode-se estimar quanto esse prédio progrediu em desenho, e também pode-se perceber quão alto é o pé direito daquele andar no qual agora vocês estão para admirar a paisagem dos céus distantes naquelas regiões do espaço onde ainda estão evoluindo trabalhos de outras grandes hierarquias que hoje estão, em seu próprio caminho, mobiliando novos mundos no estágio em que a Terra estava quando essas fundações da vida atual foram construídas.

Agora, o mais adiantado princípio do qual falo é: O curso do desenvolvimento deve tomar uma linha dupla de direção. Essa direção deve ser primeiramente para fora, da unidade para a diversidade de expressão, como já explicamos. Mas também ao longo dessa linha de movimento deve seguir sua gêmea, que é: que o progresso tome a direção do espiritual sempre no sentido da matéria. É como dois corredores correndo seu caminho lado a lado. Um é chamado “da unidade para a diversidade”, e o outro é chamado “do espírito para a matéria”. Esses dois devem manter-se juntos passo a passo. A nenhum deve ser permitido que ultrapasse o outro; porque não correm para vencer, exceto para vencer atingindo a meta externa juntos.

Houve aqueles que esquematizaram encurtar este curso suspendendo prematuramente a tendência, antes que todo o caminho externo fosse cumprido, fazendo voltar novamente o desejo de vida criadora para dentro em direção ao espírito antes que o posto mais externo tivesse sido alcançado e circundado. Este posto é a expressão material dessa atividade criadora que seus cientistas chamam de Universo. Não é o Universo em si. É a expressão mais exterior de uma manifestação mais interior de um ciclo ainda mais profundo de desenvolvimento, atrás do qual há aqueles senhores da criação que por sua vontade energizante guiam a grande frota de sistemas solares em sua viagem através do espaço da matéria em direção ao porto onde inverterão seu curso e mais uma vez retornarão para seu lar.

Mas quando isso acontecer, não será preciso navegar no retorno sobre sua rota da ida. Porque, tendo acumulado em suas atividades toda a riqueza de múltiplas expressões de vida, conforme foram atravessando o tempestuoso curso externo, agora

devem navegar para casa por mares ensolarados, marinheiros mestres todos eles, e príncipes eles próprios, que enfrentaram e venceram, eles que, quando iniciaram, eram apenas remadores e estivadores.

Agora, foi quando alguns dos grandes senhores criadores programaram encurtar aquela viagem que o desastre aconteceu. A frota já havia viajado algumas eternidades, e então voltou do meio do oceano, navegando a velas plenas. Nesse lugar há ventos fortes e mar agitado, e os navios perambularam tanto que alguns colidiram e quase afundaram juntos. Assim perceberam que deviam navegar com o vento a favor, e o curso foi mais uma vez retomado para seu destino original. Bem, a frota chegou até aqui, mas os navios estão danificados no casco e com as velas rasgadas, e com muitas evidências das tempestades que enfrentaram no caminho.

Para tornar mais claro o que eu queria dizer-lhe: O oceano é o reino do Ser expressado em expansão exterior da Mente do Infinito e do Único Um. A frota é o Universo que foi trazido à existência por Seu comando e pelos senhores criadores de quem falei. O porto no qual o curso exterior deve terminar é a atual expressão material do Universo onde vocês se encontram atualmente. O curso em direção ao lar é este em que atualmente estão; porque o ponto mais externo foi atingido, e justamente agora está sendo circundado. É o circundar deste ponto, é a saída dos recipientes de proteção da inércia da matéria em direção ao elemento mais ativo do mar aberto, que é a causa do grande desassossego em todas as direções na atualidade. Logo as velas vão enfunar e partirão equilibradamente de bombordo a boroeste do casco, os cascos vão se pôr a caminho de casa, e tanto os oficiais como a tripulação, agora com destino ao lar, estarão com alegre disposição, e sempre, enquanto a frota sulca o oceano do Ser, mais e mais próximos estarão do porto de onde partiram tantas eras atrás, e a felicidade e a paz vão se unir a eles à medida que andarem de encontro às boas vindas que os esperam a bombordo, muito longe a leste, onde a luz já está rompendo a aurora e o sorriso de Deus é visto.

Quando o problema começou, Arnel? Quero dizer, em qual estágio de progresso estes senhores criadores começaram a errar?

Há muito mais tempo atrás do que sou capaz de indicar, meu filho. Também, apesar de que sob seu ponto de vista parece que eles tenham errado em suas considerações, não é necessário que assim seja. Estou além de você na linha do progresso, mas um pouquinho só, e entretanto eu e aqueles que são meus companheiros aqui parecemos enxergar que o que chamaríamos de erro será visto desta forma apenas quando chegarmos no porto, não deveríamos considerá-lo agora. O que vemos e pensamos ser o mal e o imperfeito é somente a volta mais externa das pequenas ondas na praia pedregosa de uma minúscula ilhota, um grão no meio de um oceano que é infinito. Estas pequenas ondas parecem estar na arrebentação. Mas voltam para sua grande mãe apesar disso, e voltam novamente a ser – bem, oceano, nem mais nem menos. Como não podemos avaliar a profundidade de seus abismos e a majestade de seu seio tão repleto através de uma casca de ovo lotada de espuma bordejando um pedaço de terra, também não podemos estimar a sabedoria dos grandes pelo pouquinho que conseguimos sentir de sua infinidade.

Uma formiga disse para outra: “Nós, meu irmão, somos mais sábios que a pulga, pois ela é nossa escrava para atender às nossas necessidades.” “Sim,” disse a outra. Mas uma formiga-comedora chegou por aquele caminho, e toda a sabedoria das outras deu em nada, esvaiu-se num segundo. Pois a formiga-comedora, enquanto se espichava para cochilar no sol, murmurou enquanto deitava: “Não é toda a sabedoria que há, esta que eu aprendi enquanto vinha para cá, e veja, eu rodeei isto tudo. Eu acredito que haja aqueles que tenham em si mais sabedoria guardada que eu.”

Se o homem fosse como a formiga em sabedoria, ainda assim haveria também aqueles que seriam mais robustos e com força para competir. Estes são mais lentos em chegar a uma conclusão, e não são menos sábios, meu filho.

Arnel †

Segunda, 25 de março de 1918.

Tão distante, meu filho, e apenas tocamos as franjas mais exteriores da vestimenta de Deus, a qual cobre, e ainda assim revela, Sua forma de luz e beleza. E podemos penetrar um pouquinho mais profundo, se você nos der sua mente, pois há coisas a serem ditas, e diremos o que podemos através de você, de acordo com a sua capacidade de transmissão de nossos pensamentos.

Seria bom que os homens pudessem ser indulgentes conosco enquanto tentamos expressar Deus e Seu propósito nos eventos que vêm acontecendo em torno deles em seu curso diário de vida. Porque estamos sempre íntimos nos assuntos de todos vocês, e somos afastados pelos obstáculos que colocam entre a corrente de nossas energias e os seus objetivos no mundo. E nós, de quem falo, somos apenas pequeninos diante do grande esquema da vida à medida que ela surge através das constelações, banhando todos no único grande mar de vida que preenche a eternidade com sua energia e não encontra portas que lhe barrem onde quer que vá.

Já lhe dissemos de alguns dos efeitos e das causas que são intermediárias entre o Universo enquanto expresso em matéria e a Grande Fonte Central de onde vem tudo o que é, e para o qual tudo retornará quando o grande campo for colhido, e a Casa da Colheita for merecida.

Agora, enquanto estivemos naquele grande saguão da coroa, ficamos encantados pela pressão sobre nós desta grande força. Pois lá estava, no alto, o Verbo manifesto no Cristo de Deus, calmo, majestático, e lindamente trajado. E, repare, estávamos na presença d'Ele e do que emanava pela Sua presença e vinha do íntimo de Seu ser, tudo desconhecido para nós exceto pelo que podíamos vislumbrar através d'Ele. Assim sentimos essa corrente eletromagnética de energia potente fluindo para fora, sobre nós através d'Ele, de peso e medida além de nossa capacidade de assimilação. Mas o que realmente entendemos é que Ele estava ali para irradiar amplamente algo de sua luz interior e provinda de Sua personalidade para nossa instrução, elevação e mais perfeita alegria.

Enquanto a grande exibição dos departamentos criadores não estivesse completamente aberta em torno d'Ele, Ele permaneceu em perfeita imobilidade, como se Sua faculdade total estivesse sendo pressionada até sua máxima tensão para nos produzir estas maravilhas. Quando isso estava pronto e o grandioso quadro completado, Ele suspirou e então apareceu um trono atrás d'Ele, e muitos seres maravilhosos emergiram para a visibilidade, ficaram atrás dele ali, parados e em adoração. Ele se voltou e subiu os sete degraus, sentou-se no trono e então diante dos degraus apareceu uma alameda que se estendeu em direção àquela parte das curvas das hierarquias que ficou diante da raça humana. Estes atravessaram a avenida e ficaram diante do trono, pararam com seu consentimento e inclinaram suas faces para baixo, enquanto de seu reino atrás deles veio o som de cantos e o tom de uma música, como se algum grande diapasão soasse do íntimo do espaço, longe, distante, como se os mundos estendessem entre si cordas para tocar harpas, e seus murmúrios viessem para testemunhar sua unidade com aqueles que estavam na presença de seu Senhor.

Então veio de trás do trono um príncipe radiante que ficou do lado direito do Cristo e falou a estes que se aproximaram. Suas palavras foram bem distintamente ouvidas por nós, mas o hino vindo dos mundos distantes continuava enquanto ele falava a todos que agora era o Cristo de Deus que vindicava no sacrifício que Ele havia feito para a expressão de Amor no Universo de Deus inteiro.

Nota de G. V. O.: Aqui o poder falhou e não fui capaz de continuar. O poder falhou porque eu estava extenuado com o trabalho da paróquia – trabalho da guerra. A dupla couraça era demais para mim, então eles interromperam repentinamente no meio da mensagem acima.

Na quarta, 10 de abril de 1918, minha esposa, ainda usando a prancheta, fez a seguinte pergunta:

“Por que a escrita com George parou?”

Então o pai dela respondeu, através da prancheta:

“Deixe-me explicar. George estava sentindo muito a tensão, e desejou parar, particularmente enquanto fosse verão. O descanso foi necessário, e será benéfico. Mas ele não deve pensar que já está terminado.”

Capítulo V

As hierarquias criadoras e o Cristo criador. O hino de Lamel. Terra, Marte e outros planetas. A esfera Crística. Parábola: O gato e o funileiro. O purgar nas esferas inferiores

Quarta, 19 de fevereiro de 1919.

Nós, que estamos com você esta noite, somos daquele grupo que um ano atrás estava descrevendo a cerimônia no hall da coroa. Naquela época fomos obrigados a parar, como se lembra, porque você estava esgotado. Nós agora retomaremos o tema mais uma vez e continuaremos aqui e agora.

A primeira destas hierarquias a se aproximarem em louvor ao Cristo e Àquele que o enviou foi a da espécie humana. Então um arauto veio para lá e discursou à multidão reunida em seus vários departamentos. Estes eram diferenciados no desenvolvimento, alguns mais adiantados que outros. E a cada um ele falou por sua vez, a fim de guiá-los e encorajá-los em seu impulso para adiante no progresso evolutivo.

Isto está muito resumido. Agora o próximo estágio da cerimônia. Em torno do trono no qual o grande Cristo Criador sentou, apareceu uma nuvem de vapor. Muito linda era de se ver, à medida que as cores a invadiam e misturavam-se lá dentro como uma teia tecida. Então, lá de trás do trono e fora da nuvem, um círculo de raios foi irradiado na forma de um leque que se abria alto e largo, enquanto Ele sentava na parte mais baixa, entre eles.

Eles eram azuis e verdes e âmbar, estes raios, e eram projeções celestiais daquelas forças que são geradas dos departamentos materiais de Seu reino – o reino fenomenal em substância da matéria da qual a Terra e os planetas e as estrelas são feitos.

Então a nuvem toda em movimento condensou-se em si mesma e seus variados matizes arrumaram-se de tal forma que quando se adensou na forma de um manto vimos todos mais uma vez em seus próprios e apropriados lugares. Então quando este manto desceu sobre ele e envolveu Sua forma enquanto Ele

estava imóvel sentado ali, foi muito bonito. A maior parte dele era azul, escuro e profundo azul, mas com um brilho em si. O debrum era dourado e neste debruado estava uma borda que se espalhava pelo pavimento e se estendia pelas escadas. Esta borda era larga e dourada, prateada, verde com vermelho e âmbar nas duas linhas largas na parte interna desse acabamento. A roupa azul tinha em largos intervalos desenhos semelhantes a uma coroa invertida. E tinha um colarinho de pérolas sobre os ombros. O colarinho brilhava com muitos matizes Não era cinza pérola, – mas como descrever a você? Ele brilhava por si e emitia raios sobre Sua cabeça, não obscurecendo Sua face, mas emoldurando-a num halo de radiação. Visto em perspectiva com o pano de fundo irradiante parecia o núcleo de onde aqueles raios eram emitidos. Mas não era assim, exceto como parecia a nós. Sobre Sua cabeça não havia coroa mas apenas uma tiara vermelha e branca que prendia Seus cabelos atrás da orelha, algo parecido com o modelo de nosso diadema de reverência do qual lhe falei.⁸

Você é muito cuidadoso em passar-me estas cores em detalhes, Arnel. Qual é o seu significado?

Não posso dar-lhe os detalhes da explanação como lhe dei em detalhes as cores da forma que elas apareceram a nós, e eram tão lindas e dispostas intencionalmente em seus grupos. Mas falarei por alto e isto é o tanto que você entenderia.

O pano de fundo raiado era o universo da matéria que, para os que têm olhos e ouvidos, serve para expor a figura d'Ele, o Cristo, e dar contraste ao aspecto benigno de Sua aparição.

O diadema coronário era a essência destilada da humanidade, tanto da Terra quanto dos que passaram para as altas esferas.

Ele era vermelho e branco. Isto tinha significado?

Sim. Relembrava a transição da humanidade para fora das esferas de força, desejo, auto-afirmação, para aquelas de sintonia com a Única Luz na qual todas as cores se fundem numa paz repousante, como aqueles que fizeram estes raios sintonizam-se em grupo. Esta é a transição do vermelho para o branco. E por isso aquela luz branca é a mais perfeita de todas e também a

mais potente. Aqueles que não têm vontade de entender vêem uma porção nevada do ártico, frio e parado. Mas aqueles que naquela luz vêem seus matizes componentes, cada um com sua grande beleza, em sua mistura sentem o calor de seu brilho. A estes, sem o branco a luz é fria. A eles, dentro dela está a cintilação do amor e da paz.

Você esteve na luz branca, Arnel?

Não, meu filho, não totalmente, mas apenas no limiar daquele santuário. E ali somente cheguei com muita ousadia e muita força de vontade exercida para este propósito, mas somente por uma vez, e com permissão. Não fui eu que pus a mão na porta, mas um grande a serviço do Cristo Criador. Ele veio ao meu lado antes que eu falhasse em me sustentar na vontade de ver Sua alta beleza naquele momento. Ele segurou meus ombros e lançou sua capa sobre mim e diante dos meus olhos, e então empurrou a porta um pouquinho e por um momento segurou-a assim. Assim, com meus olhos sombreados e a forma velada por seu manto, vi e senti a radiação dentro daquele tão glorioso templo da Presença. Aquilo me foi suficiente, meu filho; eu sei o que a espécie humana será um dia, quando Ele tiver dado a todos a lição de Suas energias operativas e tudo estiver consumado n'Ele. Agora Sua face está voltada para nós, os menores, e a raça humana atrás de nós, de quem somos os celestes escaramuçadores. Naquele dia, Ele se voltará e levará Suas miríades redimidas em direção ao Trono do Pai, Ele mesmo verdadeiramente unificado com eles. Naquele dia também todo o vermelho no diadema ficará misturado no branco e o branco brilhará um pouco mais calorosamente por esta mistura.

Agora, meu filho, você me desviou e falei tudo isso pelo diadema coronário. Que mais direi do manto azul a mais que isso: que o pano de fundo de essência material mostrava a forma e o contorno d'Ele e de Seu manto e Seu trono; que o diadema mesclava unindo a humanidade da Terra com a emanção do potencial da humanidade para seguir aos céus do espírito; por isso a roupagem cobria todo o Seu corpo, por meio de que toda a Criação evoluiu para adiante, desde que saída do Pai: naquela roupagem estavam misturadas todas estas grandes forças que

movem, capacitam e vivificam a matéria e o organismo. Algumas delas você conhece: eletricidade, éter, que não é somente inércia, mas tem uma força própria; magnetismo também, e a força motriz dos raios de luz, e também outros mais sublimados. Todos estes misturaram-se em Seu manto para esconder Sua forma e, apesar disso, para delinear-lo e a seu trono.

Qual é o significado da coroa invertida – por que invertida?

No lugar da coroa Ele usava aquele círculo vermelho e branco. Um dia Ele usará a coroa em si quando o círculo tornar-se todo branco e tiver sido absorvido no branco sincero de Sua personalidade. Então o manto será elevado, espalhado e assim flutuará em todo o Céu e então invertido, será exibido como pano de fundo d'Ele e de Seu trono no lugar dos raios o material que não será mais visto então. Aí também, quando naquele distante grande dia Ele levantar-se para rever Suas miríades mais uma vez, sobre Ele e em torno d'Ele estas muitas coroas deverão ser vistas, agora não mais invertidas, mas eretas. Elas são de diversos tipos de desenho. Mas todas, então, em sua posição normal, apontarão para as distantes glórias enquanto o Cristo marechal liderar Seus redimidos e levá-los para frente em sua brava formação.

Arnel †

Quinta, 20 de fevereiro de 1919.

Dali a pouco a capa azul tornou-se vaporizada e derreteu-se na atmosfera. Então o Cristo Criador sentou-se em Seu trono mas mudou de vestimenta. Sobre Seus ombros havia uma capa do mesmo azul profundo, mas caía em Seus dois lados e embaixo d'Ele estava exposta uma vestimenta dourada que batia em Seus joelhos e que caiu um pouquinho dos lado quando Ele se sentou ali. Estava cingido com uma larga cinta verde e dourada, tendo uma bainha da cor do rubi. O diadema ainda estava sobre Sua cabeça, e no diadema uma faixa de estrelas cintilando muitos matizes sobre Ele. Em Sua direita Ele segurava uma coroa de metal duro e branco. Era a única coisa sobre Ele que não tinha

radiação e era para a mesma lembrança ser mais marcada por nós que a vimos.

Agora Ele levantou-se e depositou a coroa sobre os degraus diante de Seus pés e ficou em pé para nos encarar. Por instantes Ele falou de Sua vontade para nós. Disse Ele:

“Apenas recentemente vocês viram o que há em Meu reino. Entretanto há os que não podem vir para ver suas belezas íntimas como vocês fizeram. Naqueles distantes planos são capazes de pensar em Mim apenas com seus pensamentos escuros, pois ainda não chegaram ainda a seu completo despertar. Digam a estes amigos, bom Lamel, do atual estado e do próximo destino daqueles que estão tão afastados.

Então sobre o primeiro degrau do trono estava um homem que era daqueles que serviam e que tinham esperado em silêncio no outro lado das escadas. Estava vestido de branco com um cinturão prateado sobre seu ombro esquerdo e sobre suas costas. Ele então falou a nós estas palavras e, enquanto ele as pronunciava, sua voz parecia ser feita de muitas cordas musicais, não de uma nota apenas, mas de múltiplas. Os tons eram ressonantes, tanto que flutuavam no ar sobre nós e passavam até que atingissem algum fio musical suave e ele respondesse. Uma e outra corrente aérea estavam assim vibrando até que todo o firmamento ficasse tremulando com a música, como se milhares de harpas estivessem em seu trabalho harmônico.

Todavia nem por isso eram suas palavras menos claramente ouvidas, mas tornaram-se mais sintonizadas e descritivas, mais próximas da natureza das coisas e atos que elas significavam, mais cheias de corpo e substância, como se você pegasse um quadro em preto e branco e o pusesse em cores. Portanto havia vida em sua canção e não somente música.

Assim ele apresentou seu tema.

“E se a Sua presença parecesse estar afastada lá nos altos reinos de glória? Ele está aqui conosco, pois somos Sua progênie e em Sua vida vivemos.

“E se fôssemos a eles, tão distantes, naqueles planos onde a luz é escura, como Ele vem a nós? Eles são ainda nossos companheiros, e nós consangüíneos deles.

“E se eles não souberem onde sua vida está escondida, pela qual vivem e vivem extraviados? Sentem, procuram no escuro e agarram apenas uma pequena parte. Mas fazem pelo menos isto corretamente, e estendem suas mãos cegamente com as palmas voltadas para cima.

“Mas em sua noite eles tropeçam e então vagueiam nas pegadas do caminho, enquanto que os que vêem um pouco esperam o retorno destes errantes que vêem menos ainda, e eles vêm vagarosamente em sua direção, mas como numa única companhia, juntos.

“E se o caminho for longo, não deveremos nós também esperar sua chegada até aqui, para que eles e nós possamos caminhar juntos para frente, para cima, mas mais grandemente abençoados no amor mútuo, dando e recebendo cada um, ambos?

“Mas deveremos esperar, e somente esperar, enquanto eles em seu caminho tropeçam? Ou deveríamos ir e trazê-los, como o Cristo algumas vezes tirou Sua roupagem de glória e, vestido em roupas inferiores e de trabalho, buscou estas ovelhas que se extraviaram, quando estes se extraviaram, e trouxe para a Terra aquilo com o que a Terra encontraria alívio, naquele tempo passado?

“Isso seria os poderes do Alto feitos maravilha, e eles, que pairam sobre os cosmos maiores que este nosso inclinaram-se profundamente diante d’Ele, em devida reverência, prestando obediência ao Filho de Deus em sua humildade. Porque eles, que são tão grandes em sabedoria, aprenderam, agora mais profundamente ainda, o quanto o Amor combinava com o Universo, e que todo o Universo é amável e do Amor.

“E se forem fracos seus membros e cegos de visão? Ele é sua força e Ele será seu luminar para liderá-los a fim de

que não mais tropecem, nem estejam mais perdidos finalmente.

“E se não sabem destes reinos brilhantes como nós conhecemos para nossa alegria, algum dia estarão em regozijo conosco, e nós com eles, algum dia.

“Mas qual de nós tomará a coroa, com a força designada para esta guerra? Quem ensaiará colocá-la em sua cabeça? Porque é dura e pesada em seu peso de hoje.

“Então deixe aquele, que é forte e simples em sua fé, chegar aqui e pegar a coroa.

“E se estiver sem brilho agora? Será algum dia radiante com a luz que agora está escondida nele, quando a tarefa estiver completa, algum dia.”

Havia um grande silêncio quando ele parou. Somente as vibrações da música ambiente pairavam sobre nós, ainda nos acariciando saudosa, chamando-nos ao silêncio até que o cantor tenha sido respondido.

Quando nenhum deu um passo à frente, ninguém desafiando esta aventura, o próprio Cristo desceu e tomou a coroa e colocou-a em sua cabeça, afundando-a até a testa, já que é pesada. Sim, meu filho, é pesada sobre Ele hoje, mas está agora começando a mostrar uma luz sobre ela que não havia até então.

Então levantou-se e nos chamou, “E quem de vocês vai comigo, meus companheiros?”

E quando ouvimos Sua voz, nos ajoelhamos todos nós sob Sua bênção.

Arnel †

Quarta, 26 de fevereiro de 1919.

E o que é esta alta aventura da qual você falou, Arnel?

Estou para lhe falar dela, meu filho, e seja capaz de transcrever, porque é chegado o momento para aqueles que deverão encontrar em seus corações alguma vontade de entender os eventos destes últimos séculos.

Você reparará que a concepção deste empreendimento não veio da Torre dos Anjos. Não, ele foi concebido eras atrás, nos reinos mais altos que estes de que falei até agora. Em cada era, no começo, os mais elevados – assim são chamados – reúnem-se em conselho. Os resultados obtidos nas eras passadas são agrupados e dispostos diante deles. Os das mais antigas eras são apresentados em forma tabulada e resumida. Os de eras mais próximas são apresentados em maiores detalhes. Os das eras recentemente passadas, por completo. Estes são considerados quanto à sua propensão pelos eventos acontecidos naqueles tempos na Terra. Então os planetas cognatos são ouvidos, e em seguida ambos, Terra e eles, juntos. Assim o Conselho, reunido e sem pressa, chega a conclusões como se, quando colocada em forma operativa a próxima idade, estará harmonizada com os atos de outras hierarquias que têm em seu encargo a tutela de outros planetas além da Terra.

Por favor, explique a expressão “planetas cognatos”.

Falo dos outros mundos que têm relação mais próxima com a Terra, tanto em grau de evolução quanto em tendência da mesma evolução; esses planetas que seguiram com livre arbítrio uma carreira muito semelhante à da Terra, e também chegaram a atingir um grau intelectual e espiritual mais de acordo com o da Terra no presente estágio. Não são somente os que estão mais próximos da Terra em termos de distância espacial, mas, como digo, no conteúdo intelectual e espiritual.

Pode nomeá-los?

Poderia, mas abstenho-me, a menos que seja chamado para expor o óbvio. Vejo uma frase em sua mente da qual me aproprio para meu serviço: “para tocar para a galeria.” A maioria é de planetas que não são visíveis a vocês, apesar de estarem no alcance solar, que deve ser considerado na matéria. Há também alguns poucos que estão na fronteira deste sistema mas obedecem à atração de outra estrela, e contudo são mais cognatos à Terra. E dois há que não estão no alcance do Solar.

Sistema Solar?

Sistema Solar, sim – não somente nele apenas materialmente em substância, porém também naqueles que sua ciência do presente não detectou, mas fará um dia. Mas isso é profecia, com a qual nada temos a fazer aqui. Portanto estes dados estando bem selecionados, diria eu, a carta para a próxima viagem da Terra é determinada, comandos emitidos e lá vai a nave, livre das regiões mais rudes, proa apontada para o mar aberto.

Que posição o Cristo ocupa nestes Conselhos?

Este Conselho, no singular você deveria dizer; somente um Conselho, com encontros de era em era. O pessoal do Conselho não é estático em absoluto, apesar de que muda, mas pouco no período de eras, de tão altos que são estes senhores criadores. Deles, o Cristo é o Presidente.

Rei?

Não escreveria isso, não. Rei dos Céus inferiores àquele Céu no qual toma lugar este Conselho; daquele Conselho, Presidente. Isto é delegado ao meu conhecimento somente, não pelo que tenha atingido empiricamente, mas do que veio a mim e a meus companheiros desta esfera por transição através das esferas que se estendem acima de nós. Vê agora? Ou devo continuar ainda?

Obrigado, senhor, penso que vejo o quis dizer, tão bem quanto me seja possível.

Bem. É bom que diga assim. Agrada-me. Porque nem eu nem os dos reinos acima de mim de forma alguma somos capazes de entender, apenas fazemos uma idéia do que são aqueles altos Conselhos. Desse jeito repassei para você, e contente-se com isto. Está bom.

Agora deixe-me prosseguir. Você vê agora que Ele, que é Presidente do Conselho, o filho eleito de Deus, é Ele que dá a arrancada adiante para ver a aventura. Isto é, aos olhos daqueles que trabalham comigo, como deveria ser: que Ele que têm em Seus ombros a responsabilidade da decisão faz-se audaz para pôr em prática e assistir ao fim. Isto fez o Cristo. Hoje Ele está em seu meio com esta atual missão apenas cumprida até a metade, tendo tocado a Terra e voltado para cima, em marcha para casa. Não divague sobre minhas palavras. Estou quase dando-lhe deste

tema mais detalhes. Isto foi uma flechada no touro. Deixaremos assim. Servirá como marca para que atinjamos nossa meta, a menos que nos percamos nos muitos meandros de nossa estrada. Estes têm seu interesse, e não deixam de ter instrução e muita beleza também. Mas o que nos concerne não é isso. Quer dizer-lhe da campanha naquilo que se refere à Terra. Deixamos o efeito dela nos outros mundos de lado e falemos apenas da Terra, pelo menos no que é principal. Exceto isto somente. Você esteve curioso por saber de outros planetas. Agora mencionarei Marte. Muitos pensamentos foram dirigidos anos atrás para aquele solitário planeta que tornou-se o primeiro lugar em interesse daqueles que não são da ciência, mas simples cidadãos. Não é assim, meu filho?

Sim, penso que não está longe disso.

A razão é reflexo. As pessoas de Marte começaram isto. Eles enviaram uma ampla carga de ondas de pensamentos em sua direção e vocês responderam – não, mais que isso. A razão desta intercomunhão é encontrado no parentesco entre a população da Terra e de Marte. Alguns de seus astrônomos falam deles tão familiarmente que os chamam de marcianos. Isto os divertiria, como também nos dá um gostoso arrepio de alegria. Bem, aqueles que conhecem bem os marcianos dizem que estão bastante à sua frente em desenvolvimento intelectual. Não é assim, meu filho?

Sim, é bem certo. Eles realmente dizem isso.

Estão errados. A população de Marte está, em algumas coisas, na frente de vocês da Terra. Em outras coisas, não poucas, mais atrasados que vocês. Estive lá. Sei disso. Mas nestas coisas vocês, com o tempo, deverão alcançá-los normalmente por sua ciência, e então eles serão de vocês, e vocês estarão mais justamente orgulhosos de conhecê-los. É por causa disto que freqüentemente a gente se abstêm e temos restrições em nossas línguas para conversação. É por isso que faço isso agora.

Você diz que esteve em Marte?

Tanto quanto os de Marte têm estado conosco e na Terra. Veja, meu filho, fazemos estas coisas aqui com muita eficiência. Eu

sou um dos que estão engajados naquele exército do Cristo na Torre. Outros exércitos têm sido formados, e outros ainda serão acrescentados mais tarde. Não é apenas um de todas as miríades que é mais cuidadosamente escolado para uma única tarefa proposta.

Vocês treinam seus exércitos da mesma maneira. Alguns têm deveres neste campo, outros naquele. Estava na hora de pôr em prática de minha parte aquilo que deveria saber do estado e do progresso de populações outras que não a minha da Terra. Para este fim de uma Universidade a outra, como dizem vocês. Uma destas Universidades era o templo do Monte Sagrado, uma na Torre e os Cinco Domos, e outra em Marte.

Qual era seu trabalho em especial, posso perguntar, Arnel?

Você fala no passado quando pergunta qual “era”. Minha tarefa está no presente. Estou nisto esta noite aqui com você, meu filho, e agradecendo a você pela sua boa ajuda neste avanço.

Arnel †

Quinta, 27 de fevereiro de 1919.

Os eventos que acabou de relatar ocorreram na esfera onze, pelo que entendi. É assim mesmo, Arnel?

É assim mesmo, meu filho, de acordo com a enumeração das esferas que meu Senhor Zabdiel⁹ deu a você. Vejo o todo de sua pergunta: vejo que está mal formada em sua cabeça. Tratarei disto agora e clareará sua mente e, então, minha narrativa.

Já lhe disse que a concepção deste empreendimento tem sua gênese não na esfera onze, mas em reinos muito mais elevados. Você leu da esfera Crística. É uma entidade real, mas entendida por alguns de uma maneira, e de outra forma por outros. As esferas são constituídas para conter e limitar, e não para serem passíveis de tabulação rígida pelo seu hábito filosófico de pensar. Se nós ou outros falarmos deles, deveremos dividi-los e classificá-los, entretanto; e isto é feito para nosso melhor entendimento. Mas o método de classificação é de aceitação universal. Não há dogmas entre nós. Entretanto se você pesquisa sob uma fraseolo-

gia exterior encontrará uma certa concordância entre os que transmitiram suas mensagens.

Alguns dizem que há sete esferas e a sétima é a do Cristo. Bem, que seja. Zabdiel e eu falamos das esferas acima da décima primeira. Agora, como nós as demarcamos, a do Cristo seria dois setes e uma. Desta forma: Duas destas esferas nossas fazem uma daquelas, quando se fala em sete somente. Mas parece-me que estes deveriam dizer, não que a sétima é a esfera que contém o Cristo, mas que a mais conhecida daquelas que o Cristo contém.

Em nossa enumeração a esfera quatorze – ou duplo sete – é a mais alta esfera da qual nós da esfera onze temos real conhecimento. Não somos ainda capazes de assimilar instruções do que se passa nestas esferas superiores à décima quarta. Por isso dizemos que, apesar de que sabemos que o Cristo é onipresente naquela esfera, deve haver a necessidade de que Ele pessoalmente seja de uma esfera, pelo menos uma, além. Porque não há pedacinho de toda a circunferência daquela esfera onde Ele não seja encontrado em presença. Se Ele, então, contém aquela esfera no total em si mesmo, Ele mesmo deve também ser produto do além. Assim os dois setes mais um. Isto é o máximo que conseguimos alcançar em nossos raciocínios sobre a instrução que temos recebido. Então dizemos que, ao se considerar isto, a esfera do Cristo é a esfera quinze que inclui em si mesma as quatorze anteriores. Tudo isso dizemos, mesmo assim restringindo da definição da esfera quinze tanto em sua fronteira quanto em suas condições, porque delas nada sabemos. Mas onde quer que seja a sua fronteira delimitada, é da esfera quinze que são dados aquele poder e a autoridade para aqueles que governam nas esferas abaixo. Este é o limite de nossa imaginação; além disso é para nós o grande desconhecido. Sou capaz, entretanto, de dizer-lhe uma coisa a mais e não interrompendo minha precaução – devo estar sempre me resguardando de lhe dar suposições à guisa de conhecimento.

É assim. Aquele Conselho dos Altos Poderes do qual lhe falei é o mesmo que se reúne para deliberações de era em era. Seus decretos são registrados às vezes nos registros terrenos, quando a revelação é feita por eles a quem seja capaz de recebê-los.

Assim este Conselho se reuniu quando o cosmos material foi concebido.

Arnel †

Sexta, 28 de fevereiro de 1919.

Ele se reuniu novamente quando o homem chegou e atravessou a câmara do longo sono e do lento despertar para o amanhecer brilhante da atividade suscetível e, pela primeira vez, vislumbrou os reinos das futuras conquistas para ver o que faria. Este, ou algum Conselho delegado destes talvez, notou a passagem da Atlântida e, nas eras posteriores, estes tempos de tensão quando algum novo elemento da grandeza potencial do homem trabalhou em sua luta pela auto-afirmação na contabilidade do progresso futuro da raça. O recente ímpeto que foi dado às suas ciências dos fenômenos veio do mesmo reino distante. Os homens pensaram que esta fase coroava a sabedoria das eras antes deles. Mas não é encontrada uma finalidade neste ordenamento do que é material, e o progresso real ainda continua em seu caminho. Pois não é aqui a Cidade da Coroação, mas longe, nas alturas além. Vocês apenas acabaram de transitar pelo vale e ajuntaram os seixos das correntes por onde passaram. Trazem-nos novamente para a visita ao lapidador. Isto será um dia, e ele polirá aquelas pedrinhas até ficarem brilhantes e lindas para a coroa real. Mas ele não reside no vale, nem entre as escarpas onde está seu caminho agora, mas acima, entre os altos planos onde a luz atinge em cheio e aquece. Aqui é o pórtico do palácio real onde habita o Rei e Sua corte, mas Ele está em ação no serviço ativo no caminho abaixo, ali embaixo, com Suas miríades onde Ele mais uma vez anda invisível pela Terra, e em sua trilha marchamos, nós os que falamos a você e fazemos o trabalho que nos foi dado para ser feito.

Eu entendo você corretamente, Arnel, quando diz que o Cristo está atualmente no plano da Terra e que você e muitos outros recebem ordens d'Ele?

De quem mais receberíamos? Perceba, você, meu filho, as marcantes forças trabalhando, e julgue tudo de forma justa. Sua

ciência, intoxicada por sua própria exalação, acaba de dar mais um salto e tornou etéreos os materiais – isto contra estes mesmos preceitos que apareceram. Sinais e maravilhas de diversos tipos são contados, e o que antes era um sussurro, agora dá espaço às exclamações. Olhe em torno e verá, refletidas nas águas sobre a Terra, as faces sorridentes de nossas miríades, todos a trabalho e sempre ocupados. Estamos silenciosos, mas vocês nos escutam; somos invisíveis, mas nossos dedos fazem ondular cada onda. Os homens dizem que não nos sentem, mas mesmo assim nossa presença os envolve e ficamos felizes de estarmos cutucando com os seus dedos em cada torta que fazem. Nós não roubamos suas ameixas, não, mas a torta é mais doce por nossa contribuição.

Um funileiro deixou sua vasilha de estanho sobre o assento onde havia comido sua refeição da noite, lá fora na varanda de sua cabana, e foi para a cama, esquecendo-a ali. O velho gato, na escuridão, veio e encontrou a comida que ele deixara e comeu. E usou como cama a vasilha onde havia achado tamanha iguaria. Mas ela estava estranhamente dura e muitas vezes virou e virou para fazer daquilo um lugar mais de acordo para dormir. Mas nada mais fez que polir aquela tigela com seu pêlo macio até que brilhasse como nunca. Ao amanhecer, o funileiro saiu e sob a luz do sol o instrumento brilhou como um prato de ouro. “Agora, disse o funileiro, aqui há acontecimentos estranhos. A carne se foi, mas o instrumento ficou para mim. Aquela carne indo embora diz “ladrão”, mas o instrumento fica e, polido brilhantemente, grita “bom amigo”. Mas, sendo um homem de mente racional, pareceu-lhe que a solução do fato estava assim colocada: Eu mesmo comi a carne, e enquanto bebi minha caneca de cerveja eu, meditando nas estrelas e em outros altos temas, poli usando a minha jaqueta, ajuntando os fios das nuvens, como um homem de cabeça faria. E aqui vem o gato para verificar. Veja você, gato, não é isto um instrumento brilhante, e não fui eu, seu mestre, que o poli? Ou, se for de sua sabedoria felina, diga-me quem?” E o gato respondeu, “Eeuu”, reprimindo o término de seu “miaau”, sendo um gato cauteloso. Pois no instrumento já havia visto seu rosto refletido. E o funileiro disse, “Pobre besta

muda. Bom, é bom que seu mestre tenha sabedoria e voz para falar.”

“Então pegou seu instrumento e, com orgulho, colocou-o sobre o canapé para que sua esposa o visse. Mas ela olhou para fora da janela, e somente disse, “O gato se pôs a dormir. Sábio gato; sempre foi.”

E suponho, nesta sua parábola, Arnel, que você seja o gato.

Apenas um fio do cabelo do gato, meu filho, mas apenas um cabelo eu sou, nada mais.

Arnel †

Segunda, 3 de março de 1919.

Nosso primeiro tema a tratar, depois do estágio onde fui chamado a tomar parte do empreendimento, era o da clarificação destas esferas inferiores. Todos eles estiveram em contato com a Terra recentemente, e foi dado de sua orientação em épocas anteriores. O inverso é também fato, isto é, que receberam em sua composição a contribuição conforme a Terra fez de geração em geração. Isto necessariamente, porque as esferas são recrutadas da Terra, e estes mais próximos à Terra mais imediatamente.

Conforme as pessoas chegam pelo porto da morte são, como sabe, recolhidos pela mão e ajudados a clarear as visões da vida. Velhos erros são lentamente purgados, uma nova luz é gradualmente aceita e assimilada. Mas tenha sempre em mente que não há leis rígidas conduzindo a vida, nem na Terra, nem nos céus. O livre arbítrio é sagrado e operante, contínua e universalmente. Foi em consequência deste elemento, este supremo fator, por sua presença nas esferas, que aconteceu, no processo de purificação destes que chegam, que eles também receberam em si mesmos um certo grau de falha. A maioria dos erros assim trazidos têm sofrido um processo de transmutação para elementos benéficos e bons; mas não totalmente. Este mesmo livre arbítrio, tão fugaz em lógica e em todos os vínculos em qualquer caso, têm permitido que enganosas partículas erráticas misturem-se na vida destas esferas e permaneçam suspensas em suas atmosferas. Este elemento acumulou-se. Não atingiu nenhuma proporção séria e,

no curso ordinário das coisas, teria sido deixado para o desenvolvimento das futuras épocas. Mas neste exato momento não era bom fazê-lo. Por esta razão:

A tendência do desenvolvimento humano tem sido para baixo e para cima, para frente e para dentro da matéria. Foi pelo propósito de Deus, a saber, que Ele se manifesta em detalhes de forma, fenomenalmente. Porque esta maneira foi estabelecida nos baixios, os elementos de erro aumentaram em maior medida que o recebimento dos espíritos que foram despejados da Terra era capaz de absorver, assimilar e transmutar. Foi, então, necessário que em nosso caminho para a Terra clarificássemos estas esferas. E isto fizemos como preparatório para nossas operações mais intensificadas na própria Terra.

Por que “mais intensificadas”?

A Terra é sempre operada destes reinos. Serve para uma intensificação destas operações, um acesso de vontade dinâmica de tal grau e ímpeto que poderia servir para mandar um aro girando descer seguramente o mais íngreme declive e dar a ele a partida para o retorno para cima, no seu caminho para a frente em direção aos picos através do vale. Isto foi agora realizado, e a ascensão está bem iniciada.

Por isso agimos como uma película de composição gelatinosa age sobre um barril de vinho. À medida que descíamos cuidadosamente, uma nuvem de trabalhadores firmes, sempre vigilantes e curiosos e muito ligados entre si, penetramos em todos estes elementos discordantes conosco e abaixo de nós, para baixo, sempre para baixo, em direção à Terra. Isto continuou por gerações passadas. E enquanto nós, sendo constantes em nosso movimento, e irresistíveis, diminuimos o espaço entre nossa ordem tão distantemente espraiada e o plano da Terra; estes elementos entre nós e vocês ficaram cada vez mais concentrados em seu conteúdo. Devagarinho começou a aplainar-se sobre a Terra como um vapor denso totalmente em movimento, sempre se tornando mais desvairado e frenético, como os elementos dos quais foi composto empurram-se um ao outro, querendo espaço.

Esta comoção aumentou e se estendeu à medida que pressionávamos mais fortemente em torno da esfera da Terra, e sempre

mais e mais eles se misturavam na vida da Terra e nas limpezas, até que finalmente extrapolou toda a camada etérea circundante e tornou-se do cômputo do mundo dos homens.

Atrás, sobre nós, nós, olhando para cima, vimos os céus lavados deste vapor que se elevava por eras, e estavam mais brilhantes e mais lindos por causa de sua limpeza.

Abaixo de nós, aonde o mesmo vapor tinha sido compelido... bem, meu filho, preciso alongar o assunto? Aquele que estiver entre os que têm olhos de ver pode ver os efeitos de nossas operações, cada vez mais potentes nestes poucos séculos passados. Seria simplório realmente quem dissesse hoje que não vê nosso trabalho em seus efeitos.

Mas quando estas forças terríveis surgiram no cinturão de sua atmosfera – para emprestar uma frase de suas ciências – então nós, ainda em busca delas em seus passos, também investimos duramente em seu encalço. E aqui estamos, chegados e de posse do campo finalmente.

Mas, meu filho, meu filho, tem sido uma longa e severa batalha das forças, ah!, longa e severa, e feroz algumas vezes, meu filho. Nós a temos vencido pela boa camaradagem da humanidade de nossa raça, e suas mulheres, todas tão maravilhosas para nós que temos, em tempos freqüentes, nos surpreendido para nossa alegria em achar tal índole na nossa raça feminina. Bem, bem, vocês sofreram, vocês da Terra, extremamente, e nós os amamos mais por isso. Mas saiba, meu filho, se atuamos diretamente e pesado na briga, também tivemos nossas feridas, nem poucas, nem desprezíveis. Também sofremos, com vocês. E ficamos felizes pelo que sofremos quando nos aproximamos o bastante para ver como estavam sofrendo, também, e tanto. Isto ajudou-nos enquanto ajudávamos vocês, a ambos. Ajudou-nos muito ver tudo isto.

Você está falando agora da Grande Guerra, Arnel?

Dela como um clímax. Mas sempre numa força crescente, como já disse, esta guerra é continuação dos tempos passados. Seus mártires têm sido muitos, e muitas fases a guerra atravessou. Você estranharia se eu dispusesse todas no total. Menciono

apenas algumas destas fases: a fase religiosa e teológica, artística, política e democrática, científica, a fase guerreira que entrou em voga neste último milênio como para absorver quase todas as dinâmicas em sua goela ampla e aberta.

Mas vencemos juntos e agora juntos caminharemos para cima nos caminhos celestiais em direção aos picos iluminados pelo sol, à frente. O vale está para trás de nós na penumbra. Bem. Pegamos nosso pessoal e voltamos nossas faces para cima, e daqueles picos cai nos nossos membros marcados pela guerra uma centelha que faz nossas feridas serem galardões sobre nossos peitos e braceletes em nossos pulsos, e nas nossas vestimentas rasgadas e sujas laços de filigrana maravilhosamente trançados. Porque nossas feridas são feridas honoráveis, e nosso vestuário testemunho de nossos feitos. E nosso grande e comum Capitão é o Cristo que sabe que batalha é, sempre, e com ferimentos também.

Minhas bênçãos, meu filho. Não estou triste esta noite, mas a batalha ainda é ligeiramente silenciosa para mim hoje, e em mim ainda movimenta-se o lema celeste, e minha mão crispava-se forte nas vezes que penso nisto e no que fizemos, e mais ainda no que vimos, e das lágrimas que enxugamos por vocês na Terra, meu filho. Sim, estivemos em pranto, mais vezes que uma nós estivemos, e estaremos mais ainda. Porque tínhamos a visão clara d'Ele que nos guiou, e sua pobre visão estava turva com a névoa, então viram-no, mas de forma obscura, quando não na escuridão total. Lamentamos por vocês todos, meu filho, por causa da mesma coisa.

E apesar de ser através de nossas lágrimas, em resposta às suas, nós os observávamos maravilhados, e não com pouco temor, por vê-los lutarem assim. Mas oh!, como lutaram, vocês filhos dos homens! Digo que ainda estamos maravilhados, e ainda pensamos uns com os outros que vocês também foram guerreiros do mesmo Rei e Capitão como nós mesmos. Então entendemos e, ainda lamentando, regozijamo-nos e nos voltamos a Ele onde Ele estava comandando; e fizemos nossa reverência a Ele a seu lado.

Minhas bênçãos. Não posso seguir adiante agora, meu filho. Minhas bênçãos a você; e aos meus irmãos homens da Terra meus cumprimentos com grande amor e bênçãos.

Arnel †

Quarta, 5 de março de 1919.

O que lhe passei, meu filho, é uma parte do empreendimento até onde estive por mim mesmo e de meu conhecimento pessoal. Passei-lhe uma visão geral, e não em detalhes. Vou falar-lhe agora sobre alguns dos eventos dos quais fui testemunha durante o tempo de nossa progressão em direção à Terra e na nossa chegada. Mas iniciarei contando-lhe isto:

Nossa descida operativa era contínua e irresistível. Não houve descanso e a tensão não foi afrouxada. A proximidade de nossas fileiras nunca foi destruída. Nada vindo de baixo poderia nos quebrantar. Mas os detalhes individuais não foram constantes. Falo em palavras terrestres e uso suas idéias quando digo que nossas variadas companhias eram, de tempo em tempo, aliviadas. Então recorriam a seus caminhos para cima, para descansarem em seus próprios lares por um pouco, ou fazerem alguma expedição mais suave ou menos extenuante nos reinos livres dos céus de Deus.

Porque o empreendimento lançado em direção à Terra era local e, em comparação espacial, muito pequeno. O campo total de nossas operações apenas preencheu um minúsculo grão no canto mais exterior do cosmo material. O seu significado era espiritual. Eu já disse que o efeito da limpeza da Terra foi sentido até mesmo naquelas esferas mais afastadas da Terra. Mas esse efeito estava começando ter extensão mais ampla, e foi sentido até mesmo em outros planetas, de tal forma que alguns de seus habitantes experimentaram uma sensação de encolhimento, alguns ficaram confusos ou atordoados por esta causa, não sabendo sua origem. Em outros mundos a origem foi sentida e a Terra foi tida como problemática e membro problemático da confraria planetária – sendo estes mais avançados espiritualmente. Se nós, que conhecíamos a Terra por seus reais habitantes,

não tivéssemos tomado a rédea do problema nas mãos, ele teria sido tratado por iniciativa daqueles planetas. Estes que ficaram tão envolvidos e que alcançaram a arte de intercomunicação já tinham começado a troca de conselhos. Seus motivos são muito nobres e espiritualmente elevados. Mas seus métodos são próprios da evolução deles e não são os que a Terra entenderia. Teriam sido tão severos que fariam chegar ao ponto de acontecer uma negação de Deus, que faria vocês serem lançados da volta vários séculos, justamente quando vocês mais precisavam um empurrão para a frente. Pense nisto quando estiver com problemas por pensar no sofrimento daqueles que conduziram o mundo nestas centenas de anos passados e nestes que conduzem hoje.

Mas foi feito saber a estes mundos planetários que o Cristo tomou as rédeas e então eles sumariamente ofereceram-lhe sua ajuda suplementar. Isto Ele aceitou, e as tem usado com reservas, apenas para dizer isto. Eles têm enviado para nós de suas virtudes numa corrente de poder que reforça a nossa. Assim nos têm sustentado com grande força, e assim também a luta tem sido encurtada.

Tenha estas poucas coisas em mente, entretanto, enquanto lhe conto de nossos afazeres com mais detalhes. Estes eventos são tais que servirão para ajudá-lo a entender algo da história passada do ponto de vista causador. Nos tempos futuros, os homens estudarão a história mais por sua face mais íntima, e então será capaz de correlacionar os eventos exteriores do progresso do mundo de forma mais compreensível que no caso presente.

É tão estranho que os homens tenham dado tão pouca conta de nós e de nossos trabalhos. Porque vocês habitam bem espalhados sobre a Terra, e têm amplos espaços inabitados. Ainda assim vocês são ainda poucos no total. Nós rodeamos a Terra por todos os lados, e nossas fileiras se espalham para cima, através das estepes e dos céus agrupados em andares. Somos muitos, e cada um de nós de maior poder que a maioria de vocês. Ah, bem, a luz da aurora mandará seus raios para cima e nos buscará em nossos lugares escondidos entre a luz e o brilho das esferas. Então a Terra sentirá menos solidão enquanto vagueia na pradaria do espaço. A Terra saberá naquele dia que sobre todos aque-

les prados fadas brincam e duendes pulam de alegria e que a Terra não está só, mas é uma só junto às miríades de redimidos da Terra que alinharam a raça humana com aqueles distantes que habitam em alguns planetas que são vistos numa noite clara, e outros que não são vistos por vocês na Terra. Nem serão até que vocês saiam de suas correntezas humildes e naveguem com seus barcos em direção ao mar aberto, para a grande expansão, em direção à região do sol poente.

Arnel †

Capítulo VI

Os exércitos celestes do Cristo. A guarda avançada. O arauto. A passagem do Cristo em direção à Terra

Quinta, 6 de março de 1919.

Para bem longe das estepes celestes os exércitos do Cristo foram enviados. Um após outro, periodicamente subiam para seus planos e graus. Eu e meus companheiros ficamos num terraço que naquela hora parecia suspenso no meio do Céu, nem no topo, nem no fundo deste imenso oceano de seres, cada um posicionado como guerreiro com seu próprio quinhão de tarefa. Pois uma maravilha foi preparada que mesmo para nós da esfera onze era nova e única.

A preparação de nós todos para a nossa entrada na briga foi feita aceleradamente com diversos efeitos sobre nós. Um deles foi que, enquanto nossa capacidade magnética foi aumentada em cada um de nós pela emanção de virtudes, tanto dos céus sobre nós quanto daqueles governadores planetários de quem já lhe falei, nossa faculdade de visão também foi aumentada além do ordinário; por causa disto fomos capazes de ver mais distante, nas regiões lacradas a nós até então. O propósito disso era a coordenação de forças, vale dizer que nos foi dado uma ampliação de alcance de visão para que pudéssemos observar os movimentos daqueles dos planos abaixo ou acima de nós, e assim combinar os nossos com os deles. Assim trabalharíamos mais perfeitamente juntos para maior vantagem. Os de baixo também intuiriam a provável presença dos que são mais brilhantes e mais poderosos de quem, além disso, receberam diretrizes e uma direção para a luta.

Assim era o que reverentemente se via em visões acima e abaixo e em todos os meus lados. Vi belezas e muitas grandes maravilhas, mas nenhuma tão grande quanto esta.

Abaixo apareceram camadas de múltiplas cores, uma atrás da outra, à medida que eu olhava para a Terra. Eram as cores distintas das esferas entre a minha e a Terra. Eram as vestimentas dos

exércitos colocados em ordem de batalha, prontos para descer. Abaixo de todos eles, formando uma retaguarda para eles, vi a névoa do vapor que circunda a Terra. Escuro, denso e horrendo era como aparecia, com faixas e lançando línguas vermelhas e verdes escuras cortando as nuvens densas que formavam uma cobertura marrom, e movia-se aqui e ali por cima uma substância densa e gelatinosa, como se as serpentes do mal tivessem sido arremessadas para cá em seu trabalho horrível dos infernos.

Não esmorecemos, não tememos quando olhávamos para esta visão. Mas nos demos as mãos um ao outro, em amor e amizade, e ficando solenes por instantes. Porque nossa jornada deve ser contra e através daquela massa repugnante. A Terra está nela, e devemos vencer em direção a ela, porque nossa ajuda era dolorosamente necessária ali naquele planeta escuro. O pensamento me ocorreu, conforme eu via tudo isto, “Como pode o homem habitar naquela terrível sopa infernal e ainda assim respirar e viver?”

Quanto a nós, nossa tarefa era absorver o que pudéssemos para o nosso cômputo pela transmutação, como eu já falei. O que provasse ser insolúvel deveria ser conduzido aos infernos mais profundos para ali decompor-se por si mesmo, por assim dizer. Bela refeição para nós, diriam vocês, e não muito saborosa. E é verdade. Mas estávamos a salvo para sermos capacitados para a nossa tarefa, a salvo tanto em nossas miríades, e em nosso Líder, o Cristo.

Então nos viramos e olhamos para cima. Lá estavam parados, ou moviam-se suavemente, terraço após terraço, aqueles mais brilhantes. Cada terraço era um Céu e cada Céu, conforme estava disposto diante de nós de forma panorâmica, era um degrau na grande escadaria que subia altas montanhas acima, suspenso num espaço estonteante, até adentrar na radiação impenetrável e o topo estava fora de visão. Somente os de algumas esferas acima de nós, lá dos planos do eterno presente, eram competentes para olharem dentro daquela luz e verem o que lá havia. Para nós era um vácuo de luz, nada mais.

Entretanto nos deu força para vermos aquelas miríades a nosso alcance. Quão encantadores eram estes mais próximos de nós,

vestidos em roupagem de material brilhante de matizes desconhecidos para os que estão abaixo. Os mais altos, além daqui, estavam envolvidos por uma aura que parecia um leve tecido, seus corpos radiantes com sua beleza de forma e de substância, cada um sugerindo um imponente poema ou uma suave canção de amor e aspirações, cada um sendo um deus em graça e equilíbrio, cada um com seus pares, perfeitamente disposto diante de nós. Vocês diriam, nas palavras da Terra, que eles estavam distantes, muito longe de nós. Na verdade estavam, mas os vimos no todo e em detalhes, tanto em forma quanto em vestimentas, se vestimenta pudesse ser o nome pelo qual chamaríamos aquela radiação que os envolvia.

Mas estes eram apenas intermediários. Havia outras miríades além do raio de nossa visão. Isto nós sabíamos, mas não os víamos completamente; eram sublimados demais para nós, de nosso grau, poderemos vê-los. E acima de tudo sabíamos que ali estava o Cristo.

Se estes são tão encantadores, dissemos uns aos outros enquanto observávamos, o que deverá ser Ele em Sua própria glória! Aqui paramos, não poderíamos seguir adiante, assim deixamos o assunto ali. Pois sabíamos que ele viria para nos comandar. E quando Ele viesse, assumiria a visibilidade por nós, condicionando a si próprio até a capacidade dos habitantes das esferas descendentes, conforme passasse em sua caminhada progressiva em direção à Terra. Porque nos foi dado saber que Ele, que estava acima de todos, iria para baixo até chegar no firmamento da Terra para liderar a caravana.

Ah, meu filho, nunca houve líder como Ele. Entre os deuses e principados não pode haver par para Ele em liderança, tanto dos anjos quanto dos homens. Digo isto solenemente, pois estes poderes celestes e príncipes não são feitos segundo um padrão, como você deve saber, mas, como vocês da Terra, também aqui cada um expressa uma personalidade própria. Isto fazemos nós, os anjos; assim fazem os que estão acima de nós em grau de santidade; assim fazem os de grau ainda mais alto e assim faz o maior, expressando cada um as excelências do Pai em Sua própria personalidade livre.

Por isso digo que, a respeito de liderança, o Cristo é ímpar entre eles todos, penso eu, e estes meus companheiros com quem estive ali no discurso disseram o mesmo que digo. Mas falaremos disto novamente e então dirá se parecemos ter julgado acertadamente ou não.

Arnel †

Sexta, 7 de março de 1919.

Esperamos expectantes, olhando para cima ao longo dos céus compactos conforme eles se estendiam além e sobre nós. Lá eles estão como um tapete gigantesco de seda, desenrolado e pendente, todo folheado e pregueado, como uma cascata de águas, prismática à luz do sol celeste. Cada prega era um céu, cada folha uma fronteira fazendo a concordância entre dois deles e misturando suas cores dominantes em uma só.

Cobria os céus desde os mais altos em ondas brilhantes, seus matizes cintilando na radiação celestial como jóias num manto real, cada pedacinho de cristal um anjo de poder que, conforme se movia, captava e refletia alguma nova beleza daqueles raios celestes.

Então, enquanto observávamos, a fila mais distante de nossa visão vagorosamente começou a mudar de coloração. O matiz normal estava ali, mas sobreposto por outro ingrediente, um novo fulgor. Sabíamos que o Cristo e Seu séquito chegaram ao raio de nossa visão. Muito lindo era de se ver, à medida que uma após outra daquelas sedosas camadas pareciam cair sobre a de baixo, toldando-a até que esta também caísse e beijasse a terceira, que da mesma forma inclinaria sua cabeça e deitaria sua face carinhosamente sobre o ombro de seu familiar abaixo.

Este era o aspecto do que víamos quando da chegada do Cristo de lá longe, enquanto descia, passo a passo, em direção a nós, cada vez mais perto e mesmo assim numa vasta distância de intervalo, acima dali, emergindo daquela luz impenetrável e lançando-se sobre as esferas a influência de Sua presença à medida que descia até nós. Finalmente, as ondas de luz que vinham antes d'Ele começaram a se mexer sobre a fronteira

superior de uma região a poucas esferas, e então pudemos notar o que estava em torno com mais detalhes. Começamos a ver Sua ampla guarda dianteira conforme eles avançavam e lançavam suas irradiações para a frente antes que passassem. Mas ainda não o víamos.

Então, pasmados depois de longo êxtase e em grande elevação pela visão de tanto poder e glória, começamos a sentir em nós um brilho que nos banhava com uma sensação de amor e piedade e uma vontade de resolver dar do nosso melhor esforço naquele trabalho que nos esperava. Então soubemos que Ele estava ali próximo, em pessoa.

Mas não posso dizer-lhe como Ele chegou, ou quando passou por nós, meu amigo. Tudo era glorioso demais. Passarei a você o que eu puder.

Aquele brilho aumentou até que nos sentimos muito fortes e capazes, e ficamos eretos e esticamos nosso pescoço para ver Sua chegada. Primeiramente vieram os acompanhantes que chegaram antes para nos prepararem. Pois desta vez Ele veio de forma diferente das que lhe descrevi algumas vezes. Em Sua grande glória e poder intrínseco, desta vez Ele veio para capacitar dez mil batalhões de Seus escolhidos para esta grande empreitada. Por isso era necessário que absorvêssemos de Sua força em nosso exterior para que, por isto mesmo, pudéssemos estar também sintonizados gradualmente. Portanto eles vieram e, conforme passavam por nós e através de nossas graduações, um deu uma palavra de sabedoria, outro suas bênçãos, outro um beijo de paz, de acordo com a necessidade de cada um. Eles passaram entre nós vagarosamente, os mais fortes, individualizando-nos, e num abrir e fechar de olhos levantaram nossas faltas, suprimam-nas e passaram adiante. Os que estavam acima de nós os dirigiram até onde estava a necessidade. Todos trabalharam juntos numa harmonia de trabalho que por si mesma era uma lição sem igual para nós.

O que lhe aconteceu, Arnel?

Havia mulheres com eles, assim como havia entre nós. Vocês mandam mulheres para as guerras da Terra, meu filho. Nós

também trouxemos mulheres para o socorro em suas próprias esferas de serviço.

Eu fiquei ali distante de meus companheiros, porque haviam sido agrupados juntos por um daqueles que veio, para que pudesse falar a eles. Enquanto estava ali, vieram a mim um homem e uma mulher. Sorriam, e cada um deles tomou uma das minhas mãos. O homem era de maior estatura que eu, e a mulher apenas um pouco mais baixa que ele. Um par gracioso e muito imponente, mas muito simples em sua humildade e amor, como todos eles, os grandes. Então ele pôs sua outra mão sobre meu ombro, e disse, “Arnel, você não é desconhecido por nós, que trabalhamos juntos na maior parte combinando nossas qualidades intrínsecas para o trabalho que temos a fazer de tempo em tempo. Então buscamos você para estarmos juntos no nosso caminho, através disso, para a sua casa. A senhora que é minha acompanhante tem, penso, algo a dizer a você antes que sigamos adiante. Ela mantém dentro dela há algum tempo algo que esperava a oportunidade.”

Agora, a mulher era muito bonita; sua radiação unida com a dele me deixava sem graça, e eu nada podia fazer de melhor a não ser olhar em torno, em silêncio. E enquanto eu assim procedia, vi que ela apertava minha mão enquanto a levantava um pouco. Então diante de meus olhos abaixados veio a coroa de sua linda cabeça assim que ela se inclinou para beijar minha mão. Por uns instantes seus lábios permaneceram ali e eu olhei sobre seu sedoso cabelo castanho dourado, onde uma tiara dourada atravessava-o onde estava partido e caía para os lados. Não pude falar, pois o toque dele deu-me uma alegria que me elevou, e tão estranhamente em sua santidade, que não posso transcrever em palavras.

Então levantei meus olhos para os dele, questionando-o em minha perplexidade e, enquanto ela lentamente levantava sua cabeça e olhava para minha face, ele disse, “Ela é a grande mãe, meu amigo Arnel, da garota Miramne.”

Olhei para ele e para ela, e ela sorriu dizendo, “Eu lhe agradeço, Arnel, porque você fez por mim o que eu não era capaz de fazer, estando tão distante. Mas, vendo o apuro da garota, enviei

a você meu pedido, e você prontamente respondeu ao meu desejo. Agradeço agora a você, depois ela também virá agradecer por ela mesma.”

Então ela beijou-me na testa, gentilmente apertando-me em direção a ela, e então eles seguiram seu caminho, sorrindo para mim enquanto me deixavam, então senti que sempre estaria em contato com eles, e nunca afastado. É assim por aqui.

Você está imaginando que seria Miramne de quem ele falou. Assim também estive querendo saber quem era, apesar de conhecê-la bem.

Enquanto eu estava tratando de meus afazeres num tempo não muito atrás, eu, como talvez você também fizesse, parei de repente, sentindo que alguém precisava de minha atenção. Bem, enquanto fiquei passivamente ali parado, veio a mim, não uma voz, mas um impulso ao qual obedeci. Desci apressadamente ao plano da Terra e, por alguma influência esotérica, fui levado a uma jovem que estava por passar para a vida espiritual. A princípio eu mal sabia o que devia fazer. Somente sabia que era ali. Mas logo percebi tudo. Esperando pela passagem dela, ali estava um homem perto de mim. Ele havia sido a ruína dela na Terra e estava esperando por ela agora, para clamar por ela e arrastá-la com ele em sua maldade.

Então, para resumir, fui de encontro a ela quando ela veio para cá. Afastei-a dele com muito empenho, e conduzi-a a um lugar a salvo, onde ele não poderia alcançá-la, na esfera Três. Ela está agora duas esferas adiantada, e tenho guardado e protegido todo o tempo. Ela é uma das minhas tuteladas. Portanto, eis aí. E agora foi uma grande alegria eu saber de onde veio o primeiro pedido, e também saber que servi a quem pediu com sua aprovação.

Tal alegria você não poderá entender enquanto estiver na Terra, meu filho. Mas Ele previu isto quando contou a história dos Esmoleres e a graça que os espera conforme fossem confiáveis em seus deveres. “Muito bem feito, bom e fiel, entre em minha alegria comigo.” Assim eu fiz naquela hora, meu filho. Não falhei naquele pequeno serviço, e agora entrei com muita alegria neste atual e maior empreendimento. Porque soube que as pala-

vas dela eram as que Ele teria dito a mim. E Sua maior alegria é sempre a alegria de servir.

Arnel †

Segunda, 10 de março de 1919.

Agora você deve saber que essas transações se estenderam por muitos anos na contagem de tempo da Terra. Enquanto isso cuidamos de nossos trabalhos. Quando a reforma de uma comunidade da Terra está em andamento, as pessoas ainda assim trabalham na sua lida do dia a dia. Assim também fizemos. Somente o único grande e dominante pensamento que permeava nossos afazeres, e tinha qualquer planejamento de serviço que tivéssemos a chance de receber, era a chegada do Cristo e o condicionamento das esferas sobre nós enquanto Ele chegava. Isto podíamos ver à medida que passávamos em nossos caminhos aqui e ali, e às vezes nos reunimos para examinar mais cuidadosamente a mudança esplendorosa de Seu caminho. Nestas vezes, a maioria de nós chegávamos chamados, quando um arauto entrava no estado de nossa esfera e, ficando algumas vezes num pico de montanha, ou suspenso no meio do Céu, proclamava uma assembléia. Então, os que éramos chamados íamos ao lugar do encontro e esperávamos o que aconteceria.

Uma destas ocasiões foi a que lhe narrei na nossa última sessão.

Mas em outras vezes continuávamos em nosso serviço ordinário, ou éramos especialmente treinados para nosso futuro serviço com nosso Príncipe quando Ele os chamasse, ou se fôssemos mandados em missões especiais para outras esferas. Mas neste último caso uma linha mais que perfeita de comunicação era mantida normalmente, assim poderíamos ser localizados se uma súbita chamada fosse feita para o nosso atendimento.

Mas, apesar de que muitas coisas foram feitas durante esse tempo que poderiam ser de seu interesse e útil, agora vou passar ao largo, e se for assim ordenado, num tempo futuro retornarei a eles. É meu propósito dizer-lhe da chegada do Cristo.

Nós chegamos juntos, nós os eleitos para segui-lo, e agrupados nos parques onde estava a Torre dos Anjos. Enquanto esperávamos, olhamos para a coroa de palmas no teto. Gradualmente ali emergiram para a visibilidade, um após outro, vários anjos. Eles estavam ajoelhados, sentados, em pé, reclinados naquele trabalho em filigrana. Não se moveram de suas posições na coroa. Tornaram-se apenas visíveis diante de nossos olhos. Eles estavam ali antes, invisíveis, e então tomaram sua forma exterior onde estavam. Acabando de fazer isso, não ficaram parados, mas moviam-se de um lugar a outro conversando. Eram de alto grau e muito belos. Já lhe relatei um acontecimento similar a você. Não acho que muitos destes eram os mesmos que vieram então. Alguns deles eram.

Quando todos estavam ali, outra forma foi vista tomando forma, deste jeito:

Ali apareceu um novo item na coroa – uma cruz elevando-se no centro dela e sobre ela. O último anjo a vir ficou num braço da cruz e descansou sua mão esquerda contra a posição superior dela. Ele era mais resplandecente que qualquer um deles. Quando ele tornou-se completamente condicionado a nossa esfera, levantou sua mão direita, olhando para baixo para nós, dando-nos sua bênção. Então falou a nós numa clara voz forte, não alta na tonalidade, mas mesmo assim alcançando-nos embaixo e a todos os que estavam naquela zona. Estavam espalhados longe e nos vales e colinas, e alguns nos tetos dos barcos nas águas. Aí ele fez sua proclamação, dizendo:

“Nós os chamamos, meus companheiros, para que ouvissem uma mensagem d’Ele que desloca-se para perto deste Estado, para que na Sua chegada e na Sua passagem entendam o que será a vocês e não percam as bênçãos.

“Saibam entretanto, quem já o viu em outras vezes, que agora Ele vem de outra maneira. Como o haviam visto até agora, Ele vinha para algum propósito ou outro, conforme houvesse certa necessidade especial. Agora Ele vem, não de Sua forma completa ainda, mas numa grandeza muito maior de majestade que algumas vezes já fez. Pois até então descia a vocês em Seus

serviço peculiares. Agora Ele vem com o mandato de Seu Pai para trabalho.

“É um empreendimento para um grande momento, porque a Terra está em dolorosa necessidade de seu socorro. Quando portanto Ele passar por vocês, cada um de todos vocês, revelem a Ele quais qualidades realmente lhes faltam. Desta forma estarão sintonizados à tarefa que se seguirá e fortalecidos para seu cumprimento.

“Não deixem de estar prontos, nem fiquem intimidados demais por Sua glória. Ele a traz a vocês. Ele próprio não precisa disto. É por vocês que Ele vem todo glorioso, e as faixas de Sua radiação são para vocês. Banhem-se nelas, portanto, e apropriem-se delas para seu uso aquilo que de força e dignidade trazem em suas forças magnéticas.

“Agora tenham para si pequenos grupos para conversação amigável. Falem uns aos outros daquilo que eu disse a vocês. Minhas palavras a vocês têm sido poucas. Transformem-nas em muitas. E onde ficarem paralisados, estes meus companheiros vão ajudá-los a resolver suas dificuldades. Portanto vocês vão ficando à vontade enquanto Ele se aproxima cada vez mais para que, enquanto Ele passar, vocês, vendo e ouvindo e sentindo, também entendam.”

Então fizemos o que ele nos pedira. E aqueles que estiveram na coroa de palmas enquanto ele falava não sumiram na invisibilidade da qual emergiram. Não; desceram entre nós, indo aonde seu socorro era necessário, e grande era a paz que nos trouxeram. Então, quando o Cristo passou não fomos encontrados desprevenidos. Fomos capazes de absorver em nós do rio maravilhoso de águas da vida que nos banhou em nosso batismo de Seu mais íntimo conselho e propósito.

Esta foi a última das assembléias antes que Ele viesse. Quando terminou, soubemos que éramos um dos d’Ele, e tão inquietos e contentes esperávamos Seu bom prazer.

Arnel †

Terça, 11 de março de 1919.

Fomos agrupados entre os altos planos da esfera dez. Era um lugar solitário e com poucos habitantes. O que havia de prédios ali estava ocupado na maioria com o trabalho de coordenação da grande torre central onde era mantida contínua a observação sobre uma região ampla.

Isto, claro, foi antes de você se tornar um morador no templo do qual já me falou?

Sim, meu filho. Já faz tempo que o encontramos em Sua progressão, em Sua descida. Naquele tempo eu tinha subido para a esfera dez, da qual fui habitante por um período considerável. Eu estava aqui quando Ele esteve na fronteira daquela região.

Nós observamos do alto da montanha uma longa distância. A luz sobre ela era o brilho do cristal, num matiz verde-dourado. Então começou a mudar, e o verde deu lugar para o róseo, como uma rosa é vista através do âmbar. Seu brilho intensificou-se até que tudo flamejava em vermelho-dourado, com ondas de luz sendo emitidas como se tivesse movimento para cá e para lá em sua progressão. Então começamos a ver as formas deles à medida que vinham em direção a nós. Elas estavam delineadas contra a nuvem de luz na qual o Cristo se movia para adiante. Elas eram muito gloriosas e de grande estatura, como se quisessem emparelhar-se em poder. Homens e mulheres eram, e alguém aqui e ali era um anjo dual – dois-em-um –, deixo assim; você não entenderia este mistério, nem eu seria capaz de colocá-lo em palavras a você. Eles não eram nem bissexuados nem assexuados. Deixe estar deste jeito. Eram tão encantadores de serem vistos, mas de semblante mais suave que os homens e de porte mais régio que as mulheres suas companheiras. Assim.

Esta companhia passou adiante, então, até a condição de nosso Estado e preencheu todo o firmamento com sua luz e glória. Não desceram entre nós, estes. Pairaram sobre tudo, jogando sobre nós do orvalho de sua doçura e paz, e assim luzes como beijos fluuavam em nossa direção numa brisa de verão, mas plena de poder, e carregada de entendimento dos mistérios muito profundos e sagrados. À medida que estes presentes de seu amor

caíam sobre nós, tornávamo-nos esclarecidos em assuntos que até então estavam fora de nossa alcance, e assim fomos feitos mais competentes para nosso trabalho.

Alguns permaneceram em lugares no pico mais alto onde poucos de nossa esfera estavam habilitados a ascender, sendo a atmosfera nestas elevações rarefeitas demais para o fortalecimento, e nenhum esteve ali naquela hora. Os recém-chegados tomaram seus lugares em grupos, um aqui, outro distante, sobre outro pico, e assim por diante, até que um círculo foi feito em torno de toda a vasta região, com grupos no meio onde algumas montanhas tomavam seu lugar na circunferência.

Desta forma eles chamavam um ao outro pela música, tanto instrumental quanto vocal, até que toda a abóbada celeste vibrasse com sua harmonia. Nem aquela música deixava de surtir efeito em nós, porque o que nos foi dado para perscrutar estas músicas acrescentavam uma doçura toda sua, como uma mamãezinha nina seu nenê, já dormindo, para um sono ainda mais profundo.

Nesta hora o horizonte ficou mais profundo em vermelho dourado, ainda sendo o dourado a cor primária, e o vermelho interpenetrado. E soubemos que o Cristo estava às nossas portas.

Ele chegou. Como contar-lhe da forma que Ele chegou, ou da glória de Sua presença! Como eu pensava, meu filho, paralisei de temor. Porque seria como pedir ao bobo da corte dispor a seqüência da coroação de seu senhor príncipe; ou para mostrar com o chapéu dele como a coroa estava posta na cabeça real; ou usando seu cajado fazê-lo mostrar de que forma o cetro repousava seguro, ou tocar seus sinos para contar da música do coro – bem, meu filho, seria fazer irreverências ao Rei. E é isso que sinto ao ser impelido a esta tarefa agora.

E contudo, se este pobre bobo amasse muito a seu mestre real, faria o que fosse possível para mostrar como o Rei se deparou diante de seu povo, e também seria minucioso para certificá-los da indignidade de sua paródia, falha na habilidade da atuação, e de material para atuar. Assim eu agora faço, e Ele, que mantém a águia para o alto Céu e o pardal para a cerca-viva, aceitará meu

pequeno vôo e gorjeio, pois são oferecidos com humildade e boa intenção.

Sua radiação circundante aumentou em seu brilho e expansão até que todos estávamos envolvidos nela. Podia ver meus companheiros muito claramente mesmo nos locais mais distantes. Mas todo o ar estava tingido de dourado róseo. Nossos corpos também estavam banhados em seu fluir líquido. Desta forma Ele nos envolveu no todo e em parte. Era em Sua presença e personalidade que estávamos, e nada mais sentíamos a não ser Ele em nós e em torno de nós. Éramos em Cristo, e partes d'Ele. E entretanto, apesar de Ele assim tornar-se universal a nós, Ele não se esquivou de aparecer em forma exterior.

Eu o vi enquanto se movia em torno, sobre e entre nós. É muito difícil de lhe contar. Ele parecia estar em todos os lugares ao mesmo tempo em Sua forma corporal e localizada, sendo mesmo assim apenas único. Não posso falar melhor, e não está bem dito, é claro. Assim Ele apareceu a nós. Duvido muito que Ele não tenha sido visto identicamente por nós em detalhes de caráter. Para mim Ele apareceu como lhe direi agora.

Era alto de estatura, como da altura de dois homens, mas não parecia ser assim. Para dizer “gigante” seria dizer uma idéia errônea do todo. Era apenas homem, mas enobrecido tanto em aspecto quanto em sua postura. Muito bem. Sobre Sua cabeça usava uma coroa, apenas uma faixa larga de uma mistura contínua de pedras de rubi e o metal ouro alternados. Seus raios eram interpenetrados, mas os raios de rubi eram vermelhos e os raios do ouro eram dourados. Eles iam para cima, sempre em expansão, aos céus e eram captados pela roupagem daqueles que pairavam ali e que tornaram-se muito embelezados por eles.

Seu corpo brilhava nu, apesar de não estar desvestido – o que é um paradoxo. O quero dizer é que a glória que Seu corpo emitia ia para todas as partes da região e banhava todos em seu fulgor. E entretanto alguns pareciam ser refletidos de volta quando batiam na nossa tela de nossa reverência de forma que eles, retornando, envolviam-no com o nosso amor correspondendo, como uma grande armadura dourada sobre Sua forma. E isto era muito doce, tanto para nós quanto a Ele. Por nós Ele não se

omitiu em circundar o santuário com Sua beleza natural. E nós tiramos a única túnica merecedora do serviço e as dispusemos em reverência a Ele, olhos baixos, e o amamos até sentir o coração doer por Sua confiança doce com todos os caracteres primorosos de nosso profundo e reverente amor.

Mas tínhamos visto Sua glória e conhecemos Seu amor oprimido dentro d'Ele, e pronto. Portanto, apesar de Ele não usar armadura, estava vestido numa roupagem dourada, nossa oferta a Ele. D'Ele próprio, como tudo é d'Ele, nós retornávamos a Ele nossa apresentação.

Seus pés estavam descobertos, pois o que demos a ele não chegava à altura pelo que tínhamos absorvido em nós mesmos. Por isso na roupa faltava aquela parte no comprimento e ficou sobre Seus tornozelos.

Sua face era muito solene e piedosa, enquanto ia de um grupo a outro, e mesmo assim nunca pareceu deixar aquele lugar central onde primeiramente o vimos em forma visível. Podíamos ler Seu semblante como um pergaminho desenrolado. A solenidade veio dos reinos inefáveis onde os pecados não são desconhecidos, mas conhecidos apenas como fatos, não como experiência. A piedade vinha do Calvário. E os dois encontrando-se no meio do caminho eram captados pela mão do Divino Filho do Homem, que, elevando Sua mão para sombrear Seus olhos para que pudesse olhar naqueles altos reinos distantes e ver o que fariam com o homem pelos seus pecados, deixou cair sobre Sua sobrancelha estas gotas de pecado da Terra para sombrear Sua face dando uma beleza maior. Portanto a sublime solenidade e a tristeza fundiram-se, e a piedade emergiu, nascendo emanada, daqui em diante, para ser um atributo da Divindade.

Ali havia amor, não o que delicia dar ou receber, mas amor que no fundo nos une a todos, e torna todos um, idênticos. Então Ele nos envolveu e nos levou a Ele naquela hora.

A majestade também estava em Sua cabeça, uma majestade que transforma uma constelação numa pulseira para usar no braço, e coloca como Seu laço um sol com planetas em torno.

Desta forma Ele veio, e assim parecia em Sua chegada. Esta comitiva passou, mas Ele permaneceu numa presença firme. Não

o vemos hoje como o vimos então, mas ainda podemos re-visualizar aquela cena e substanciá-la quando desejarmos. Isto também é um mistério. Deixe-me pôr desta forma: Ele passou pela Terra, mas o rastro de Seu manto encompridou à medida que Ele chegou e cobriu com Sua luz todas aquelas esferas pelas quais passou. Ele continuou descendo, descendo, para baixo em direção àquele inferno terrível de vapor nocivo sobre a Terra, e nós, que vimos aquela sombra de piedade sobre a majestade de Sua face, encontramos em nossos corações piedade por Ele também, mas para admirá-lo e reverenciá-lo. Por mais que tenha sido terrível a Ele, em sua pureza imaculada de santidade, olhar sobre aquele horror abaixo, nem assim parou, nem Se encolheu diante daquilo que tinha em Suas mãos para ser feito. Calmo e invencível, Ele se aproximou do conflito para a purificação de um mundo, e soubemos que por Ele prevaleceríamos. Nenhum líder jamais foi tão grande quanto Ele, meu filho. Ele é o Capitão diretamente, e não seria de menos, porque há muito de materno em Seu coração.

Arnel †

Capítulo VII

Como os batalhões do Céu lidam com: Ciência terrestre - Religião - Cristandade. O Cristo da Terra. Parábola: Vovó e os planetas

Quarta, 12 de março de 1919.

Agora, quando o Cristo passou adiante, nós também, agora em Seu batalhão, o seguimos. Estávamos de prontidão em várias ordenanças, mas sem nenhuma voz de comando exterior. Nossas autorizações vinham de nossos próprios corações, onde eram recebidas tais ordens, através de nosso preparo para entender exatamente onde estavam nossos campos de serviços, e o que era requerido de nós ali. Por isso estávamos à vontade em nossos lugares individuais, inspirados ali pela comunhão de Sua presença, e mergulhamos em nossa tarefa.

Vou explicar-lhe resumidamente a ordem de nossa marcha em direção à Terra. À medida que circundamos a Terra por todos os lados e todas as esferas intervenientes, impulsionamo-nos para baixo e para dentro como se fosse em direção ao centro. Isto é para explicar a você em termos de espaço – um espaço de três dimensões. Somente desta forma poderá chegar a uma leve noção do cômputo desta grande campanha. Bem.

O próprio Cristo, como eu disse, era ubíquo; Ele estava onipresente entre todas as miríades de seus batalhões em todos seus degraus de atuação, desde Seus supremos senhores, que detinham enorme autoridade, até os mais humildes trabalhadores de Suas fileiras. Mas apesar de que internamente fôssemos inspirados para nossos vários deveres, mesmo assim externamente estava tudo exposto em perfeita ordem para a batalha. Aqueles que eram os mais elevados e mais próximos a Ele transmitiam Seus comandos através dos próximos em hierarquia aos oficiais abaixo, que os transmitiam a outros novamente, havendo muito poucos a serem alentados. Esta condição nós tratamos pela expansão. Mergulhamos naquela direção, por assim dizer, arremessados amplamente para longe de nossa influência em socor-

ro, ajudamos que este conhecimento se dilatasse ao máximo, e assim fosse obedecido. Sob a nossa pressão assim aplicada, expandiu-se até que as fronteiras da matéria fossem atingidas. Mas o ímpeto que tínhamos dado a esta ciência material não poderia ter ficado ali. Gradualmente pressionou para fora de suas próprias fronteiras e começou a emergir aqui e ali a acolá adiante. Assim aquela linha afiada, tão arbitrariamente colocada entre o material e o espiritual, começou a cair e salientar-se, e aqui e ali uma pequena brecha foi feita – pequena a princípio, aumentando mais tarde. Mas pequena ou grande, repare bem, jamais tais brechas foram consertadas. Uma vez o dique rompido, a pressão firme e irresistível do conteúdo espiritual fluiu de forma crescente para a sua ciência da Terra, e isto continua hoje em dia.

Desta forma não destruimos sua ciência por cataclismos, como aconteceu em eras passadas, não uma nem duas vezes. Não. Porque restrita e limitada como estava, ministrou ao progresso como um todo, e assim deixamos naquele degrau em reverência. Assim nós a transmutamos pela expansão, e desta forma continuamos hoje.

Este trabalho, no qual a senhorita Kathleen está ajudando a mim e aos meus amigos, pode parecer ter pequena relação com aquilo que acabo de descrever a você. Mesmo assim é um item da mesma operação e, se você reler as mensagens que recebeu de nós, e as que escreveu com a sua mão antes de nós, verá que aquilo que você foi capaz de receber de cunho científico lhe foi dado. Nada a mais, garanto a você, mas naquilo que você falhou, não foi por sua vontade mas por falta de habilidade. Direi isto a você, entretanto: há aqueles, que agora estão sendo preparados, que são mais capazes que você para esta fase especial de revelação, homens, sim, e algumas mulheres também, de mente científica, que serão instrumentos mais fáceis para o trabalho. Não serei pretor deles, não, já que isto não é muito de minhas qualidades. Cada um de nós segue aqueles em que o entendimento é feito pela própria simpatia. Desta forma cheguei a você, meu filho. Posso não falar das ciências como outros de meu grau são capazes de falar, sendo tão competentes por seu treinamento. Mas o que sou revelo a você, e o que tenho eu dou. Você, com

sua doce graça, receba minha oferta; assim estarei tão contente quanto satisfeito.

Que a maior paz de Deus esteja com você, meu filho. Falaremos deste tema ainda. Você está um pouco extenuado em suas forças agora.

Arnel †

Segunda, 17 de março de 1919.

Outro elemento a ser tratado era o da religião. Este foi o mais difícil já que, enquanto seus pretores a clamavam como uma ciência, e uma ciência progressiva, eles a tolhiam com uma corda presa a seus fundadores. Para falar amplamente, a você jamais foi permitido, como a mim não foi, fazer carreira muito longe dos caminhos que lhe foram dados, para que não saísse do círculo. Quando distância não ampla da circunferência fosse alcançada, a corda rapidamente lembraria você – e às vezes violentamente, se você tivesse a cabeça muito aberta – que você estava atado ao centro e não deveria de forma alguma perder-se tão longe dele. Este centro era, digo eu, o fundador da forma da religião professada. Foi muito igual em seu sistema com o Islã e também com o Buda, e não muito diferente com a Cristandade.

Temos muito a fazer então, porque as palavras promissoras dos religiosos fizeram um alarde muito grande, e ainda têm o mesmo efeito operando quanto as dos velhos rabinos no período de Jesus, nosso Senhor. Em todos os casos nós, olhando de perto e em detalhes estes temas, encontramos que o erro procedia de uma grande causa. Deixo para trás os fatores menores de ganância por ouro e poder, daquela faceta estranha de sinceridade chamada fanatismo, da hipocrisia que gera tanta cegueira naqueles que pensam que são sinceros. Você pode ler sobre eles todos nas suas Escrituras dos homens bons de Israel e da primordial mãe Igreja, já que os que caíram vítimas dos mesmos erros também as leram através dos tempos. Digo que deixo tudo isto de lado e falo da única causa fundamental.

Estávamos em um só grande exército, nós da campanha na Terra, e agíamos e interagíamos juntos. Mas tínhamos também

nossos departamentos de serviço onde principalmente concentramos nossas energias. Já que tinha vivido na Cristandade, para este sistema de religião eu fui transferido, e dele falarei agora.

A grande causa do erro de que eu falo é esta:

Os homens falaram do Cristo como o fundador de seu sistema. Bem. Mas o Cristo de quem eles falam foi entronado no começo da era Cristã, e desde então viu o progresso de Sua Igreja. Quando o homem perguntava o que deveria fazer neste caso ou naquele, para que não falhasse em coordenar seus próprios atos de acordo com a Sua vontade, a resposta era, “Olhe para Ele e aprenda com Ele.” E se qualquer homem inquirisse mais tarde onde poderia achar a vontade de Cristo expressa, a resposta era que tal expressão seria encontrada num livro, o livro dos registros de Seus atos e palavras. Nada além do que ali fosse achado teria que ser crido como Sua vontade. E em Sua vontade, como ali estava expressa, as atos da Cristandade tomaram forma.

E desta forma chegou a acontecer que a Cristandade tornou-se atada com uma corda a um livro. A Igreja verdadeiramente estava viva com Sua vida; Seu Espírito preenchia-a como a passagem vital do sangue no corpo humano. Mas aquela vida estava sendo estrangulada e o corpo começou a parar, e finalmente andar em torno de si muito lentamente, naquela órbita circunscrita.

Verdadeiramente Suas palavras e atos registrados foram uma herança muito preciosa. Foram feitos para ser uma Shekinah ¹⁰ para guiar a Igreja através da selvageria das eras. Mas, repare bem, o Shekinah veio antes das crianças de Jacó e os liderou. O Livro da Nova Concordata não foi adiante, mas estava entronizado antes disso. A luz captada era verdadeira luz, como uma baliza no topo de uma colina. Mas iluminava os homens por detrás, e lançava suas sombras à frente deles. Se eles olhassem para a luz, deviam virar seu olhar em torno dos ombros para trás, Então eles tropeçaram. Não é próprio de um avanço ordenado que se olhe para trás para se saber como se dirigir à frente.

Este foi o erro cometido pelo homem. “Ele é o nosso Capitão,” diziam eles, “ e Ele vai à nossa frente e nós o seguimos, através da morte e da ressurreição, ao Seu Céu além.” E para

avistar seu Capitão indo à frente deles, eles viravam a cabeça e olhavam atrás, que não conduz, digo eu, a um avanço ordenado, nem é compatível com a racionalidade.

Assim começamos a nos acercar dos mais corajosos e ajudá-los. Jesus apontara para frente naquilo a fazer no maior trabalho que Ele havia feito, e para a Sua presença que lideraria os homens para a verdade, não para dirigi-los lá de trás. Então houve alguns homens que, cuidando disto e entendendo, fizeram por mover os corajosos adiante, confiantes em sua liderança. Sofreram na mão de seus companheiros, mas na geração seguinte, ou na próxima depois desta, a semente que haviam semeado brotou e rendeu sua colheita.

Assim você entenderá, meu filho, que o erro que os homens fizeram foi impedir uma vida vívida e móvel com um livro. Eles observaram o livro não como ele era e é, maravilhoso, belo e acima de tudo verdadeiro, mas como infalível e também completo. Mas a vida do Cristo continuou no mundo e ainda hoje continua. As poucas palavras e atos d'Ele no livro dos quatro evangelistas não são como a fonte de onde flui o rio da Cristandade. Elas são meramente ondulações da maré mais ampla, para mostrar que caminho tomar para ir ao mar.

Os homens estão começando a ver isto agora, e entender que se Ele falou por Seus anjos aos homens bons de antigamente, assim ainda o faz hoje em dia. Estes homens seguem adiante, felizes pela luz-baliza atrás deles, mas com maior alegria por irem para a frente, em direção a uma luz mais radiante adiante. Pois lá Ele está hoje, como Ele estava quando foi para Salém naquele tempo. Ele anda na sua frente. Siga-o sem medo. Ele prometeu que os guiaria. Siga-o. Ele pode não esperar por sua hesitação. Leia o que foi escrito d'Ele no evangelho. Mas leia enquanto caminha para adiante. Não volte ao tempo passado e de novo para o santuário da autoridade inquirindo, como da pitonisa de Delfos, “Devo fazer isto ou aquilo?” Não. Traga os pergaminhos daqueles apontamentos resumidos com você enquanto segue adiante em sua jornada. Desenrole-os em sua sela enquanto cavalga, porque será um bom mapa para o estágio atual. Se em alguns detalhes é obsoleto, mesmo assim o grande contorno do

país ainda está bem desenhado e corajosamente constituído. Há outros mapas de assuntos posteriores. Consulte-os também e acrescente ao antigo os detalhes que lhe faltam. Mas siga em frente o tempo todo. E se alguém procurar amarrá-lo, firme seus tendões e aperte seus joelhos contra os flancos de seu cavalo e, indo adiante, estale a corda que eles usariam para prendê-lo lá atrás. Haverá muitos, aliás, muitos mesmo, daqueles que, não querendo seguir adiante, ficam para trás, chocados com a poeira levantada por aqueles que seguiram – errantes – chocados e caídos pelas estradas estarão, imersos no sono da morte. Você não pode fazer nada por eles, porque o Capitão ainda está na frente encabeçando, e chama com voz clara e brava por voluntários para liderarem a caravana. Ele não clama em vão.

E quanto aos outros, bem, serão suficientes para serem companhia para eles. Os mortos devem enterrar seus mortos, e o passado morto deve pô-los em seu túmulo na calada da noite. Mas adiante a aurora está surgindo. Há verdadeiramente nuvens no horizonte, mas o lindo sol deverá espalhá-las com seus raios – quando estiver completamente elevado. E naquele dia todos os homens verão que, desejando abençoar cada uma de Suas crianças, o Pai colocou apenas um Sol no meio do firmamento de Seu brilho. A visão dos homens em relação ao Sol tem diferentes ângulos de acordo com o lugar de sua habitação, seja ao norte ou sul de Seu celeste caminho, e para alguns Ele é mais brilhante e para outros brilha menos. Mesmo assim é o mesmo Sol, e somente por Sua bondade para as justas bênçãos da Terra.

Não que Ele favoreça um povo com mais de Suas bênçãos e a outro dê menos. Ele emana Seus raios em todas as direções igualmente. É o livre arbítrio das pessoas que determina o tamanho de sua porção, uma por uma, ao se escolher a localidade de sua habitação.

Leia direito esta parábola, meu filho, e verá que se o Cristo fosse o Sol de um só credo, Ele deveria necessariamente ser Sol a todos. Porque um Sol não pode ser eliminado da face de um mundo – exceto quando o mundo virar sua face para longe do Sol. Aí então Ele torna-se verdadeiramente escondido, e contudo, mesmo assim, apenas por uma estação.

Terça, 18 de março de 1919.

Falamos a você, meu filho, do Cristo, e apontamos para uma visão mais ampla d'Ele do que aquela que a Cristandade tem estado habituada a aprovar. Vamos então prosseguir neste tema um pouco mais adiante.

Conforme nos aproximamos da Terra, nós das companhias cujo trabalho era com a Igreja da Cristandade, pausamos um pouco e fomos chamados a nos agrupar para que pudéssemos entender melhor os vários aspectos de nossa tarefa. Então o Cristo intensificou Sua presença e tornou-se pessoalmente visível diante de nós. Ficou, numa visão plena a nós, ali no meio do Céu. Agora estávamos mais perto do estado da Terra que estávamos quando Ele veio a nós daquela vez, como já lhe relatei. Por isso Sua aparência agora era de um aspecto mais material, e também mais cheia de detalhes. Desta forma, vimos Seu manto completamente. Cobria Seu corpo até os joelhos, mas não Seus braços, que estavam livres. Foi em cima deste manto que tivemos que olhar, porque foi feito para refletir os sentimentos da Terra em direção a Ele nos vários credos da Igrejas.

Não posso dizer-lhe como este conhecimento foi mostrado a nós, exceto por dizer que a luz que pairava em cima pela adoração e a pregação das religiões do mundo foi captada nesta roupa. Ela atuava como um espectroscópio e dividia os raios em seus verdadeiros elementos constituintes. Estes nós analisamos e, assim fazendo, vimos que não havia uma verdadeiramente branca entre todas elas. Todas estavam sujas e incompletas.

Estudamos este tema por um longo tempo, e então nos foi dado a entender qual remédio deveria ser aplicado no caso. Era radical. Os homens não haviam somente tirado d'Ele algumas de Suas glórias, acrescentaram também outras glórias que não eram Suas. E ainda estas glórias acrescentadas eram de tipo tão forjado que o desmereciam no total. Havia glórias de títulos e atributos terrestres. Soavam fortes e sonoros, desmerecedores na realidade.

Poderia dar-me, Arnel, alguns poucos detalhes?

Os homens chamam-no de Deus, e disseram que Ele era divino. Disseram muito, significando muito pouco. Por um lado, o Cristo não é o único Supremo, o Único Ser dos seres consumado. O Pai, em si, não é assim, mas é a mais alta expressão de Ser que o homem conhece. E o Pai é Maior que o Cristo, que é do Pai, Filho do Pai.

Por outra parte, o Senhor Cristo tem poderes e glórias muito maiores que qualquer um dos que os homens atribuem ao Pai Deus. O mais alto de todos os seres que a Cristandade reconhece é o Pai Todo Poderoso. Estas palavras de atributo soam grandes e poderosas. Mas a idéia que o homem infunde nelas é pobre e pequena em comparação com a real majestade, mesmo a do Cristo, como nós que falamos a você acabamos de conhecer. E somos apenas afastados da Terra dez esferas. Qual portanto deve ser a verdadeira majestade d'Ele!

Os homens dizem com um só suspiro que Ele é co-igual ao Pai – o que Ele jamais disse. Com o suspiro seguinte os homens dizem que o Pai é Senhor de todos os poderes. Quais poderes os homens têm de reserva, portanto, com os quais dotam o Cristo?

Os homens dizem que o Cristo veio à Terra em toda a plenitude de Seu Ser. Também dizem que todo o Céu dos céus não pode contê-lo.

Não seguirei mais adiante, meu filho. Pois eu o amo, e o reverencio em tal humildade aos pés de Seu trono principesco que tal confusão de luzes quebradas focadas n'Ele é desgastante para mim, muito dolorosamente desgastante, meu filho. Seu manto, por causa disto, estava manchado com remendos de cores que se misturavam desarmonicamente. Se fosse possível macular a santidade, eles teriam feito n'Ele. Mas o manto de Sua santidade protegia Seu corpo e lançava de volta aquele pano estampado aos espaços sobre a Terra. Eles não passavam além d'Ele para cima, aos céus superiores ao que estávamos. Eles eram refratados de volta para baixo. Assim nós os líamos e tomávamos nota.

O remédio que nos foi revelado era não menos que isto: A demolição do Cristo da Terra. Isto é a verdade exata mas tem um som temerário. Tem também uma realidade temerária. Deixe-me explicar.

Há alguns prédios muito mal embasados por trabalhadores não muito cuidadosos, mas capazes de uma reconstrução e conserto enquanto estiverem em pé. Alguns são tão ruins que devem ser demolidos e espalhados, e novo material deve ser trazido para que uma nova casa possa ser construída. A única parte deixada intacta é a fundação abaixo do solo. Esta casa posterior é o Cristo da Terra. Não digo o Cristo, mas o Cristo dos credos da Terra, o dogmático Cristo da Cristandade. Tal Cristo como ele aparece nos credos aceitos na Cristandade hoje em dia é desmerecedor d'Ele como Ele é. Deve ser demolido, seu material espalhado – tudo menos as profundas fundações. Então novos materiais serão agregados, e um santuário resplandecente e maravilhoso vai surgir, um santuário que Ele merece, para que seja ali colocado Seu trono, merecedor de cobrir Sua cabeça enquanto estiver sentado em Seu trono.

Isto, meu filho, isto que clamo a você de onde estou, um tanto afastado, não é uma ameaça. Este assunto de que lhe falo tem prosseguido por século e meio passado e continua. A demolição ainda não está completa nos países da Europa. Mas segue adiante. Quando Ele tira seu manto de Sua divindade tecido nos teares da Terra, então temos outro, um manto de divindade real tecido nos teares dos Céus, iluminados com raios da luz eterna, feita suave com as linhas de seda do amor divino, entremeado com pérolas das lágrimas dos anjos, captadas enquanto vinham para a Terra e inclinavam suas cabeças para ver as atitudes dos homens, captadas e espalhadas sobre o pavimento diante dos degraus do pavilhão do Pai. Lá estão até que se tornem lindas com o brilho dos raios de Seu amor e adornem a roupagem de Seu Filho. Porque elas foram lágrimas de um grande amor.

Arnel †

Quarta, 19 de março de 1919.

Assim este despojamento do Cristo continuou e tem uma certa relação ao progresso materialista da ciência do qual eu já lhe falei. Embora o tratamento disto e deste tema variasse no processo de alguma forma. Mas o fim e o nosso desejo são idênticos. A relação da qual falo é vista na tendência geral em direção à

exaltação do natural e da eliminação do puramente espiritual. A ciência nesta matéria trabalhou de dentro para fora, e extrapola suas fronteiras emergindo no reino das coisas espirituais. No caso do Cristo, os homens têm trabalhado de fora, não preenchendo, mas aparando a casca, e então a polpa, até que somente a semente seja deixada. Mas é aquela semente que é vida, e vai brotar presentemente, e a mais linda fruta surgirá dela.

Mas a mente humana não é para ser medida com um único padrão pelo mundo todo em qualquer período. Porque sempre haverá o livre arbítrio para ser considerado no cômputo. Assim, o que se passa é que um total despojamento do Cristo para Sua divindade não é de necessidade universal. Vimos que era assim em algumas comunidades onde as pessoas são de tal mentalidade que, se ficassem seguros de que o Cristo era um mero homem, perderiam toda a fé n'Ele que guia o Universo. Assim sua fé é deixada a eles, mas não intocada. Mesmo eles escutariam sussurros das pessoas que dizem que o Cristo foi um mero homem. Eles ficam perturbados e, querendo coragem para encarar esta matéria e procurar achar a verdade real de tudo, ficam de lado a agarram-se à autoridade, como aos fragmentos de destroços, para fazê-los boiar.

Outros têm coragem demais e dizem que resolveram o enigma do Cristo. A resposta é, dizem eles, "Homem, e meramente homem." Meu filho, nós que falamos a você nesta grave matéria também pesquisamos. Nossos pretores também são muito elevados, e de uma sabedoria muito grande. Ainda assim não resolvemos o problema até aqui, e eles nossos professores dizem-nos que sabem mais deste alto mistério que nós sabemos, mas não todo. Repare, meu filho, que enquanto alguns de seus mestres de teologia sacrificam a natureza e os atributos até do Supremo Ser, precisamente e com decisão, há aqueles acima de nós que não se arriscam tanto quando falam apenas do Cristo. Bem, bem, o carneiro velho não anda tão vivaz quanto o jovem em suas brincadeiras. Mas ele tem de sabedoria, de dignidade, mais que o jovem.

Agora, embora haja comunidades de pessoas a quem será deixado seu credo, ainda a reabilitação do Cristo não virá deles.

Virá dentre os de maior coragem que andaram a estrada toda, para sua surpresa. Poucos virão dos outros, mas a massa virá dentre os que pelo menos tenham lido com mente aberta os ensinamentos daqueles que ensinaram a doutrina aos meramente-homens. Há exceções em ambos lados, falo em linhas gerais.

Eu permaneci nesta questão porque à Cristandade parecia ser de importância primordial. Muita dor é causada a muitos quando ouvem falar de seu Salvador em termos que parecem irreverentes. Isto é por causa de seu amor por Ele. Eu hesitei em contar isso, meu filho, apesar de que direi tudo, porque sou constrangido a fazer assim: seria melhor para eles se seu conhecimento d'Ele fosse grande como é seu amor. Porque muito de sua devoção é prestada a Ele através de nuvens de névoa e vapor que não são parte d'Ele, mas são o resultado de suas próprias imaginações. Apesar de serem sinceras, ainda são imaginações, e seus efeitos nas devoções de quem as cria é diluir tais devoções até seu tamanho ficar bem reduzido. Esta adoração realmente o alcança, sim, mas há um medo mesclado nela que a enfraquece. Seria melhor, entretanto, que esses devotos pudessem afastar este medo de seu amor e pudessem amá-lo tão verdadeiramente quanto estivessem assegurados de que Ele não ficaria desgostoso com eles se eles pensassem n'Ele bravamente, apesar de que humildemente, mesmo tendo, em alguns pequenos detalhes, chance de errar. Isto nós fazemos, mas não o tememos, porque sabemos que ainda não somos competentes para entendê-lo no total, e que, se for com humildade e com boa intenção, podemos buscar a verdade como ela está n'Ele sem desastres ou reprimendas.

Meu filho, faça também assim. E esteja seguro de que, como Ele é o de maior majestade que jamais a Cristandade sonhou, também Ele está bem longe além de nossos sonhos na perfeição de Seu amor.

Alguns dizem que o Cristo encarnou várias vezes, como, por exemplo, Crisna ou Buda. É assim?

Não, meu filho, não em tantas palavras. Antes de ensinar assim, um homem deveria primeiro entender toda a natureza e o conteúdo daquela entidade que é dita como sendo o Cristo. Mas

eu tinha dito que isto é, mesmo para nós e para os acima de nós, ainda um mistério. Esta é a razão pela qual, talvez, ao tentar explicar tanto quanto eu saiba, eu caía em paradoxo. Bem.

Não é verdade dizer que o Cristo que se manifestou, e o Pai através d'Ele, em Jesus de Galiléia é o mesmo Cristo que se manifestou em Buda. Mas não é verdade também que há mais Cristos que o único Cristo. Como o Cristo de Jesus é um aspecto do Pai Cristo-manifesto, assim o Cristo de Buda é outro aspecto do Pai Cristo-manifesto. Além disso, Jesus e o Buda são, cada um, um aspecto diferente da manifestação do único Cristo.

Cada homem é uma manifestação distinta de Seu Criador. Mas todos os homens são consangüíneos. Por isso também as manifestações de Jesus Cristo e o Cristo Buda são ambas distintas e, mesmo assim, consangüíneas. Mas Jesus Cristo foi uma manifestação mais plena do único Cristo que o Cristo Buda foi. Entretanto ambos foram verdadeiros Cristos manifestos. Falei apenas destes dois, isto é, de Jesus e de Buda. Outras manifestações têm havido e a eles todos as mesmas palavras são aplicáveis em princípio.

É bom, meu filho, que arremesse seus pensamentos para longe, em direção aos céus, sondando encontrar o coração de Deus. Mas quando se cansar com as perplexidades, como estas do Cristo, então retome um simples registro da vida de Jesus e leia sobre Ele como um irmão e um amigo e, em assim fazendo, verá que mesmo em Sua doce masculinidade há divindade suficiente para servir de alvo e de adoração. Quando você igualar aquela perfeição em sua vida, então encontrará, por aqui, que Ele ainda está à sua frente. Então, enquanto você sondar os céus aspirando a isto, não esqueça que você têm maravilhas muito grandes sobre você, e muita doçura para ser achada na Terra para seu conforto.

Duas meninas brincavam na frente da porta de sua cabana numa noite de verão, enquanto sua vovó sentou-se à porta remendando suas roupas à luz da vela colocada ao lado de sua cadeira. Disse uma criança à outra, “Aquele é o meu planeta, lá em cima. É maior que todos os outros e mais brilhante. Qual é o seu, Maria?” E Maria respondeu, “Meu planeta é o vermelho. É também muito grande, e eu gosto da cor dele, porque não é tão

frio como os brancos.” Assim caíram numa argumentação sobre qual planeta era entre todos o mais digno de sua admiração. E não chegavam a um acordo entre elas. Então chamaram a vovozinha para que viesse e mostrasse a elas o seu planetas favorito, porque elas pensavam que ela provaria qual era o melhor de todos pela sua própria escolha. Mas ela continuou a remendar, nem levantou seus olhos, mas respondeu-lhes, “Não tenho tempo, minhas crianças. Vovó está ocupada remendendo suas roupas. E não há necessidade: estou sentada nele. E muito útil tem sido este planeta para mim.”

Arnel †

Capítulo VIII

**Por que o Cristo veio como homem e não como mulher.
O futuro da feminilidade. Parábola: O ourives e o
diamante. A feminilidade do futuro. A manifestação
continuou. O jovem conquistador e sua amada**

Sexta, 21 de março de 1919.

Vou seguir por muitos assuntos que seriam de seu interesse, porque não quero fazer minha mensagem ser longa demais. Mencionarei uma grande causa que levou à presente crise de conflito entre os irmãos homens. Foi a tendência a exaltar a manifestação externa na matéria acima das mais íntimas e mais dinâmicas atividades do espírito. Este elemento entrou em todas as fases de vida do ocidente, e começou a tingir também o pensamento e as motivações do oriente. Tornou-se misturado, em maior ou menor medida, com a conduta nos negócios, e teve sua fase social, política e eclesiástica, e mesmo a arte não escapou de sua influência. Do que eu já lhe disse do curso da evolução do cosmos à matéria e forma para fora e para dentro, isto não parecerá estranho a você.

Também já havia falado do Cristo em manifestação. Eu disse que em qualquer planeta em que Ele estivesse encarnado – ou qualquer estado que corresponda ao da encarnação na Terra – Ele veio ao Seu trabalho na forma apropriada às pessoas com quem se relacionaria, tanto numa referência a um lugar, como também em referência ao período de Sua manifestação.

Falo agora da última encarnação do Cristo em Jesus da Galiléia. Os homens perderam a grande significação do fato que na mente divina não há divisão de sexo – tão longe quanto saibamos – nem macho nem fêmea, mas quando Ele veio naquela época para a Terra, como todas as vezes antes daquela vez, Ele veio como Homem. Este é o mistério que quero explicar-lhe.

Até aqui a evolução de todo o cosmos tem sido em direção à auto-afirmação, que se expressa em forma. Espírito, essencial e absoluto, não tem forma em nenhum sentido no qual vocês na

Terra entendam esta qualidade. Neste longo período de evolução, agora terminando, o homem tem tomado a liderança, não a mulher. Isto por necessidade. Auto-afirmação é masculino, não é feminino. Um homem afirma sua individualidade e incorpora sua mulher escolhida naquela individualidade. Ele a protege, agasalha-a, clama por ela como sua, contra todos os outros. Seu desejo é o desejo dela, ao seu desejo ela submete o dela. À medida que o homem for se refinando mais em sua natureza, assim esta afirmação de sua vontade sobre a de sua mulher temperar-se-á com doçura e amor, ou mais, ou menos. Mas este refinamento não é em direção ao ideal masculino, mas em direção ao ideal feminino. Repare você nisto: isto tem significação.

Assim, para falar da Terra, e não de outros mundos por agora, as eras desenvolveram esta expressão da dominação da força corporal e intelectual. Esta expressão dual de força foi o elemento dinâmico em todos os ramos de progresso, político, científico, social e outros. Foi o princípio guia na vida do mundo até agora. “Homem, o líder” tem sido o emblema da Faixa da Humanidade. É o porquê do Cristo ter vindo à Terra não como mulher, mas como Homem.

O clímax acabou de passar. Não, está apenas passando. A expressão exterior daquele clímax foi a última guerra.

Tivemos tanto de guerra ultimamente, Arnel. Você não vai falar dela, vai?

Não no total, meu filho. Mas se mantivesse silêncio no tema deste evento catastrófico, estaria faltando a culminância de linhas de evolução muito importantes e convergentes. Elas acharam expressão natural e inevitável na guerra. Se você enxergar tudo isto sem paixão, verá que, enquanto o melhor lado do princípio de auto-afirmação é que o homem deveria em sua própria vida exibir sua semelhança ao Criador, no lado mais geral leva ao monopólio e à absorção. Enquanto o homem de caráter refinado honrará sua mulher, o homem bruto vai dominá-la. Também desta forma uma nação refinada procurará estar a serviço de outras nações e, se outras forem fracas, ajuda-las-á com sua força maior. Mas a maioria das pessoas não fará isto, mas buscará escravizar as nações mais fracas, absorvê-las.

Mas tanto as mais altas como as mais baixas, ainda o ato é masculino, e depende do prazer do homem. O homem bom dará; o homem mau tomará. Mas ambos, dar e tomar, dependem do prazer do homem, não da mulher. Se no homem dar é contado como mérito e graça, na mulher é normal. No homem é uma graça adicionada, é inclusa na unidade da feminilidade.

O Cristo exibiu em si o princípio da auto-afirmação que foi o motivo guia da raça por qual Ele veio. Ele clamou tudo, e tomou tudo, como um homem faz, como uma mulher não faz. Tendo afirmado este princípio, Ele renunciou a tudo, e deu tudo como um homem deveria fazer. Mas se Ele fizer isto, não estará agindo de acordo com seu ideal masculino, mas de acordo com o ideal feminino. E contudo, ao fazer isto, é homem mais perfeito que o que falha não fazendo isto. Você verá logo minha justificativa para este paradoxo. Agora relembro-o de alguns dos dizeres de Jesus Cristo, que em Sua natureza mostrou a si mesmo enquanto Homem em forma corporal exterior, mas uma expressão muito perfeita da divindade na qual ambos elementos, macho e fêmea, persistem conjugados.

“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá sua vida por seus amigos.” Bem. E ainda há um amor maior que este humano. É o que dá sua vida por seus inimigos. E quando vejo o amor apegado de algumas mulheres por estes homens que as usam doentamente, eu poderia representar este maior ato de amor como particularmente dela. Jesus realmente deu Sua vida pelos doentios, e foi, parece-me, pelo estímulo do elemento feminino em Sua natureza, em vez do masculino.

Assim também Suas palavras “é mais abençoado dar que receber.” É difícil a um homem perceber estas palavras em pensamento ou em atos, mas é fácil e natural a uma mulher. O homem concordará com esta verdade e continuará seu receber. A mulher atua e busca suas bênçãos no que dá. Se ela não dá em retorno em medida multiplicada por aquilo que aceitou, ela vai dormir insatisfeita. Pode ler isto com reverência a este mistério pelo qual a raça tem continuidade.

Alimentar o povo com o pão foi uma leitura da Bíblia atuada neste mesmo tema.

Mas não seguirei mais neste tema.

O que tentei mostrar-lhe é isto: O mundo serviu para um estágio no qual o elemento heróico na raça humana deveria ser exibido em todos os seus aspectos. A frase “força máscula” sintoniza-se naturalmente em nossas mentes e não tem vibração estranha como se disséssemos “força feminil.”

Mas o homem é a expressão de um aspecto da divindade, e de uma somente. Este aspecto tem sido amplamente mostrado durante a longa linha do tempo das eras passadas. Lá está o outro aspecto que vai ser exibido antes que a humanidade complete-se pela experiência. Até aqui era ele que liderava a caravana, e nós vimos o outono de sua liderança. As futuras eras guardam outro dom e mais agradável para a humanidade.

Arnel †

Segunda, 24 de março de 1919.

Escreva o que lhe transmitimos e não pare para questionar. Quando o todo estiver escrito, então leia no total e julgue nossa mensagem toda e não em partes. Digo isto a você, meu filho, porque o que temos que transmitir-lhe não estará de conformidade com a mentalidade de muitos. Transcreva sem parar, porque temos que dizer o que temos a dizer: e você tem um resumo.

Até o tempo da chegada do Cristo em Jesus de Galiléia, a evolução continuava nas linhas de dominação do intelecto e na força de um braço direito de um homem. Este era o elemento masculino no progresso da raça da humanidade. Onde outras noções prevaleceram, estas foram excepcionais para a tendência geral da evolução como regatos tributários da corrente principal. Falamos agora do geral e não do particular.

Jesus veio, e no turbilhão da atividade humana Ele lançou seu frasco de óleo. Ele explicou aos que o ouviram que aquela última vitória não era para os fortes, nem para as armas ou do intelecto, mas que os mansos herdariam a Terra – herdar, não tomar. Note que Ele falava do futuro.

Os homens aprenderam Seu ensinamento e reconheceram-no como sendo belo e verdadeiro, se praticável. Por dois milênios

chegaram perto de se esforçarem para mesclar os dois juntos; enxertar a mansidão na dominação, misturar os dois juntos nos negócios nacionais, internacionais, sociais e outros. Os dois falharam ao se misturarem; tanto que alguns disseram que o Cristianismo não é possível em negócios públicos. Estão errados em suas conclusões. O ensinamento do Cristo é o único elemento durável e perpétuo na vida da Terra.

Por isso os homens, então, admitiram esta violência e a força provou ser falaciosa. Seu remédio até aqui tem sido reter o elemento falacioso e tentar suavizá-lo com o elemento mais suave da mansidão. Eles se esforçaram por reter no homem sua dominância, enquanto tentavam suavizar a dominação com o elemento feminino da mansidão. O resultado foi falha. Você vê a inferência, meu filho? O único caminho deixado é a abjura do elemento falacioso e o emergir gradual para o primeiro lugar na vida do mundo do elemento da mansidão, que é feminino.

O passado do mundo tem sido o passado do homem; o futuro do mundo será o futuro da mulher.

A mulher tem sentido esta reviravolta nela como uma coisa nova a ser trazida a lume para a salvação de seu sexo. Este é um pensamento injusto, porque parcial, e portanto inadequado. Quando uma mulher deu à luz um Salvador naquele tempo, Ele veio como um Salvador não de um sexo, mas de toda a raça humana. Assim será a conseqüência da agonia atual da mulher.

Sentindo esta nova coisa revirando dentro dela, ela se colocou em preparação para seu desabrochar. Ela tem feito as roupas deles. Digo as roupas “deles”, porque as vestimentas que ela tem feito são para um homem-criança. Por eles, ela tem ido ao mesmo mercado onde os homens compram e vendem suas mercadorias, e tem desafiado para trocas. “Podemos fazer seu trabalho”, diz ela. Mas ela não entende que desta forma está pondo vinho novo em odres velhos. Bem, ambos perecerão juntos. Entretanto, a mulher tem que aprender sua lição como o homem teve que fazer com a dele. O homem aprendeu onde está a falha, ainda não sabe onde virar para o sucesso. Com uma mão ele segura fortemente o passado; com a outra ele segura o futuro. Mas

aquela ainda está vazia, ninguém está seguro, nem estará até que deixe o passado ir-se com a outra.

A mulher agora está fazendo como ele fez; está procurando ajuntar-se a ele em seu domínio dos negócios. O futuro dela não está neste caminho. A mulher não governará a raça, nem sozinha nem em conjunto. Ela deve guiar a raça daqui por diante, não governar.

Como antes já havia dito, a evolução da Terra tem sido para baixo, na direção material. Aqui o homem liderou o caminho, e construiu a armadura necessária para um conflito tão áspero com a matéria que lhe foi conveniente. Agora a curva mais baixa da descida foi contornada, e está justamente sendo deixada para trás, e a raça começou a trilha de subida do desenvolvimento espiritual. Em espírito não sabemos de tal domínio de governo como o que o homem moldou. Conhecemos o domínio do amor. E aqui a mulher liderará, sendo guia quando tiver aprendido a lição dela sobre falhar ao governar pela dominação.

Meu filho, é muito difícil, como já vi, tornar claro a você, de qualquer maneira, o que será esta liderança futura da mulher. Porque todas as lideranças até aqui entre vocês têm um conteúdo dual na mente humana, isto é, o governante e o governado, o dominante e o subserviente. Esta dualidade não tem lugar na futura liderança. Até mesmo esta palavra “liderança” tem o sentido de uma companhia seguindo na frente e outra companhia seguindo atrás, e por compulsão. Esta não é a liderança que temos mostrado como a que espera a raça humana.

Deixe-me ser mais explícito. Está manifesto no Cristo de Jesus. N’Ele você vê todas as excelências do homem sem o acompanhamento de características não amáveis ou não adoráveis. E n’Ele você vê, também misturada, toda a doçura da mulher, sem a fraqueza. Assim os dois no futuro, homem e mulher, vão se tornar, não dois sexos, embora perfeitamente assimilados um ao outro, mas meramente dois aspectos de um sexo só.

Onde a força governa, a palavra é ”Eu lidero: você segue.” Onde o amor governa não há palavra necessária, mas o coração bate ao outro coração a mensagem, “Seguimos juntos, querido.”

De qualquer forma, você vê nisto o que me esforcei para lhe contar, meu filho?

Penso que sim, Arnel. Mas para alguém que está acostumado à ordem atual das coisas é um pouco difícil captar o fato de que o progresso não pode ser feito a não ser que um lidere e outros sigam.

Bem, meu filho. Você ilustrou muito bem a dificuldade que vocês sentem em sua formulação de idéias. Porque usam tais frases como pertencentes ao que o mundo entende como organização e regulamentação ordenada, como num exército ou num grande negócio onde tudo é organizado do topo até embaixo.

Agora, arranjo ordenado também se encontra aqui nas esferas celestiais: mas são baseados não tanto no *mais poder* ou *menos poder*, mas no que está atrás de todo o poder, e que é o Amor.

Tente conceber, mesmo que bem de leve, o que isto significa nesta operação. Num sentido bem real significa que não há mais alto nem mais baixo, nem maior ou menor no sentido destas palavras. Pois no que concerne à relação entre um arcanjo e um espírito recém-chegado há sempre presente o fator potencial. Aquele espírito jovem é potencialmente não somente um arcanjo, mas um príncipe e uma virtude e um poder além do grau arcanjélico.

Mas no que concerne à relação entre, dizemos, um anjo e o Pai – bem, no sentido da Terra, verdadeiramente o anjo é menor; mas na atmosfera dos céus esta relação é absorvida para a única grande realidade: a unidade de Deus, porque o anjo sabe que é uno a Deus. Maior ou menor aqui não tem lugar essencial. É de roupagens exteriores, como uma jóia ou bainha, não entra no santuário mais íntimo.

Isto é o que é trazido para casa a nós, em cada manifestação do Cristo. Sempre sentimos que, enquanto Ele é o Rei, e nós Seus súditos, também sabemos que Ele é uno ao Seu reino, e que todos Seus súditos dividem Seu trono. Ele comanda e Ele nos lidera, e nós obedecemos e seguimos, não tanto no que Ele comanda, mas porque o amamos e Ele a nós. Vê, meu filho? Bem, agora lance um pouco desta luz celeste sobre o futuro da

raça humana e talvez chegará a algum relance do caminho à frente como foi mostrado a nós que lhe falamos.

E também lembre-se disto, que a razão é das qualidades masculinas, e assim um instrumento imperfeito pelo qual avistamos o futuro do qual falo. A intuição é feminina, e será uma lente melhor para seus óculos de espião. Embora me pareça que as mulheres que lerem isto assimilarão o que quero dizer mais facilmente que os homens, estes não ficarão contentes a menos que entendam. A mulher não busca o entendimento avidamente porque lhe faltam valores lógicos. Ela tem muito pouca necessidade deles. Ela tem sua intuição que lhe serve muito bem, e servirá a ela e ao homem melhor ainda que presentemente.

Arnel, não acha que aqui está uma chamada para uma de suas pequenas parábolas?

Um ourives pegou em sua mão duas pedras, um rubi e uma esmeralda, para escolher qual colocaria num bracelete para a esposa de seu rei. Ele estava mais ou menos confuso, porém, porque o rubi era a favorita do rei, e a esmeralda a favorita da esposa do rei. Quando viu que não chegaria a uma conclusão por si mesmo, chamou sua esposa e perguntou-lhe o que ela faria neste caso; e ela disse que poria no bracelete um diamante. “Por quê – disse o ourives –, já que este não tem nem aquelas cores?” “Faça uma escolha”, disse sua esposa. E assim ele fez. Mas quando o levava ao palácio ele seguia temeroso do desgosto do rei, ou da rainha, ou de ambos. Mas quando o rei viu o bracelete, disse, “Você fez muito bem, ourives. O diamante é de excelente água, já que emana ricos raios vermelhos. Leve-o para minha senhora, para que ela também os possa ver.” E o ourives foi e mostrou-o à rainha. E a rainha também ficou muito satisfeita, e ela disse, “Ourives, você tem muito bom gosto para gemas. Este diamante é muito fino porque tem os raios da esmeralda. Complete a jóia e traga-me de volta.” Então o ourives foi para casa espantado, e perguntou para sua esposa por que ela havia dito a ele para colocar o diamante no bracelete. “Como foram as coisas no palácio?” ela perguntou, e ele respondeu, “Eles ficaram muito satisfeitos; porque o rei viu-o cristal e vermelho, e a rainha viu-o cristal e esmeralda.” “Apesar disso – respondeu a boa esposa –,

ambos estão certos, já que emana do branco raios dourados e esmeralda quando levantado, e ali há outras cores também. Porque o amor tem em sua base todas as virtudes misturadas, e cada virtude separada é apenas um de seus raios de amor. O rei e a rainha ambos viram no brilho do cristal o raios da cor de sua escolha. Por isso não houve inquietude na diferença entre eles. Não, seus raios favoritos misturaram-se juntos no cristal onde sua identidade fundiu-se no brilho nativo. Por que eles amam muito.”

Arnel †

Terça, 25 de março de 1919.

E agora, tendo lançado nossa seta para o futuro, devemos retornar ao jogo e modular de alguma forma nossa mensagem que já lhe foi passada. Falei em linhas gerais, pegando os fatos mais expostos no progresso da raça humana. Mas o cômputo no qual a humanidade entrou não é simples, é complexo. Como uma esfera interpenetra outra esfera, também assim fazem as correntes de progresso, mesclando-se juntas no rio amplo da evolução humana.

Assim, quando eu digo a você que a dominância do homem dará lugar à mansidão da mulher, não digo que tal dominância deva ser anulada. Não. A evolução da humanidade para a matéria e para a forma tinha um propósito de Seu Criador, e tal propósito não é atingido meramente para ser deixado de lado. Porque este período de evolução que está acabando foi essencialmente para o benefício espiritual do homem. E assim a autoridade que ele aprendeu deverá ser misturada na nova composição que agora se forma para sua futura exaltação.

Os raios do rubi não serão eliminados do diamante, ou em seu brilho faltaria a sua beleza. Mas estes raios vão se tornar mais subdivididos em sua manifestação, conforme a gema receba sobre suas facetas a luz do futuro num novo ângulo. Assim, por um período, os raios mais evidentes em sua cintilação não serão rubi, como até então, mas esmeralda.

Assim como houve outros raios que tiveram sua vez de serem percebidos em tempos passados, antes dos raios de rubi, assim também há, dentro do coração do cristal, ainda outros raios que encontrarão seu ambiente normal em manifestações exteriores pelas eternidades à frente, depois que os raios de esmeralda tenham tido sua vez.

Mais ainda, a nova era da mulher não virá catastrófica, mas bem lentamente, conforme vocês, os homens da Terra, progredam. Esta era ainda não está por nascer, quero dizer. Mas nascerá em tempo certo. E quando este tempo estiver próximo, bem – o Salvador nasceu à noite, e poucos prestaram atenção a isto. E contudo Ele foi fonte e nascente de Sua própria era. Então o mundo seguiu em seu curso normal de vida, e nenhuma interrupção era aparente aos que reconheciam seus anos A.U.C. Mas hoje, por causa daquele obscuro nascimento do Bebê na noite, toda a Cristandade reconhece A.D., e A.U.C. cessou nos calendários. Leia isto como uma parábola, já que é tão gentil em apreciar minhas parábolas, meu filho, e verá a significação inerente.

Mais adiante, você lembrará como lhe contei de nossa experiência na manifestação do Cristo criativo na Torre dos Anjos. Agora, aquilo foi uma parte de nosso treinamento para esta presente missão na Terra. E você verá, pelo que lhe contei dele, quão completo foi o treinamento. Ele se baseou na criação dos cosmos e mostrou-nos a constituição do átomo com o qual eles foram feitos. Foi-nos mostrado a evolução do mineral, do vegetal, do animal e do homem, numa longa e majestosa varredura da progressão da vida. Outras instruções seguiram-se, pelas quais nos capacitamos para avaliar os vários elementos que entram na composição da vida da Terra em particular, e portanto lidar com eles variada e efetivamente. Então fomos levados a relancear o futuro. E isto me leva ao presente termo de minha mensagem a você.

Agora, não posso contar-lhe toda a manifestação pela qual nos mostraram este futuro da espécie humana. São raios internos ao coração do diamante que emergem invisíveis dos ângulos do espectroscópio. Mas aquilo que você puder apreciar daquele

grandioso espetáculo, tão cheio de doce beleza, tão cheio de confiança e de alegria por nós, eu vou mostrar a você.

Chegou um tempo quando os vapores sobre a Terra tinham sido, através de nossa química celestial, separados em seus elementos nativos. Estes foram segregados e tratados separadamente, cada um por aqueles especialmente treinados para este particular serviço. Eles foram transmutados e, quando o processo de re-mistura deles numa massa mais saudável estava quase por se completar, fomos chamados de lado para descansar, outros tomaram nossa tarefa naquele instante.

Aconteceu que nós nos reunimos em miríades, fileiras e mais fileiras, nos céus escalonados. Foi uma visão de muito esplendor, encorajando-nos a todos pela unidade de nosso propósito assim exposto. Pois todos daquela vasta ordem tinham sua parte na redenção de nossos companheiros da Terra, e aquele propósito estava personificado n'Ele que liderava a campanha.

Lá distante eles chegavam, como mil arco-íris vistos em suas múltiplas cores no arco, todas dispostas e ordenadas. E cada anjo e arcanjo ali era um veterano vindo do campo – não como se ele fosse retornar, mas tingido com matizes mais ricos de roupagem e de corpo, e também enriquecidos pelos muitos despojos em tributo prestado em homenagem ao amor, e não tomado pelo direito de domínio conquistado.

Então, no vazio em nosso meio, uma esfera oca do tamanho do universo, chegou esta entidade de silêncio, da qual eu já lhe falei, onde está a presença de nosso Príncipe. E quando o silêncio nos cobriu, inclinamos nossas cabeças em reverência, da forma como sempre fazemos nestas horas. E esperamos muito felizes na doçura de nossa admiração reverente, e na unidade de nosso amor que encontrou seu foco n'Ele, nosso invisível Convidado.

Arnel †

Sexta, 28 de março de 1919.

Nesta vez nós tínhamos reassumido nossa condição normal, de acordo com nossos céus de habitação. Entretanto, apesar de

estarmos colocados como numa esfera oca, todos olhando para dentro em direção à Terra, mesmo assim a Terra não era visível a nós. Falo de meu próprio estado, e não daqueles cuja habitação era mais próxima da Terra, pois a eles penso que havia pelo menos uma sombra do planeta para se ver. Mas o que agora lhe conto está de acordo com a minha visão.

Olhei para dentro naquele grande vazio e tudo era vago, exceto que, enquanto a circunferência brilhou pela nossa presença circundante, conforme a profundidade do interior daquela esfera se mostrava, mais a escuridão aumentava. E bem no ponto central de tudo era realmente muito escuro. Então esperamos, e da escuridão vazia, ali do meio elevou-se um som de lamento que se espalhou para todos os lados, avolumando-se à medida que chegava até nós que formávamos a esfera espacial. Mas conforme vinha em nossa direção, o som ia ficando cada vez mais alto, e então ouvimos outro elemento misturado em sua tonalidade, a ainda outro, até que um acorde de múltiplas notas estava composto. No começo estava em desarmonia, mas também ele, conforme se aproximava de nós, tornou-se claro por completo até que finalmente toda a esfera vibrava com um tom profundo, agora não de lamento, mas de um diapasão viril.

Isto persistiu por mais um pouco, e então vagarosamente começou a mesclar-se com uma tonalidade mais leve até que evoluiu, era baixo e tornou-se tenor. Ainda continuou mudando, até que todo o espaço em nossos círculos estava preenchido com o som de um coro sustentado por vozes de mulheres.

À medida que esta harmonia se desenvolvia desta forma, as vibrações de luz respondiam ao progresso, e quando foi alcançada a consumação do som, então também todo o espaço interior a nós estava iluminado com uma radiação de muitas tonalidades lindas. E no meio, longe de qualquer um de nós todos, vimos que a manifestação começara a assumir visibilidade.

A Terra tornou-se visível como uma bola de cristal, e acima dela estava um menino. E então apareceu a seu lado uma menina, e deram-se as mãos. Suas doces faces estavam voltadas para cima e, conforme olhavam, tornaram-se gradualmente transfigurados em um jovem e uma moça, enquanto que o globo no qual

estavam expandiu-se até atingir um bom tamanho. Ali agora aparecia um trono com dossel sobre a mais alta curva do globo, e a jovem conduziu o rapaz aos degraus do trono e, enquanto ela se ajoelhava ali, ele subiu e sentou-se nele.

Uma hoste de servidores veio, parou em torno do trono e presenteou-lhe uma coroa e uma espada, e sobre seus ombros colocaram um manto vermelho profundo ricamente bordado. Então menestréis afinaram seus instrumentos musicais e cantaram a ele esta bênção:

“Emanado do espírito o senhor veio, Mestre de toda a vida da Terra.

“Para o universo exterior, onde a forma é, o senhor escalou, e olhou em torno. E estando firme em seus pés, sentiu que era um mundo bom, mesclado com algum desconforto. Desafiando um, proclamou-se mestre do outro. E depois da conquista feita e terminada, encontrou ambos sendo seus.

“Então olhou para si novamente, para a avaliação de suas posses. E o senhor, na mais alta disposição, sussurrou seu amor às coisas mais justas que lá encontrou. Então a mulher tornou-se seu tesouro mais querido entre todas as jóias que o Pai de tudo lhe deu do santuário de Sua casa do tesouro.

“As coisas que cantamos ao senhor são assim, Mestre da Terra no direito da conquista realizada?”

E o jovem colocou sua espada junto de suas coisas, enquanto dava sua resposta a estes que cantaram esta bênção.

“É como vocês cantaram, vocês que viram da Terra minha longa guerra de muitas batalhas. O que viram é verdadeiro, e falam a verdade, porque são homens e mulheres vassallos de nosso Senhor comum.

“E agora justifiquei e estabeleci o que estava reivindicando, e não há outro igual a mim em coragem sobre a Terra. Esta é minha herança. Clamei por ela, e estabeleci meu clamor.

“E ainda não estou completamente apaziguado, porque agora que esta questão desgastante está terminada, onde encontrarei caça para minha mira? A Terra, perturbada por tantas eras passadas, está agora composta, mais ainda perturbada. E a Terra cansou-se de inquietações, porque anseia por seu descanso para que possa deixar para trás o conflito de hoje e ter um amanhã de paz.

“Por isso vocês que me guiaram em minha humanidade até aqui, meus anjos amigos, mostrem-me que caminho tomar em minha jornada futura, porque ainda não os satisfiz em seus conselhos, já que estive mais em lutas que a sabedoria sussurrou que eu estivesse. Isto foi para minha própria dor, mas agora tenho mais sabedoria que aquela, comprada a grande preço, mas minha agora, pela compra.

“Tenho melhor audição para suas palavras de conselho hoje, porque terminei minha luta e estou um pouco cansado pela aspereza de minha subida, a que fiz até aqui a este trono.”

E então todos aqueles ministros ficaram divididos em cada lado dos degraus do trono, e uma ala abriu-se entre eles, quanto no meio da alameda apareceu uma donzela em seu vestido branco com bainha prateada e azul. Então ela esperou, mãos à frente dela, e com doce mansidão. Mas ela olhava diretamente à frente, no rosto do jovem rei que sentava mais ao alto e olhava para ela atentamente.

Até que, finalmente, ele lentamente pegou sua espada dentre suas coisas, e a coroa de sua cabeça, e desceu os degraus, ficando diante dela. Nos braços dela ele depositou a espada e sobre sua cabeça colocou a coroa. Então inclinou-se e beijou-a na testa, dizendo-lhe:

“Fui até aqui seu guarda e sua força contra os perigos de seu caminho, ao longo da jornada a qual eu e você fizemos juntos. Contra os ventos coloquei meu capote sobre você. Contra as muitas correntezas dos rios pus minha força contra as investidas, por você. Mas agora os perigos da estrada estão para trás de nós,

e o vento e a inundação transformaram-se em música na brisa do verão. E eu tenho você, querida, a salvo hoje, e toda minha.

“Mas agora eu lhe dou minha espada e minha coroa. Com a primeira mantive a ordem a salvo contra todas as questões. E achei que elas não seriam doces para mim a menos que eu desse ambas a você, e você, sendo bondosa, aceitasse meu presente. Elas significam um troféu daquilo que alcancei, minha querida, e são minhas, e eu as dou a vocês com todas as lembranças, para sua suave guarda. Seja ainda sempre gentil como foi a mim e, como é com amor que eu as ofereço, assim, com amor, receba-as. Elas são tudo o que posso dar a você, minha querida – um mundo, e elas.”

Então ela colocou a espada contra seu ombro esquerdo segurando-a com a mão direita, e tomou a mão dele e levou-o de graus acima, em direção ao trono, até que ficaram no mesmo nível, diante dele. Aqui foi feita uma pausa e, em instantes, depois de ter meditado no que deveria fazer, ele ficou ao seu lado e inclinou-se para ela, e ela, sem se encolher, sentou-se no trono, enquanto ele ficou ao seu lado olhando-a, muito contente que tudo assim fosse.

Mas quando olhei para baixo, vendo-os agora, percebi que a espada contra seu ombro esquerdo não era mais uma espada, mas um ramo de palmeira com jóias das cores do arco-íris. A coroa também havia mudado e, onde havia antes o círculo pesado de ouro e ferro, havia agora uma tiara de margaridas trançadas sobre seus lindos cabelos castanhos, cintilando com jóias semelhantes a estrelas de cores azul, verde, branco e amarelo profundo, mas vocês não têm amarelo na Terra como este, pelo brilho.

O jovem rei também mudara. Sua face estava mais plácida e seu semblante mais descansado, e o único manto que usava era um manto que não era para jornadas nem para batalhas, mas rodado e fluido, numa tonalidade dourada, com sombreados róseos em suas dobras.

Então ele voltou-se para ela e disse, “Eu lhe agradeço por ter aceitado o que eu tinha para lhe dar. Mostre-me agora nosso caminho futuro, no qual não mais seremos eu e você, mas você e eu, e seguiremos.”

E ela disse, “Não, porque sou para você, como você é para mim, querido. Seremos *nós* que traçaremos nosso caminho futuro juntos. Mas mapearei o alcance de nosso caminho, e marcá-lo-ei verdadeiro. Mas será você que deve lê-lo, meu querido.”

Arnel †

Capítulo IX

**A evolução futura da Terra. Psicometria cósmica.
Planetas etéreos. Manifestação do Cristo consumado.
O hino cósmico das coisas nos Céus, e coisas na Terra,
e coisas debaixo da Terra (Filip., 2, 10; Apoc. 5, 13)**

Terça, 1 de abril de 1919.

Enquanto isso, todo o espaço a nosso alcance ficou preenchido mais uma vez com o silêncio. E eles dois sentaram-se juntos no trono, já que ela o convidara para que se sentasse ao seu lado.

Então ouvimos a voz de um dos grandes que lideraram aqueles que vieram à esfera dez e preparou-nos para nosso avanço para a Terra. Ele ficou diante do trono e acima dele, e gritou:

“Eu falo a estes que são meus companheiros, e aos que foram chamados para formar hostes conosco para a descida à Terra. Para vocês esta manifestação foi dada para que possam, com este entendimento, atinar com seu próximo trabalho. Nós que viemos para liderá-los, também nos foi dado saber destas coisas. Mas a vocês estão sendo mostradas as novas. Portanto, tomem muito cuidado com elas para que possam pisar sem hesitação na estrada que se abre diante de vocês. Deus nosso Pai manda-lhes de Seu poder para o trabalho comissionado por Seu Querido que nos lidera, e através d’Ele esta corrente é vertida sobre nós e nos capacitará ao trabalho. A Ele, o Autor, sejam sempre nossas reverências.”

E então veio uma névoa radiante sobre o trono, e englobou a Terra até que não mais fosse vista por nós. E isto lentamente se expandiu e preencheu uma quarta parte da esfera no espaço e então permaneceu ali expandindo. Começou a revolver-se e pareceu tornar-se algo sólida, mas não era sólida como a matéria é sólida. Se você imaginasse um material terrestre duro, mas mesmo assim etéreo, meio caminho à transparência, então teria tido a aparência daquilo.

Enquanto rodava em torno de seu eixo, ali apareceram formas de continentes e águas sobre sua circunferência exterior. Elas

não eram coincidentes em seu mapeamento com o traçado que a Terra tem hoje. A nós estava sendo mostrada a nossa futura esfera de trabalho, e as formas estavam mudando como agora estão mudando na superfície da Terra, mas mais rapidamente. As eras adiante de vocês foram aceleradas para nós, e nós assistimos a tudo como num modelo móvel.

Ali também apareceram as cidades e seus habitantes e animais também, e as máquinas que os povos fizeram para seus diferentes usos. E enquanto o globo girava mostrando sua superfície para nós, continuamente revolvida, podíamos ver o progresso de tudo aquilo.

Quero dizer isso: tome como exemplo de outros continentes as suas próprias ilhas. Eu as notei primeiramente como serão poucos anos adiante. Então saíram fora da visão. Quando retornaram diante de nós novamente tornaram-se um pouco mudadas em configuração das linhas costeiras, e também em suas cidades e povos. Assim, conforme o globo girava, estas terras, e toda a raça humana e seu trabalho de construção e máquinas de locomoção e todo seu trabalho manual havia progredido através dos tempos, mas tudo foi condensado de milênios a horas. Devo ajustar minhas palavras para seu modo de pensar, meu filho. Os anos não têm o mesmo significado a nós como têm para vocês.

Agora não seria permitido que eu pescasse para você nas profundezas das eras futuras. Vocês da Terra devem cozinhar sua própria sopa. Assim é como deve ser. Apesar disso, é permitido contar-lhe onde estarão as águas piscosas. Então aqueles que pensarem em mim como um bom almirante acertarão suas navegações de acordo com minhas cartas, fora de questionamentos. Bem.

Agora, a Terra tornou-se mais linda enquanto navegava em sua viagem ao longo das eras. A luz ficou mais intensa em sua superfície, e sua massa tornou-se mais radiante de dentro para fora. Os povos não mais se apressam tanto aqui e ali, porque a natureza tornou-se mais unida a eles, e eles renderam-se mais genialmente à sua abundância. Por isso suas vidas eram menos febris e mais dadas à meditação. Assim, eles tornaram-se muito mais harmônicos uns aos outros, e todos eles mais sintonizados a

nós os que éramos capazes, por nossa vez, de verter sobre eles um grau maior de nosso poder e de nossa mais doce paz.

Conforme esta sintonia evoluiu, entusiasmos-nos com mais alegria saber que obtivemos, por nós mesmos, depois de muito esforço em luta, estas companhias mais jovens de nossa raça anciã. Isto foi muito doce para nós, meu filho.

E gradualmente a Terra por si estava mudada. Deixe-me contar-lhe.

Vocês têm uma nova palavra entre vocês que vi na sua mente e de outros: psicométrica. Eu entendo que significa esta faculdade pela qual em coisas sólidas é lido algum incidente passado por causa de certas vibrações deixadas gravadas nestes sólidos por eventos nos quais elas tomaram parte.

Bem, há uma verdade aqui que não será completamente conhecida de vocês até que a substância que chamam de éter tenha dado a conhecer aos seus cientistas os segredos de sua composição e forças inerentes nos seus átomos. Tempo chegará – vimos isso plenamente quando observávamos o globo rodando – quando então serão capazes de tratar, tanto analítica quanto sinteticamente com o lastro cósmico que chamam de éter. Terão que lidar com isto como o fazem agora com os líquidos e gases. Mas não é para agora, porque seus corpos ainda estão muito grosseiros para que lhes fosse permitido este grande poder com segurança. Enquanto isso, seus homens de ciência irão preparando o caminho.

Arnel †

Quarta, 2 de abril de 1919.

Estas vibrações psicométricas, portanto, são – assim concluímos depois de estudar a matéria – escritas, ou penetradas profundamente, no éter que banha a matéria. Mas não é só isso. O éter atua sobre a substância da matéria, e de acordo com as propriedades inerentes que energizam através deste éter, assim a matéria torna-se transmutada para uma substância mais sublimada. Estas propriedades vêm para o éter vindas de fora dele, invadem-no, e usando-o como médium entre elas mesmas e a

matéria, atuam sobre a matéria através do éter. Pois as partículas dos materiais estão em solução no éter, como seus homens da química já disseram. Mas eles não se aventuraram nada a mais do que permanecerem no vestíbulo. Além dele está o templo, e no templo o santuário. Quando se aventurarem para além do vestíbulo do material para o templo do etéreo então, e não antes disto, começarão a entender que este santuário é o dínamo pelo qual o éter, e através dele a matéria também, é energizado. O santuário é a habitação do Espírito.

E assim você tem o esquema deste tema em ordem certa, isto é, o Espírito impõe sobre o éter dinamicamente de fora, ou seja, do reino que é superior, tanto em poder quanto em grau de sublimidade, quanto à sua substância básica. Ele energiza o éter, que, por sua vez, atua nele e refina estas partículas que, com ele mesmo, formam a matéria substancial.

Mas esta ação não é automática: é intencional. Onde a vontade se expressa, está ali implicada a personalidade. São os indivíduos expressando sua personalidade que dão caráter ao éter, e a conseqüência é fielmente levada à matéria. O que resulta nisto: de acordo com o degrau de santidade das entidades espirituais que operam na matéria através do éter, assim aquela matéria é mais grosseira ou menos grosseira na substância de sua massa.

A qualidade da matéria da qual a Terra e todas as coisas ali são feitas é, portanto, suscetível ao caráter das individualidades espirituais que atuam nela intencionalmente. Estes são espíritos tanto encarnados quanto desencarnados.

E assim se passou que as pessoas da Terra progrediram mais para o alto espiritualmente, desta forma a Terra em si gradualmente, mas fielmente, respondeu à sua influência, que foi registrada na substância da qual a Terra é construída. A matéria tornou-se menos densa e mais etérea. É por isso que se tornou mais brilhante com a radiação vinda de dentro, como a vimos enquanto girava. Era nem mais nem menos que a psicometria cósmica na massa, mas essencialmente idêntica com a que presentemente conhecem manifestada em detalhes.

À medida que a Terra e seus povos tornaram-se mais e mais eterizados, assim as hostes espirituais foram ficando competentes

para consorciarem-se com estes povos com maior facilidade, e sua conversação foi ficando mais freqüente e mais livre do que é hoje. E, para encurtar minha história, chegamos ao período em que o progresso atingiu um grau em que a comunhão de espíritos com as pessoas era normal e contínuo. Então ficou possível que uma grande manifestação acontecesse; dela contarei mais adiante.

Mas isto primeiro: deixo as constelações e falo apenas de nosso sol e de seu sistema planetário, assim...

Estes planetas que seus cientistas mapearam são, dizem eles, materiais.

Eles perceberam depois que a matéria destes planetas é constituída em proporções não-idênticas daqueles ingredientes que concorrem para a construção de sua massa material. Mas eles ainda não procederam ao registro de um outro fator que entra nas causas da diferença de densidades. É o fator espiritual do qual eu lhe falei, e que entrou na evolução de alguns destes planetas de tal forma a colocá-los adiante em sua peregrinação evolucionária, à frente da Terra.

Há outros que não são visíveis a vocês da Terra porque eles são os que progrediram em sua eterização além do material, e tornaram-se etéreos. Podem ser vistos por aqueles que vivem em planetas de substância semelhante. Não são espirituais, mas estão entre os estados material e espiritual. Seus habitantes são conhecedores dos outros planetas, dos quais a Terra é um. E agem sobre estes planetas muito poderosamente, sendo ao mesmo tempo mais adiantados que a população da Terra, mas mais próximos deste estado que os espíritos são.

Estes de quem falo são planetas reais em si mesmos. Mas há outros planetas etéreos, por assim dizer. Um destes engloba a Terra. Pois é do éter mais denso do qual este planeta etéreo é composto que a Terra é banhada. Não é meramente um cinturão de éter somente a serviço da Terra. Tem seus próprios continentes e oceanos e povos. A maioria deles morou na Terra em eras pretéritas, e alguns jamais foram habitantes da Terra, jamais tendo alcançado manifestação material em corpos de carne e sangue.

É o que alguns homens chamam de plano astral?

Este nome não é entendido igualmente por quem o usa. Mas, do jeito que você mesmo leu e compreendeu isso, este planeta etéreo de qual falo não é. É o que eu disse dele. Estes de raça humana que vieram para estar aqui são velhos cidadãos, como faláramos, e sua residência ali é incerta como sua futura duração. Eles são uma espécie de produto da humanidade da Terra em longas eras passadas.

Você passa através deste planeta etéreo em seu caminho para a Terra das altas esferas?

Localmente devemos fazer isso. Mas não somos suscetíveis ao seu ambiente normal, conforme passamos através dele. Não somos sensivelmente conscientes de sua presença. Não há relação com as esferas um, dois, três, conforme eu havia falado delas em sua graduação em números. É uma outra ordem de criação, e muito estranha. Está muito distante e afastado dos altos planos de nossas caminhadas, por isso sei pouco dos detalhes concernentes a isto. O que já lhe falei, e um pouco mais, foi explicado a nós para nos ajudar a justificar alguns eventos excêntricos que nos deixavam muito perplexos até que este novo fator foi trazido ao nosso conhecimento. E então entendemos.

Arnel †

Quinta, 3 de abril de 1919.

Agora que clareamos o campo, meu filho, falaremos a você de uma manifestação que nos foi mostrada. Seu sentido foi de demonstrar a nós para que fim tendia a presente evolução, para que pudéssemos, com a maior segurança, direcionar nosso curso à frente.

A Terra, como foi vista diante de nós, chegou a um estágio onde o etéreo e o material quase se igualaram no conteúdo. Os corpos dos homens eram ainda de matéria, mas purificada, e mais sensivelmente abertos aos céus da vida espiritual que nos tempos de formação – estes mesmos tempos em que vocês vivem hoje.

A Terra correspondeu ao impulso para cima, e a vegetação que produzia deitava em seu solo tão sensível quanto um bebê no colo de sua mãe.

Não havia mais reinos sobre a Terra, mas uma confederação de povos cujas cores não eram tão diversas umas das outras como são hoje.

A ciência também não era a ciência da Europa como é agora, mas sendo entendidos os poderes das dinâmicas etéreas, toda a vida do homem foi transformada. Não seguirei com mais detalhes. Não é de minha competência. Fico no estágio da preparação do planeta para que você possa mais claramente discernir o que veio a nós para nossa instrução.

A luz tornou-se cada vez mais intensa, vinda de dentro da Terra, ainda em seu giro lento em torno de seu eixo, até que brilhou sobre as nossas hostes, e nós ficamos mais brilhantes também por sua radiação. Então, de fora desta luz terrestre, vieram em direção a suas miríades todas estas forças semi-rationais que têm seu lugar entre os elementos da Terra. Estas eram muito estranhas em suas formas, e também em seus movimentos. Eu ainda não as tinha visto até então, e estava muito interessado em suas maneiras. Estas de quem falo eram aquelas forças impessoais que asseguram a coesão nos minerais, e aqueles pelas quais os vegetais entusiasma-se por suas vidas, e aqueles que eram guardiães dos animais em suas espécies. As entidades minerais não eram muito conscientes de si mesmas até que eram magnetizadas por aqueles grandes senhores da criação, cuja providência era sustentar este reino em suas ordens. Mas as entidades vegetais tinham em si mesmas uma faculdade formada e subjetiva de sensação, com a qual respondiam às forças enviadas sobre eles por seus próprios governadores. É por isso que uma mudança é, substancialmente, uma operação mais rápida nos vegetais que nos minerais, à medida que surge visível em crescimento.

E pela mesma causa o anverso é conseqüente, quando a personalidade de um homem é introduzida interferindo em seu estado normal de desenvolvimento. Quando dois minerais são opostos, ou dois afins, e são postos em contato em solução, como

na química, sua ação em relação ao outro, ou um contra o outro, respectivamente, é imediata e violentamente exposta, porque eles têm muito pouca consciência para se oporem a esta influência esotérica. Mas quando o mundo vegetal é invadido pelo cultivador, a resposta da planta é mais tardia e deliberada, porque se opõe com a sua inerente consciência de tal distúrbio em seu método normal de crescimento.

As entidades animais, entretanto, tinham sensação plena de si mesmas, e também uma módica personalidade. E seus senhores eram esplêndidos em seu arranjo.

Estes vieram em direção à Terra e, deixando sua superfície, pegaram seus lugares no meio do espaço entre nós e a Terra. Então, do vácuo entre nós e eles, seus governadores emergiram para a visibilidade. Não posso descrever seu aspecto porque não há nada que se compare a eles na Terra, apesar de serem eles muito ocupados no meio de vocês, apesar de tudo. Fico contente em dizer-lhe que olhávamos para cada um que conhecíamos, por aquele seu aspecto, aquele departamento da natureza da qual ele era governador. Fosse ele atmosfera, ou ouro, ou carvalho, ou tigre, seu domínio estava escrito plenamente sobre ele, em toda a sua beleza. A forma, e a substância de seu corpo, e conteúdo, e vestimenta, tudo expressava seu reinado. Alguns tinham vestimenta, outros não. Mas a grandeza destes grandes senhores é muito majestosa em força e atrativos. Todos tinham seus acompanhantes que estavam ordenados em degraus. Estes eram encarregados das subdivisões de seu reino, e ligados ao seu senhor com animais ou forças que estes senhores controlavam.

Agora, como eu poderia contar a você do contato entre eles, quando se misturaram juntos com suas criaturas que emergiram da luz da Terra? Direi assim: conforme suas companhias aproximaram-se das criaturas da Terra, um movimento foi feito entre eles e cercaram cada um o seu senhor. Eles não o esconderam, mas o vestiram. Então também as forças da Terra, quando se encontraram com estas formações mais elevadas, tornaram-se misturadas com elas, e o resultado foi um manto sobre a Terra, que a protegia ao mesmo tempo em que a enchia de tesouros.

Com efeito a Terra, agora mais radiante que era antes, estava no meio de um dossel de entidades vivas que formavam drapeados em todos os lados dela, como cortinados de um pavilhão envolvendo um trono. A Terra agora brilhava como uma pérola grande e linda, mas com veios verdes e dourados e vermelhos e âmbar e azuis sobre ela. E dentro dela brilhava sua luz inerente, refulgindo com a chama da reverência sobre a Terra, que pulsava com vida e alegria pelos impulsos dos senhores criadores e suas miríades que a invadiam e eram presenteados com um sensível e visível encantamento.

Então, embaixo deste dossel vívido, a forma do Cristo apareceu. Era como Cristo Consumado que Ele agora aparecia. Foi muito difícil transcrever sua aparência quando o vi assim anteriormente. E o que dizer a você da aparência d'Ele agora?

Seu corpo era de uma substância translúcida e com perfeito equilíbrio de harmonia misturava em si mesmo todas as cores distintas, tanto da Terra quanto das miríades em torno. Ficou sobre a grande pérola radiante. Ela ainda girava embaixo de Seus pés, mas Ele ficou firme ali. Seu movimento não tinha efeito sobre Sua parada ali.

Ele não tinha vestimenta, mas a glória de todos os vários departamentos da vida suspensos em torno d'Ele surgidos através de seus grandes senhores e estavam direcionados sobre Ele em correntes de reverência. Isto fez a vez de vestimenta sobre Ele, e completava o santuário onde Ele estava, com sua linda radiação.

Sua face era calma e repousada, mas Sua testa tinha um aspecto de grande majestade e poder. A divindade parecia vesti-lo como um capote sobre Seus ombros, caindo ao Seu lado em ricas dobras de luz violeta.

Agora nós estávamos todos em torno e em cima e embaixo d'Ele, circundando a Terra. Mas não havia nem frente, nem a parte de trás, nem nada sobre Ele, nem abaixo d'Ele. Todos nós, e cada um de nós, víamos todo Ele – frente, costas, e através, e através. Você não vai entender isso. Digo, e deixo assim. Foi assim que o vimos então.

Então vieram vozes de todas aquelas ordens de miríades, cada grande companhia agrupada em sua própria ordem, e cada um

soando seu próprio hino de adoração, e ainda todos juntos como num grande coro de harmonia criativa que preencheu nossos céus, e todos os espaços sobre os planetas em suas órbitas, e tinham resposta dos de fora do espaço que mantinham a vigília sobre seu encargo planetário especial.

Um hino como este, em seu todo, não posso pôr em palavras de um só povo de seu planeta Terra. Mas, usando suas palavras em inglês, contarei a você, até onde seja capaz, daquilo que nos encantou, misturando nossa reverência com a daquelas ordens do universo numa grande corrente de louvor conjunto:

“O que está além de vocês nas profundezas do espaço não conhecemos ainda, e a Terra é apenas um cisco nos raios de seu Sol Celestial. Mas isto sabemos, desde que vimos a Providência de seu Reinado, Cristo do Pai: que o que está além é totalmente bom.

“O que virá ao nosso encontro nas eternidades à frente de nós, na estrada que percorreremos, que pessoas ali moram, que tipo de príncipe governa – estes, também, não conhecemos. Mas seguimos adiante sem medo, porque seguimos o senhor, o Cristo. Sobre seus ombros sentam o poder e o amor abraçados um ao outro, em sua coroa de majestade.

“Quem é o Pai, sabemos, porque vimos o senhor Seu Amado, e nós o amamos também. Então o nosso amor encontra com o amor do Pai no senhor, como num encontro. Conhecemos Ele no senhor, e nos contentamos.

“O senhor é lindo e magnífico, Amado, mas toda a sua beleza não nos pode ser mostrada, por ser grande demais.

“Mas na empreitada em que nos aventuramos em frente, estamos todos fortes de coração e destemidos e esperançosos. E o senhor todavia nos lidera, nós o seguiremos, Cristo Consumado de sabedoria, de força e de amor criador.

“Rendemos nossa justa reverência, ordenada e disposta em graus. Conte-nos com a bênção de sua Paz.

Arnel †

FIM

Notas:

- ¹ *O Ministério do Céu*, Livro 3, cap. IX.
- ² As palavras e comentários do Rev. Vale Owen estão em itálico.
- ³ Ver prefácio.
- ⁴ Ver prefácio.
- ⁵ Ver Livro 1, *Os Planos Inferiores do Céu*.
- ⁶ Foi nesta sessão que Arnel pela primeira vez afixou seu nome, e daqui em diante assinou cada uma das comunicações, sempre acrescentando o sinal da cruz.
- ⁷ Ver prefácio.
- ⁸ Ver o último capítulo do Livro 3, *O Ministério do Céu*.
- ⁹ Ver prefácio.
- ¹⁰ **Shekinah**: palavra hebraica para *Habilitação* ou *Presença de Deus*; muitas vezes usada no lugar da palavra Deus. No judaísmo, vem do fato que Ele “habitou” ou “descansou” entre Seu povo. (N. T.).